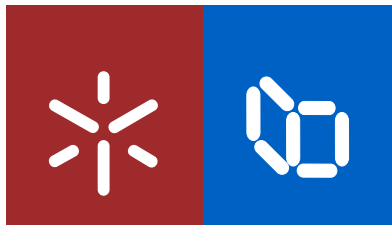


Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

João Pedro Ferreira Alves

Racionalidade e Religiosidade n'O *Outro*
***Livro de Job* de Miguel Torga**



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

João Pedro Ferreira Alves

Racionalidade e Religiosidade n'*O Outro*
***Livro de Job* de Miguel Torga**

Dissertação de Mestrado
Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Eunice Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todo o apoio demonstrado e pela paciência na gestão dos momentos mais complicados de dúvidas e indecisões. Reconheço a dificuldade deles em digerir as minhas mudanças de temperamento quando me deparava com certos obstáculos científicos e existenciais, daí a minha profunda gratidão.

À minha família por todo o seu reconhecimento e compreensão, contribuindo indelevelmente para a minha realização pessoal e profissional.

À minha noiva Anita pelo amor, inspiração e apoio moral demonstrados em todas as etapas do trabalho, aqui vai um profundo agradecimento.

À Natália Carvalho pelo apoio prestado no processo moroso e meticuloso de formatação do texto, ajudando-me a adotar os melhores procedimentos nesta matéria.

À Ângela Maria Salazar pela disponibilidade no apoio técnico referente à tradução do resumo para a língua inglesa.

À Professora Doutora Eunice Ribeiro por partilhar comigo todo o seu amplo conhecimento, a sua completa disponibilidade e amizade e, acima de tudo, pela ajuda na orientação e supervisão pedagógica e científica na dissertação.

A todos, a minha palavra de agradecimento e amizade.

Racionalidade e Religiosidade n' *O Outro Livro de Job* de Miguel

Torga

RESUMO

As obras de Miguel Torga vão, na sua maioria, ao encontro do religioso e do místico. A obra mais em evidência nesta dissertação será *O Outro Livro de Job*, uma releitura d'*O Livro de Job* bíblico. Contudo, ir-me-ei debruçar, igualmente, sobre outras obras, sempre que se justificar tal ação.

Abordarei, de uma forma mais reflexiva, a escrita do autor, salientando o facto de a dissociação tradicional entre racionalidade e religiosidade ser indelevelmente ultrapassada pelo escritor. Em toda a sua obra existe uma constante recriação literária que vai ao encontro da sua formação científica, a qual interfere bastante com o seu espírito místico. Seguidamente e após uma contextualização d'*O Livro de Job* bíblico entrar-se-á mais propriamente no tema central da dissertação, em que, baseando-se na dicotomia entre Deus e o poeta Torga, na obra *O Outro Livro de Job*, procurar-se-á demonstrar que existe uma grande convivência interior entre a razão e a religiosidade do escritor, o qual, servindo-se de textos bíblicos, nos transmite o seu grande conflito no que toca a esta matéria.

Paralelamente ao seu espírito agnóstico, Miguel Torga foi, acima de tudo, na Literatura Portuguesa, um grande existencialista, na medida em que colocou sempre em questão os dogmas da Escritura Sagrada, revoltando-se, n'*O Outro Livro de Job*, com sátira e mordacidade, adotando uma atitude caricatural em busca de uma identidade em clivagem com a condição divina, enaltecendo sempre a humanidade plena. Conforme o próprio refere nos seus textos diarísticos, a sua alimentação diária está no seu ato criador, tendo em conta um espírito desconstrutivo sustentado na Bíblia.

Palavras-Chave: Identidade; Miguel Torga; misticismo; poesia; racionalidade; religiosidade.

Racionalidade e Religiosidade n' *O Outro Livro de Job* de Miguel

Torga

ABSTRACT

Miguel Torgas' pieces, works and essays go mostly to meet the religious and mystical boundaries. The most evident piece of work on this dissertation will be *O Outro Livro de Job* which is a retelling and a reinterpretation of the biblical passage of the *O Livro de Job*. Despite being the central piece of my work I will also dedicate myself and focus other works and pieces whenever needed.

I will also focus, in a more reflexive way the author' s writing, giving specially attention to the fact that the traditional dissociation between reason and religion is indelibly overcome by the author. There is a constant literary recreation throughout the all piece, which leads to a meeting point with his scientific training and backgrounds, which undoubtedly interferes with his quite mystical spirit and beliefs. After a deeper contextualization of the biblical *O Livro de Job* I will dedicate to the main theme of this dissertation, always bearing in mind the dichotomy between God and the Poet Torga present and enlightened in *O Outro Livro de Job*. I will also try to demonstrate the existence and presence of a deep inner collusion between reason and religion, that by the references to biblical passages, it is the author's purpose to enlighten the inner conflict regarding this issue.

Alongside its agnostic spirit, Miguel Torga was, above all, a great and deep existentialist, as he have always questioned the holly biblical dogmas, rebelling himself in *O Outro Livro de Job* , with sarcasm, satire and poignancy, always adopting, at the same time a caricatured attitude towards these dogmas, in the hope of finding an identity cleavage in the form of God , exalting humanity in its deeper and true sense and meaning. According to him, and to what he writes in his diaristics writings, his daily diet comes from its creative act of writing which draw his and our attention to his deconstructive spirit sustained in and by the holly bible. There is thus at the heart of the Torguiana writing, several and constant analogies with biblical passages, impregnated with scientism, which by itself demonstrates his rational - mystical vein in everything he says and do.

Key Words: Identity; Miguel Torga; mysticism; poetry; rationality; religiosity.

ÍNDICE

Índice.....	ix
INTRODUÇÃO	11
CAPITULO I.....	15
1.1. - Diálogos entre poesia, religião e ciência.....	15
1.2 – As Gerações do Primeiro e Segundo Modernismos e a procura da Identidade	32
CAPÍTULO II.....	41
2.1 - A Religião e A racionalidade na formação do indivíduo torguiano e da sua escrita	41
2.2 – O binómio sagrado/profano, o poder da religião e o esoterismo.....	55
2.3 - A demanda da autenticidade e as marcas de uma formação científica	65
2.4 – A escrita torguiana: <i>a cegueira</i> como confidente da escrita intuitiva e sentimental	70
CAPÍTULO III.....	75
3.1. <i>O Livro de Job</i> bíblico <i>versus O Outro Livro de Job</i> torguiano: forma e conteúdo..	75
3.2. <i>O Outro Livro de Job</i> : confidências entre o racionalismo e o mundo religioso. Uma releitura.	81
3.3. O universo místico e racional.....	103
3.3.1. A bipolarização entre Deus e o Poeta: o aspeto teológico e o aspeto cósmico..	107
3.3.2 A questão caricatural e identitária n' <i>O Outro Livro de Job</i>	111
CONCLUSÃO.....	119
Bibliografia	123

INTRODUÇÃO

Escolheu-se este tema para a dissertação de Mestrado tendo em conta, numa primeira instância, uma grande admiração pessoal pelo poeta, prosador, dramaturgo, diarista, ensaísta, filósofo Miguel Torga, figura que esteve, está e estará para sempre subordinada a um sentimento profundo de “Portugalidade”. Desde as fragas transmontanas até ao seu consultório em Coimbra, o autor vai-se revelando como uma entidade apegada à sua terra:

Hoje
Sei apenas gostar
Duma nesga de terra
Debruada de mar.¹

Motivou ainda a minha opção pelo tema um interesse especial pela Sagrada Escritura, tema bastante abordado nas obras de Miguel Torga, embora de um modo muito peculiar e conflituoso. Será um enorme desafio tentar destrinçar esses tumultuosos conflitos patentes na relação do autor com o divino. Por outro lado, a descoberta progressiva de um poeta de que se conhece sobretudo o que os manuais escolares se limitam a fornecer, o envolvimento nos textos que nos atraem, muito para além dos *Contos da Montanha*, e a persistência de todos aqueles que verdadeiramente teimam em o não esquecer, levaram-nos a aceitar este desafio com todas as suas dificuldades.

As obras de Miguel Torga vão, na sua maioria, ao encontro do religioso e do místico. A obra mais em evidência nesta dissertação será *O Outro Livro de Job*, uma releitura d’*O Livro de Job* bíblico. Contudo, debruçar-se-á, igualmente, sobre outras obras, sempre que se justificar tal ação, até porque o binómio racionalidade/religiosidade está, de certo modo, implícito em todas as suas obras.

Como se sabe, Miguel Torga é o pseudónimo artístico utilizado pelo homem Adolfo Correia da Rocha, um “homem de um perfil temperamentalmente imperativo, sibilino e paciente, tem nos modos e no carácter o jeito da dignidade rural que o investiu, a imagem feita dos sinais de uma linguagem mais próxima dos animais e das ervas que dos homens e dos deuses.”² Oriundo do meio rural, mais concretamente, de Trás-os-Montes, S. Martinho de Anta, pertencente ao

¹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Portugal*, Editora Planeta De Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.11.

² Cf. GONÇALVES, Fernão de Magalhães, *Ser e Ler Miguel Torga*, Vega e Fernão de Magalhães Gonçalves, Lisboa, 1998, pp.11-12.

distrito de Vila Real, o escritor transportou para os seus poemas o elemento natural em oposição com o plano eterno³, dado que Torga repudiava a transcendência e o céu⁴. É neste contexto que o autor, associado ao Segundo Modernismo português, em 1930, rompe com esse movimento, demonstrando uma vontade e uma ideologia muito *sui generis* ligada ao carácter telúrico da poesia torguiana, caracterizado por uma atitude muito individualista, de feição violenta e vitalista, tendo sempre como pano de fundo o carácter da sua natureza existencial.

Como a intenção é a de dissertar sobre a relação entre razão e religião n' *O Outro Livro de Job* de Miguel Torga, domínios que ora estão em conflito, ora se coadunam um com o outro, numa primeira instância, far-se-á uma contextualização da situação da religião e da ciência com a poesia, tendo em conta a abordagem de alguns poetas/escritores da literatura portuguesa, tendo sempre em vista o médico Adolfo Correia da Rocha e o escritor Miguel Torga.

A situação do Homem Ocidental, hoje em dia, é de profunda rutura e divisão, “ruptura com Deus, divisão entre os homens, cisão consigo próprio”⁵, contudo, perante este cenário, o mesmo Homem Ocidental sente, ao mesmo tempo, a necessidade de uma renovação moral, social e pessoal⁶ que vá ao encontro dos seus anseios e desejos.

Tendo em conta o período conturbado de crise social, económica e política vigente na época de Torga, visto que em Portugal se vivia num clima de repressão e ditadura, proceder-se-á a uma abordagem contextualizada sobre as ideologias/pensamentos e vivências de autores ligados ao período do segundo modernismo.

Abordar-se-á, de seguida, de uma forma mais reflexiva, a escrita do autor, salientando o facto de a dissociação tradicional entre racionalidade e religiosidade ser indelevelmente ultrapassada pelo escritor. Em toda a sua obra existe uma constante recriação literária que vai ao encontro da sua formação científica, a qual interfere bastante com o seu espírito místico⁷.

³ “Repare-se na oposição, tão frequente na obra de Torga, entre o que é do mundo natural, solar, doirado, quente e, por tudo isso, alegre, ao que é do plano do eterno: lunar, de um negro de sotaina, e por isso, triste e frio” Cf SOUSA, Carlos Mendes de (org.), *Dar Mundo ao Coração, Estudos sobre Miguel Torga*, Texto Editores Lda, Lisboa, Outubro de 2009, p.33.

⁴ “Tudo o que pareça remeter para uma qualquer transcendência, céu ou mar, em que os seres da Criação não consigam fincar pé ou raiz, é repudiado por Torga.” *Idem*, p.29.

⁵ PINTO, António Vaz, *Atéismo e Fé - A situação religiosa do Ocidente*, Edições A.A. O., Braga, 1989, p.26.

⁶ *Ibidem*. “Simultaneamente, talvez nunca se tenha sentido na sociedade humana um desejo tão profundo e universal de unidade, de reconciliação, de paz, de Humanidade. Há uma esperança e uma busca, consciente ou inconsciente, de um novo Futuro, de uma nova síntese, de valores e culturas, de Povos e Raças.”

⁷ “A experiência mística pode ser caracterizada como um sentimento claro da comunhão com Deus ou com o espírito do mundo. Enquanto a oração e o sacrifício implicam um abismo entre Deus e o homem, o místico tenta estabelecer uma ponte sobre o abismo...O místico sente pelo menos durante um breve momento, ser inseparável de um Eu maior – não importa se ele Lhe chama Deus, espírito do mundo, eu,

Seguidamente e após uma contextualização d'*O Livro de Job* bíblico, entrar-se-á mais propriamente no tema central da dissertação, com base na dicotomia entre Deus e o poeta Torga, na obra *O Outro Livro de Job* em que se procurará demonstrar que existe uma grande convivência interior entre a razão e a religiosidade do escritor, o qual, servindo-se de textos bíblicos, nos transmite o seu grande conflito no que toca a esta matéria.

Paralelamente ao seu espírito agnóstico, Miguel Torga foi, acima de tudo, na Literatura Portuguesa, um grande existencialista⁸, na medida em que colocou sempre em questão os dogmas da Escritura Sagrada, insurgindo-se, n'*O Outro Livro de Job*, com sátira e mordacidade, em desprimor da condição divina, em prol da humana. Segundo ele próprio refere nos seus textos diarísticos, a sua alimentação diária está no seu ato criador, que o ilumina no seu espírito desconstrutivo sustentado na Bíblia:

A inquietação que me traz cada livro? Mas, com todos os riscos, prefiro assim. Tudo, menos ser um escritor demitido, um artista que desiste da sua chama de criador. Da chama que o ilumina... e o queima.⁹

Nessa ligação à Bíblia, “Torga recorre constantemente a diferentes alusões e figuras da mitologia bíblica, quer do Antigo quer do Novo Testamento, embora quase sempre subvertendo-lhes a mensagem e as atitudes, numa posição de transgressão para afirmar a liberdade humana

vazio, universo ou outra coisa qualquer... Com base nos testemunhos de místicos de épocas e culturas variadas, são normalmente atribuídas à experiência mística as seguintes características: - O místico sente uma unidade em todas as coisas...; - Apesar do facto de o místico se ter preparado longamente para o seu encontro com Deus, ou com o espírito do mundo, sente-se passivo quando isso acontece. É como se estivesse a ser agarrado por uma força que lhe é exterior; - O místico sente-se como se tivesse sido arrebatado da existência quadrimensional; - O místico usará com frequência paradoxos, ao tentar descrever o estado que experimentou... Também para o homem actual a dimensão mística pode representar um papel decisivo. Muitos admitem ter tido experiências místicas, sem as atribuir a uma religião específica. Um aspecto típico destes místicos modernos é que, regra geral, não tomaram quaisquer iniciativas que os transportassem para um estado místico. E repentinamente, no meio da azáfama enfadonha, sentiram a manifestação daquilo que designam por «consciência cósmica», «sensação de oceano» ou «osmose mental»” Cf: GAARDER, Jostein, Viktor Hellern e Henry Notaker, *O Livro das Religiões*, Editorial Presença, 2ª edição, Lisboa, Junho de 2003, pp.36-38.

Armindo Augusto define o poeta Miguel Torga como um “autêntico místico em estado selvagem. Místico, no desejo insaciável de Absoluto, de Deus; místico, na perplexidade em que se demora: vou, não vou, quero, não quero; místico no desejo de seguir por caminhos não batidos; místico, até no simbolismo amoroso da linguagem. Mas, místico em estado selvagem: porque não consegue dominar os instintos brutos e contraditórios.” Cf: AUGUSTO, Armindo, *Miguel Torga: o drama de existir*, 2ª edição, Edições Tartaruga, Chaves, 1997, p.108.

⁸ Miguel Torga foi um poeta insaciável, estando constantemente a questionar tudo e todos, principalmente a sua própria identidade. Neste prisma, recebeu influências de vários existencialistas: “Tudo isto se reflecte na obra do escritor português. Ele vive a angústia religiosa de Kierkegaard. Como Nietzsche, sente a tentação do ressentimento que continuamente lhe segreda a possibilidade de recriar o mundo. O ser-para-a-morte, a náusea, o risco, a ansia de liberdade, toda a temática existencialista lhe é familiar. Com Gabriel Marcel dá relevo à esperança. Como Jaspers, vê limites por todos os lados. Com Unamuno, vive o sentimento trágico da vida”. Cfr: AUGUSTO, Armindo, *Miguel Torga. O drama de existir*, Chaves: Edições Tartaruga, 2ª edição, 1997, p.48.

⁹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. V e VI*, Editora Planeta De Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.28.

em confronto com o Criador. Essa influência da Bíblia é visível no título de muitos poemas e até de obras como *O Outro Livro de Job, Penas do Purgatório, Pão Ázimo ou A Criação do Mundo*.¹⁰

Há, portanto, no cerne da escrita torguiana, constantes analogias com passagens bíblicas, sendo, ao mesmo tempo, impregnada de racionalismo, o que demonstra a sua veia místico-racional em tudo o que diz e faz.

¹⁰ LOPES, Maria do Carmo Azevedo, *MIGUEL TORGA - Uma poética de autenticidade*, Edições Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2005, p.133.

CAPITULO I

1.1. - DIÁLOGOS ENTRE POESIA, RELIGIÃO E CIÊNCIA

As religiões são, desde sempre, uma componente muito importante na vida das pessoas, na medida em que têm ido ao encontro das suas necessidades morais ou espirituais. Pelo contrário, a Ciência valoriza mais as exigências do intelecto, onde aglomera todas as suas forças. Como nos diz Edouard Schuré, todos nós, seres humanos existentes neste mundo, “temos em nós esses dois mundos, aparentemente irreconciliáveis, oriundos de duas indestrutíveis necessidades humanas: a científica e a religiosa”¹¹. Partindo do contraste e da interdependência entre estes dois domínios, no que toca ao desempenho humano na sociedade, deparamo-nos com uma religião que começou por estar ligada à magia transcendental, sendo considerada por Gauchet “uma escolha e não uma necessidade, uma escolha contra o poder e contra o Estado”¹², contudo, esta ideia de uma religião contra o poder caiu por terra e deu lugar à correlação trinitária entre o poder, a ciência e a própria religião. Estes três domínios interagiram em simultâneo, no contexto das colonizações, dado que os povos exploradores impunham à força o seu domínio sobre os povos colonizados, servindo-se, essencialmente, da religião como um meio para fazer aderir os colonizados ao domínio dos colonizadores. Partindo da correlação trinitária dos tempos coloniais referida acima e reportando aos dias de hoje, a religião e a ciência “formam dois sistemas sociais complexos que agrupam experiências individuais e colectivas e que têm as suas normas e padrões de comportamentos”¹³, podendo haver, entre os dois sistemas, relações de conflito, independência, diálogo, complementaridade e integração. Começando pela relação conflitual nos nossos dias, a ciência, como área em pleno desenvolvimento, tende a ofuscar a visão religiosa, em que “o avanço da ciência implica sempre um retrocesso da religião”¹⁴. De notar que a valorização da ciência se foi desvanecendo a partir do momento em que se começaram a colocar em questão as consequências nefastas das experiências científicas, principalmente aquando da II Guerra Mundial, devido aos exageros

¹¹ SHOURÉ, Edouard, *Os Grandes Iniciados, Esboço da História Secreta das Religiões*, Vega, Limitada, Lisboa, 1998, p.12.

¹² AUGÉ, Marc, “Religião” in *Religião/Rito*, Enciclopédia Einaudi, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XXX, 1987, 177-243.

¹³ VALLINA, Agustín Udías, “Relações entre Ciência e Religião” in *O Avanço Da Ciência e o Recuo de Deus*, 1ª edição, Álvaro Balsas (org), Fronteira do Caos Editores, Porto, 2013, 19-60. (p.22)

¹⁴ BALSAS, Álvaro (org.), *O Avanço Da Ciência e o Recuo de Deus*, Fronteira do Caos Editores, Porto, 2013, p.29.

cometidos contra a dignidade humana. No sentido de ultrapassar essas clivagens e de estabelecer relações consensuais entre a ciência e a religião tem-se caminhado algumas vezes na direção de um reconhecimento respeitador da mútua autonomia e independência desses dois domínios.

Ao longo da história, tanto a religião como a ciência são elementos de um processo mais amplo, que podemos designar como cultura, no qual se misturam, além disso, a arte em todas as suas manifestações, as relações pessoais e outras manifestações. Por isso, entre ambas não pode existir menos do que uma contínua interação. Se bem que se deva respeitar a autonomia própria de cada uma destas duas manifestações culturais, a sua interação e diálogo mútuo tem também que aceitar-se.¹⁵

Neste âmbito e tendo em conta que ambos os sistemas não se podem ignorar mutuamente, a questão dialógica aparece como algo que sempre existiu, tornando-se mais afirmativa, explícita e intensa na atualidade. Esta interrelação é-nos apresentada com uma determinada assimetria, dado que, “enquanto o conhecimento científico da natureza é importante no próprio trabalho teológico, a ciência como conhecimento da natureza não depende de instituições religiosas”¹⁶. Todavia, partindo do pressuposto dialógico referido, torna-se pertinente enfatizar a componente da complementaridade entre os dois domínios, em que, para além da comunicação entre ambos, nenhum detém a visão completa de toda a realidade, podendo afirmar-se que “as duas, juntamente com outras visões que o homem tem da realidade, como a artística e a ética, são necessárias para captar toda a sua riqueza e complexidade.”¹⁷ Por último, deparámo-nos com a relação baseada na integração, ultrapassando os desideratos do diálogo e da complementaridade, referidas acima, enveredando-se “por uma certa continuidade entre as duas, que não está contemplada nas relações de diálogo e complementaridade”¹⁸, tendo-se sempre como base o respeito pela autonomia mútua, não excluindo que os elementos científicos se integrem na religião e vice-versa.

As religiões, como forças intrínsecas na sociedade humana existiram prioritariamente, salvo os erros cometidos, com a finalidade de ajudar as pessoas na procura de um sentido de vida, fazendo com que se consigam realizar. Esta procura é incessante, tornando-se algo de prioritário na vida das pessoas, de modo a que corresponda aos seus problemas e anseios. Portanto, como base de todas as religiões, temos a procura de um sentido de verdade como algo

¹⁵ *Idem*, p.38.

¹⁶ *Idem*, p.40.

¹⁷ *Idem*, p.43.

¹⁸ *Idem*, p.55.

eterno e universal, remetendo-se, essencialmente, para “as questões dos homens, e a justiça na terra aparece ao mesmo tempo como a condição e o reflexo da salvação em Deus.”¹⁹. A este propósito, refere-nos a passagem bíblica que *tudo o que desligarmos na terra será desligado nos céus e tudo o que ligarmos na terra será ligado nos céus.*²⁰

Entre o campo da religião e o dos versos poéticos pode existir uma relação de reciprocidade, baseada numa proximidade mútua entre os respetivos mundos. Podemos constatar este facto na Bíblia, aludindo ao grande manancial dos salmos existentes nesse mesmo livro, os quais, na sua maioria, têm como assunto o louvor de Deus, da sua grandeza e magnificência, da Sua bondade e misericórdia. Como exemplo, temos o Salmo do Bom Pastor:

O Senhor é meu pastor,
nada me falta.
em verdes prados me faz descansar,
e conduz-me às águas refrescantes.²¹

Servindo-nos da conceção clássica, *Poesis*, vocábulo que vem do grego e que significa criação de algo belo, sendo considerada, por um lado, uma arte e uma forma de conhecimento, dado que, através da arte, somos capazes de nos conhecermos melhor a nós próprios e ao mundo, por outro, como algo agradável e deleitoso²². Segundo Aristóteles, no contexto da arte poética como imitação, ela é um dos aspetos mais salutares do homem, sendo catártica e estando baseada na imitação das paixões humanas. Cria-se empatia com as personagens e com o sujeito lírico, levando à identificação do recetor com eles, de modo a atingir a catarse que engloba os sentimentos de horror e piedade.²³ Outro aspeto pertinente prende-se com o facto de a poesia revelar sentimentos e a relação entre eles, mostrando a psique humana a remeter para o papel da antecipação, uma espécie de exercício, ginásio de paixões, em que perante as

¹⁹ Enciclopédia Einaudi, *Religião/Rito*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XXX, p.233: Cf BLOCH, M, *Les rois thaumaturges: étude sur le caractère surnaturel attribué à la puissance royale, particulièrement en France et en Angleterre*, Istra, Strasbourg, 1924.

²⁰ COSTA, Alcindo *et al* (org.), *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 15ª edição, Lisboa, 1991, Evangelho Segundo S. Mateus, capítulo 18, versículos 18-20, p.1314.

²¹ *Idem*, Livro dos Salmos, p.709. Salmo 23, 1-3. Este é um Salmo recitado originalmente por David, o qual se vangloria de louvar a Deus, depositando n'Ele toda a sua confiança de crente.

²² ARISTÓTELES, HORÁCIO e LONGINO, *A Poética Clássica*, Tradução de Jaime Bruna, Editora Cultrix, São Paulo, 2002, p.65: “Os poetas desejam ou ser úteis, ou deleitar, ou dizer coisas ao mesmo tempo agradáveis e proveitosas para a vida. O que quer que se preceitue, seja breve, para que, numa expressão concisa, o recolham docilmente os espíritos e fielmente o guardem; dum peito já cheio extravasa tudo o que é supérfluo...Arrebata todos os sufrágios quem mistura o útil e o agradável, deleitando e ao mesmo tempo instruindo o leitor...”

²³ *Idem*, p.29: “O objectivo da imitação, porém, não é apenas uma acção completa, mas casos de inspirar temor e pena, e estas emoções são tanto mais fortes quando, decorrendo uns dos outros, são, não obstante, factos inesperados (...)”

peripécias²⁴ de um herói/poeta nós nos preparamos para aquilo que pode acontecer na nossa vida.

A poesia é-nos descrita por Abel Guerra como uma linguagem inspirada e ardente da imaginação e do sentimento em que “o poeta é aquela entidade que sabe dar corpo e vida, em formas belas, às belas coisas do mundo encantado da própria fantasia.”²⁵ Esta definição, apesar de discutível, vai ao encontro de um processo de transformação de ideias/sentimentos em palavras, em que o sujeito lírico se assume como um elo de ligação entre o mundo imagético e os poemas. Em termos formais e estilísticos, a poesia é apresentada, regra geral, em versos baseados em sílabas métricas, transmitindo musicalidade e harmonia, tendo em conta diferentes acentuações e rimas. Contudo, existem, igualmente, os versos livres, aqueles versos que não estão sujeitos a uma medida certa e a uma rigorosa distribuição de acentos, tal é o verso dos Salmos bíblicos e de grande parte da poesia moderna, encontrando-se, na sua forma exterior, entre o verso medido e a prosa. Quanto ao ritmo, por ser verso livre, não prescinde dele inteiramente, sendo as palavras detentoras de um certo ritmo, resultando de uma perfeita combinação de sons, acentos, e frases.²⁶

Eduardo Lourenço, refletindo acerca da poesia de Eugénio de Andrade, revela que a palavra poética estabelece a comunhão do comunicável, não sendo exterior ao homem, mas sim o seu núcleo ardente.²⁷ Segundo o mesmo crítico, considera poesia palavra humana que se dá como voz das coisas, presenteando-nos com o silêncio dessas mesmas coisas e com a respiração do mundo, remetendo a linguagem poética para a transparência humana, por um lado, posse mágica do mundo e, por outro, libertação dele. Sendo assim, “ a vivência poética testemunha, ao mesmo tempo, da irrealidade inexpiável do mundo e de uma supra-realidade”²⁸, parecendo “haver uma estranha desproporção entre a matéria frágil que nos transfigura, poema, quadro ou sinfonia e essa vertiginosa metamorfose da existência humana.”²⁹

Almada Negreiros denomina poesia a entidade criativa e fundadora, inerente ao ser, culminando num denso e obscuro domínio, palavra metamórfica que produz uma catarse

²⁴ *Idem*, p.30.

²⁵ GUERRA, Abel, *Elementos de Composição Literária*, Livraria Apostolado da Imprensa, 6ª edição, Porto, 1966, p.221.

²⁶ *Idem*, p.239.

²⁷ LOURENÇO, Eduardo, *A poesia de Eugénio de Andrade*, apud SANTOS, José da Cruz, *Ensaio sobre Eugénio de Andrade*, Asa Editores S.A, 1ª edição, 2005, Porto, p.71.

²⁸ *Idem*, p.75.

²⁹ *Idem*, p.76.

transfiguradora,³⁰ em busca de uma nova postura estético-ética, baseada no “reencontro do mítico, da inserção plena num humano em relação directa com a natureza”.³¹

Tendo em conta o uso regular da palavra *mito* por parte de muitos escritores e poetas, torna-se bastante pertinente a abordagem semântica da mesma. Este termo, que advém do grego *mythos*, que significa conto, associa-se a variados rituais de cariz religioso, com o objetivo focado na procura de explicações relativamente a determinados factos da realidade e fenómenos da natureza, procurando-se encontrar respostas fidedignas acerca da génese do mundo e do homem, temas bastante ambíguos ao ente comum. No sentido de tentar explicar factos inacessíveis à jurisdição da própria ciência, os mitos servem-se de figuras sobrenaturais (deuses e heróis) que, em concubinato com entidades humanas no contexto da existência mundana, remetem para uma permanente demanda existencial em prol de uma hermenêutica credível desses fenómenos. Inicialmente começaram pelo carácter oral, passando e repassando várias gerações, até aos dias de hoje em que se encontram impregnados na literatura escrita.³²

Tanto em Almada Negreiros como em Eugénio de Andrade deparamo-nos com uma alusão à palavra poética detentora de um certo poder mítico, mágico, proteiforme, de um poder de metamorfose relativamente à existência humana, em que o poeta se envolve como um mensageiro, marcado pela coexistência paradoxal entre consciência/inconsciência, luz/sombra, direcionando a ideologia poética para uma escrita criativa em busca de uma nova postura

³⁰ SILVA, Celina, *Almada Negreiros, A Busca de uma poética da ingenuidade ou Reinvenção da Utopia*, Fundação Eng António de Almeida, p.95.

³¹ *Ibidem*.

³² “Um mito é uma história que frequentemente acompanha um rito (...) O mito religioso possui, assim, um significado mais profundo que a lenda ou que o conto popular. Ele procura explicar qualquer coisa, constituindo uma resposta metafórica às questões fundamentais: de onde vimos, e para onde vamos? Porque estamos vivos e porque morremos? Como surgiram a humanidade e o universo? Que forças controlam o desenvolvimento do mundo? Os mitos explicam algo que aconteceu no princípio dos tempos, quando o mundo estava ainda no seu início. Por exemplo, a maior parte das religiões têm mitos relativos à criação, que explicam como o mundo começou a existir. O seu objetivo não é, fundamentalmente, revelar contextos históricos. A essência do mito consiste em fornecer às pessoas uma explicação global da existência. Os conceitos religiosos, que também encontram a sua expressão nos mitos, podem ser divididos em três tipos: conceitos sobre um ou mais deuses, conceitos relativos ao mundo e conceitos sobre o homem.” Cf: GAARDER, Jostein, Viktor Hellern e Henry Notaker, *O Livro das Religiões*, Editorial Presença, Lisboa, 2002, p.21.

Desde os Poemas Homéricos, a palavra *mythos* é usada de uma forma pouco uniforme, já que tanto pode designar sequência de palavras, discurso, como narrativa, história real ou fictícia. Sobre o significado da palavra *mythos* e sua ocorrência em autores gregos consultar: PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *O Mito*, 1998, p.294-303 e *Enigmas em volta do mito*, 2000, pp.13-26.

“O mito conduz-nos a um tempo arquétipo, em que a aliança entre o humano, o divino e a natureza é naturalmente estabelecida através da beleza do canto e da música, numa eufórica celebração dessa ordem do mundo.” Cf: CUNHA, António Manuel dos Santos Cunha, *Sophia de Mello Breyner Andresen: Mitos Gregos e Encontro com o Real*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Dezembro de 2004, p.44.

estético-ética no reencontro do mítico, autenticado na reconstrução/regresso à ingenuidade infantil, do contacto genuíno entre o humano e a natureza, remetendo para a pureza das origens do permanente nascimento. Este poder sugestivo da palavra poética, apesar de ser algo frágil, coaduna-se com certos ensinamentos teológicos/ideológicos levados a cabo pela palavra religiosa, visto que esta última também valoriza a busca do ser humano pela pureza da alma, havendo para tal a necessidade de, por intermédio da liturgia da palavra, proceder a uma transformação interior catártica, como apoio pertinente na expiação dos “pecados”:

Ouvi a palavra do Senhor,
ó príncipes de Sodoma;
escuta a lição do nosso Deus,
povo de Gomorra (...)
Lavai-vos, purificai-vos,
Tirai da frente dos meus olhos a malícia das vossas acções.
Cessai de fazer o mal,
aprendei a fazer o bem;
procurai o que é justo,
socorrei o oprimido (...)
Vinde agora, entendamo-nos, diz o Senhor.
Mesmo que os pecados fossem como escarlate, tornar-se-iam brancos como a neve.
Mesmo que fossem vermelhos como a púrpura, ficariam brancos como a lã. ³³

Fazendo agora referência a uma poesia em louvor da Virgem decorrente de uma antífona escrita em latim rítmico, pode constatar-se uma certa musicalidade e ritmo nas cadências das sílabas, caracterizando-se, essencialmente, por um domínio avassalador de rima emparelhada:

Ave, Regina caelórum,
ave, Domina angelórum
Salve, radix, salve, porta,
ex qua mundo lux e torta(...) ³⁴

Este pequeno excerto supramencionado revela-nos a riqueza da Bíblia no que toca à sua imagética, pois foi esse livro sagrado que abriu as portas às análises imagético-simbólicas recheadas de recursos de estilo. Aliás, no Novo Testamento, durante a parte pública da vida de Jesus Cristo, a Sua Palavra era, na maioria das vezes, dirigida por intermédio da simbologia das parábolas, fundamentadas numa profusão de imagens e comparações alusivas, essencialmente,

³³ Isaías, cap.I, vers.11-20 in COSTA, Alcindo *et al* (org.), *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 15ª edição, Lisboa, 1991, p.950.

³⁴ Antífona Final à Bem-Aventurada Virgem Maria em língua latina, retirada do seguinte livro: RIBEIRO António, Cardeal Patriarca de Lisboa e Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, *Liturgia das Horas*, Gráfica de Coimbra, 3ª edição, 1991, p.869.

à natureza, e a uma ruralidade agro-pecuária, que era o principal *modus vivendi* da população na época.

A Bíblia exerceu uma grande influência em escritores, poetas e artistas, entre os quais podemos incluir Miguel Torga, que chega a tratar autonomamente a passagem bíblica do *Livro de Job*, reconstruindo-a de acordo com o seu modo poético. Como refere Joaquim Carreira das Neves, “ler e compreender a Bíblia é o mesmo que ler e compreender a história de uma grande parte da humanidade em profundidade humana, social e religiosa”³⁵. Essas digressões vitais da humanidade baseiam-se, principalmente, na tensão divino-humana retratada no relato bíblico, o qual nos apresenta “o grande diálogo entre a fé e a nossa vida, ou, entre a fé e a história da humanidade.”³⁶ Esta relação dialógica entre o domínio da religião e o da sociedade encontra-se vinculada em vários textos poéticos. Como exemplos dessa intertextualidade poético-religiosa saliento os seguintes: o soneto “Hino a Deus”, de Bocage, soneto marcado por uma rima interpolada, em que o sujeito lírico salienta o seu amor e respeito pelo Divino, mesmo estando rodeado de tensões:

Sempre (até das paixões no desatino)
Tua clemência amei, temi teu raio.³⁷

Na escrita poético-simbólica de Camilo Pessanha também encontramos a temática religiosa, quando, no soneto “Transfiguração”, o sujeito lírico se vangloria, exaltando a sua condição divina num pequeno instante:

Eis-me o Verbo de Deus, sacramentado
No rebuço dum capote alentejano.

Autor relevante, no Modernismo Português, já supra referenciado foi o autodivinizador, auto-exultante Almada Negreiros que com Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Miguel Torga, etc, com ambição de instaurar uma arte moderna, procura um outro cultivar da palavra poética³⁸, tendo em conta subjetividades poéticas originais e atuantes, com a eclosão de novas identidades em prol de uma revolução cultural escudada pela confluência entre a cultura da vanguarda e a

³⁵ NEVES, Joaquim Carreira das, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1998, p.11.

³⁶ *Idem*, p.14.

³⁷ MOURA, Vasco Graça, *Os Grandes Clássicos da Literatura Portuguesa – Bocage, Poesias* – Editora Planeta DeAgostini, S.A, Lisboa, 2003, p.44.

³⁸ SILVA, Celina, *Almada Negreiros, A Busca de uma poética da ingenuidade ou Reinvenção da Utopia*, Fundação Eng António de Almeida, pp.138 e 139.

da tradição histórico-literária. De referir, no seguinte exemplo, as personagens Bíblicas com o objetivo de autenticar o seu espírito de revolta, autêntico herói algo satânico:

Ergo-me Pederasta apupado de imbecis,
Divinizo-Me Meretriz, ex-libris do Pecado
E odeio tudo o que não Me é por Me rirem o Eu!
Satanizo-Me tara na vara de Moisés!
O castigo das serpentes é-Me riso nos dentes,
Inferno a arder o Meu cantar!³⁹

José Régio, ser conflituoso, engendrando um combate ente o humano e o divino, tendo em vista uma interminável aspiração a um divino⁴⁰, revela-se com o seu rosto inquietantemente ambíguo, usurpado por um conjunto de inquietações religiosas⁴¹, tendo em conta a originalidade e qualidade da sua temática, abordando temas subordinados ao combate entre o poeta e os outros, sempre com base numa conceção existencialista, estando atento à identidade humana e ao que a rodeia, incluindo todos os problemas e anseios adjacentes. Neste prisma, não só a poesia como também o drama e a narrativa são géneros literários ricos em alusões bíblicas, como se comprova nesta referência ao Job do Antigo Testamento, identificando-se com o sofrimento dessa figura, sentindo a necessidade de desabafar toda a dor que sente:

– Desde Job
Que sofro as minhas feridas
E as minhas resignações.

Bastou: preciso falar⁴²

Jorge de Sena, confidente de Fernando Pessoa, foi um poeta peculiar, abordando os temas da morte, de Deus e da Religião. Era um católico confesso, apesar de não ter sido habituado a observar as práticas cristãs na sua mocidade. As religiões e os ritos interessavam-lhe, pautando a sua vida por um código de altos princípios morais.⁴³

Apesar de, em certas alturas, claudicar quanto à fé na existência de Deus, “Sena afirma repetidamente a sua crença numa qualquer forma de imortalidade e viveu uma vida fiel e temente a Deus,”⁴⁴ exprimindo a sua crença na imortalidade:

Há que deixar no mundo as ervas e a tristeza,

³⁹ NEGREIROS, Almada, *apud idem*, p.153.

⁴⁰ LISBOA, Eugénio, *José Régio, A obra e o homem*, Editora Arcádia, 1ª edição, Novembro de 1976, Lisboa, p.196.

⁴¹ *Idem*, p.79.

⁴² RÉGIO, José, *In Poesia I – Obra completa*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001, p.76.

⁴³ LISBOA, Eugénio, *Estudos sobre Jorge de Sena – temas portugueses*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p.205.

⁴⁴ *Idem*, p.206.

e ao lume de águas o rancor da vida.
Levar connosco mortos o desejo
e o senso de existir que penetrando
além dos lodos sob as águas fundas
hão-de ser verdes como a velha esperança
nos prados de amargura já floridos.

Deixar no mundo as árvores erguidas,
e da tremente carne as vãs cavernas
aos outros destinadas e às montanhas
que a neve cobrirá de álgida ausência.
levar connosco em ossos que resistam
não sabemos o quê de paz tranquila.

E ao lume de águas o rancor da vida.⁴⁵

Fernando Pessoa ortónimo, com uma poesia ocultista que abarca o espaço inteiro da sua vida e obra, cumpre a sua vocação unitária e divina da condição humana por intermédio da “extrema sublimação do seu sentimento de irrealidade e de inexistência,”⁴⁶ passando muito pela estética do neo-paganismo em que o poeta se apresenta defensor do ocultismo, do desconhecido e misterioso, valorizando o símbolo como linguagem que transcende a nossa inteligência discursiva e racional, sendo o homem o objeto de toda e qualquer transmutação.⁴⁷ Neste prisma, deparámo-nos diante de uma confluência entre a realidade e a ficção, bem patente no seguinte excerto:

Não dormes sob os ciprestes,
Pois não há sono no mundo.
O corpo é a sombra das vestes
Que encobrem teu ser profundo.

Vem a noite, que é a morte,
E a sombra acabou sem ser.
Vais na noite só recorte,
Igual a ti sem querer.

Por fim, na funda caverna,
Os deuses despem-te mais.
Teu corpo cessa, alma externa,
Mas vêes que são teus iguais.⁴⁸

Sophia de Mello Breyner Andresen, poetisa contemporânea de Miguel Torga, com uma escrita voltada para os valores clássicos, inclusive para o mito, usando todo o seu potencial,

⁴⁵ SENA, Jorge de, *Obras de Jorge de Sena*, Poesia-III, Edições 70, Lisboa, 1989, pp. 207-208.

⁴⁶ LOURENÇO, Eduardo, *Fernando Pessoa Revisitado*, Moraes Editores, 2ª edição, Póvoa de Varzim, 1981, p.178.

⁴⁷ CENTENO, Yvette K., *Fernando Pessoa: Magia e Fantasia*, Asa Editores, S.A, 2003, pp 40-45.

⁴⁸ *Idem*, p.177.

reinterpretando-o e atualizando-o, coloca em evidência a liberdade criativa. De salientar que a poética de Sophia valoriza a unidade, a ligação, o que liga, fazendo da perseguição do real o centro da sua aventura de escrita, em que a crença num Deus transcendente não deixou cair no esquecimento a importância da imanência de tudo o que é visível.⁴⁹

Poeta da geração da Presença, Vitorino Nemésio, religioso devoto, aborda o tema do divino em interação com a poesia, comungando, por um lado, com os poetas da Presença, da aventura religiosa e espiritual, distanciando-se, por outro, na maneira como Deus é interpelado, na medida em que O aceita sem questionar, como não questiona a fé que o firma. Detenhamo-nos, por exemplo, no seguinte excerto:

Haja ou não Sartre e o mundo
Deus Tudo-Nada havido em fé.

Que ele é Deus mesmo no absoluto
Ser contestado, tão essente
Que se faz Deus na voz que escuto,
Mesmo que o negue, e me desmente.⁵⁰

A razão da escolha destes exemplos prende-se com o facto de todos procurarem, por intermédio da forma poética, um equilíbrio emocional baseado na compreensão do divino como filosofia de vida.

Estes mesmos exemplos reforçam a ideia de Michel Despland, autor da obra *La Religion en Occident*, o qual refere que as mensagens transmitidas pelos poetas ocidentais, em geral, nos elevam à sabedoria filosófica e/ou teológica, estando Deus no centro dessa elevação.⁵¹ Continuando na linha de pensamento do mesmo autor, a poesia é, acima de tudo, vista como um mundo de quatro sentidos, a saber: o literal; o moral; o alegórico e o analógico⁵². O sentido literal é aquele que se baseia numa leitura mais superficial do poema, sem qualquer segunda interpretação sobre o mesmo; o moral baseia-se nos princípios éticos; o alegórico é o sentido

⁴⁹ SOUSA, Carlos Mendes de Sousa (org.), *Dar Mundo ao Coração, Estudos sobre Miguel Torga*, Texto Editores, Lisboa, 2009, p.244-245.

⁵⁰ NEMÉSIO, Vitorino, *apud* PIRES, António Manuel Machado, et al (org.), *Nemésio vinte anos depois*, Edições Cosmos, Seminário Internacional de Estudos Nemesianos, Lisboa-Ponta Delgada, 1998, p.70.

⁵¹ DESPLAND, Michel, *La Religion en Occident, Evolution des idées et du vécu*, préface de Claude Geffré, Cogitatio Fidei, Les Editions du Cerf, Les Editions Fidés, Janeiro de 1980, p.355. « ...leur poésie aussi est au service de la sagesse théologique ou philosophique; il suffit de savoir déchiffrer (...)»

⁵² *Idem*, p.356. « Grace à la théorie du quadruple sens (litteral, moral, allégorique et analógique) montrent que la poésie est un voile qui recouvre la vérité.»

figurado, metafórico do poema. Por fim, o sentido analógico, subordinado ao processo de intertextualidade entre diversos poemas, é igualmente bastante importante, na medida em que valoriza o sistema de abertura de novos horizontes interpretativos. Este ponto relaciona-se com a estética da receção, pela qual se estuda a hermenêutica dos leitores e críticos, tendo sempre, como pano de fundo o *habitus* sócio-cultural de cada um.

Petrarca já dizia que a teologia era uma poesia sobre Deus: “une déclaration de Petrarque avait d’ailleurs fait de la poésie non une science auxiliaire mais le coeur même de la théologie”⁵³. Como se sabe, etimologicamente, teologia deriva de dois termos: do grego *teos*, que significa Deus, e do *logos* latino, que significa discurso, razão. Portanto, a teologia representa, semanticamente, discursos, dissertações sobre Deus. Esta consideração de Petrarca, prendeu-se, necessariamente, com o facto de muitas teses sobre Deus, incluindo as bíblicas, terem sido passadas para o papel de uma forma bastante marcada pelo lirismo e pelo sentimentalismo poético.

Esse espírito poético supostamente vigente nos textos bíblicos tem como objetivo primordial “revelar ao indivíduo a finalidade da sua existência e, entretanto, o sentido da sua vida social.”⁵⁴, Neste domínio ideológico é de referenciar o existencialista Miguel de Unamuno, levantando questões relacionadas com a entidade do homem, como ser consciente, tendo sempre como pano de fundo o binómio coração/razão⁵⁵, podendo-se depreender daí uma espécie de “teologia poética”.

Assim como certas leituras religiosas da Bíblia operam deslocamentos na semântica corrente, na poesia dos autores supracitados também se constata transformações bastante significativas em relação ao conteúdo bíblico.

Os conceitos de ciência e de poesia detêm um estatuto histórico, representando duas mundividências que se têm “tocado” artisticamente, apesar de terem identidades e estruturas próprias. A ciência está diretamente ligada ao saber, que por sua vez se coaduna com o conhecimento sobre um determinado objeto, podendo ser real, virtual, concreto, natural,

⁵³ *Idem*, p.357.

⁵⁴ AUGÉ, Marc, “Religião e História” in *Religião/Rito*, Enciclopédia Einaudi, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XXX, 1987, 230-243.

⁵⁵ UNAMUNO, Miguel de, tradução de Maria do Carmo Silva, *Do Sentimento Trágico da Vida*, Quarteto Editora, Coimbra, Março de 2001, p.15. “E todos os pregadores do objectivismo não se fixam, melhor dizendo, não se querem fixar no facto de um homem, ao afirmar o seu eu, a sua consciência pessoal, estar a afirmar o homem, o homem concreto e real, afirmando o verdadeiro humanismo que não é o das coisas do homem, mas sim o do homem – e, ao afirmar o homem, afirma a sua consciência.”

artificial, abstrato, físico ou metafísico. Boaventura de Sousa Santos partilha a ideia que todo o conhecimento é autoconhecimento, na medida em que as trajetórias de vida, os valores, crenças e restantes experiências vivenciais de qualquer ser humano influenciam todo e qualquer trabalho de cariz científico.⁵⁶ Com esta relação de causa-efeito entre a personalidade empírica humana e a atividade científica chega-se ao carácter autobiográfico e autorreferencial da mesma ciência, dado que “a ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência.”⁵⁷ De facto, o exercício científico, apelando ao uso da razão, com argumentação a condizer, demarca-se como um ato diligente e, ao mesmo tempo, “apaixonado” do ser humano cientista na descoberta de algo inovador e útil, tendo sempre o condão de deixar marcas personalizadas, no seguimento de “um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos une pessoalmente ao que estudamos.”⁵⁸. Enaltecendo esta perspectiva da utilidade científica, Agustín Udías Vallina refere que “ninguém pode hoje duvidar da importância da ciência e das suas consequências práticas para a vida do homem”⁵⁹, influenciando-o impreterivelmente no seu dia-a-dia e proporcionando-lhe “a imagem do universo, o conhecimento da estrutura da matéria, dos mecanismos da vida, de toda a realidade que o rodeia.”⁶⁰

Numa compilação de textos organizada por Ofélia Monteiro, refere-se que o conhecimento científico participa na aproximação entre a natureza e o homem, tendo em vista sucessivas verificações e retificações de natureza antropológica, em que a imagem da natureza depende da nossa relação com ela própria.⁶¹ Apesar dessa relação entre o homem e a natureza, a ciência remete-nos para um conhecimento objetivo, baseando-se na análise das coisas conforme elas são, mantendo-se uma certa imparcialidade e fugindo-se às opiniões pessoais de carácter

⁵⁶ “Hoje sabemos ou suspeitamos que as nossas trajetórias de vida pessoais e colectivas (enquanto comunidades científicas) e os valores, as crenças e os prejuízos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento, sem o qual as nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou os nossos trabalhos de campo constituíram um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio.” Cf: SANTOS, Boaventura de Sousa, *Um Discurso sobre as Ciências*, Edições Afrontamento, 14ª edição, Setembro de 2003, p.53.

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ *Idem*, p.54.

⁵⁹ VALLINA, Agustín Udías, “Relações entre Ciência e Religião” in *O Avanço Da Ciência e o Recuo de Deus*, 1ª edição, Álvaro Balsas (org), Fronteira do Caos Editores, Porto, 2013, 19-60. (p.19)

⁶⁰ *Idem*, p.20.

⁶¹ MONTEIRO, Ofélia Paiva, *Poesia da Ciência Ciência da Poesia*, Edição Escher, Lisboa, 1992, p.18.

emotivo, no sentido de contribuir para desafiar a ignorância humana, apesar de, como já fora referido, existir uma dialética importante e recíproca entre a pessoa humana e o seu *habitus*⁶².

A poesia, por sua vez, identifica-se com a semântica da manifestação da beleza e do sentimento estético, por intermédio da palavra, quer sob a forma de verso ou prosa. Aristóteles, quando se debruçou sobre a poesia, autenticou-a como uma atividade superior à história, na medida em que, enquanto na história se relatam factos particulares, na poesia tratam-se verdades gerais com carácter verosímil.⁶³ Neste sentido, Jorge de Sena, baseando-se na abordagem aristotélica sobre o interesse da poesia naquilo que pode acontecer, considera a atividade poética como um meio artístico e dramático relativamente à consciencialização dos limites humanos, visto que qualquer pessoa, devido à efemeridade temporal da vida terrena, deixa para trás projetos por realizar, servindo o texto poético como um espaço onde o sujeito lírico debate todo esse abismo de ser ou não ser.⁶⁴

Neste âmbito, a escrita poética é vista como um veículo dinamizador de todo um processo metamórfico de transfiguração do real. A realidade nua e crua detém um carácter menos complexo do que aquela realidade intervencionada pela ação do sujeito lírico, no desempenho da sua atividade poética, verificando-se e reconhecendo-se uma excecional complexidade.

Embora as áreas da ciência e da poesia tenham identidades e estruturas específicas, são duas mundividências que podem conviver harmoniosamente. Múltiplos exemplos atestam esta hipótese, desde a Bíblia Sagrada até aos autores da literatura portuguesa, como António Gedeão ou Vitorino Nemésio.

Na Bíblia Sagrada, nos dois primeiros capítulos do Livro dos Génesis, há duas versões diferentes sobre a origem do mundo.⁶⁵ Este Livro de Fé Bíblico, em redor da exegese mítica da criação do mundo e do homem, dentro de um modo narrativo com interpretação lírica, transmite lendas e mitos da criação, fornecendo, de uma forma poética, aspetos importantes acerca do

⁶² Entenda-se *habitus*, numa perspetiva sociológica, como um estilo de vida, valores assimilados, sentimentos e estrutura da mente de uma pessoa inserida numa determinada comunidade, tendo em conta as experiências da vida quotidiana. Definição de Bordieu: “ (...) um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (...)” Cf. BOURDIEU, Pierre, *Questões de sociologia*, Rio de Janeiro, 1983, p.65.

⁶³ ARISTÓTELES, Horácio e Longino, *A Poética Clássica*, tradução de Jaime Bruna, Editora Cultrix, São Paulo, 2005, p.28.

⁶⁴ SENA, Jorge de, *Poesia e Cultura*, Edições Caixotim, 1ª edição – Outubro de 2005, pp.75-84.

⁶⁵ Na 1ª versão o homem é criado no mesmo dia que os animais mas é colocado à parte, infundindo do espírito divino e investido do domínio sobre toda a criatura. Cf. Gn1, 26-31; na segunda versão Deus agarrou um pedaço de pó da terra, formou com ele um homem e trouxe-o à vida insuflando-lhe pelas narinas o sopro da vida. Cf. Gn2, 7-17 in COSTA, Alcindo *et al (org.)*, *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 15ª edição, Lisboa, 1991.

homem naquela época, isto apesar de não ser um livro científico. Daí a opinião de certos críticos ir no sentido da bíblia não ser um livro de ciência mas sensível aos fenómenos da Natureza, havendo a possibilidade de aliar Bíblia e Ciência como se aliam a Ciência e a Literatura⁶⁶. Neste sentido, a narração bíblica da Criação, não sendo uma descrição científica dos fenómenos, aborda interesses comuns à religião e ciência, visto que em ambas as áreas vigoram tentativas proeminentes de explicar as origens do mundo e do homem. Nos meandros bíblicos, convém enfatizar o facto da leitura bíblica remontar para uma escrita poética recheada de recursos expressivos imagético-simbólicos, com o objetivo de partilhar poeticamente a verdade do homem daquele tempo, não esquecendo factos e acontecimentos histórico-científicos.

António Gedeão e Vitorino Nemésio, poetas marcantes do século XX, usaram a sua escrita poética em consonância com os domínios da ciência e da natureza, dando uma contextualização diferente às informações científicas, elevando-as à mundividência lírica, na medida em que confluem com o discurso imagético-simbólico da poesia.⁶⁷

António Gedeão, devido à sua formação científica, na área das Ciências Físico-Químicas, escreve poesia tendo como base o mundo que o rodeia, marcado por um ecletismo científico natural, poetizando sobre todas as “coisas” que fazem parte do dia-a-dia e que remetem para uma abordagem existencialista no contacto do homem com tudo o que o circunda:

“Poema da minha natureza”:

Crescem as flores no seu dever biológico (...)
tudo conforme a sua natureza (...)
É como os animais
Em cada qual, por sua natureza
todo o dever se cumpre. (...)
Assim eu peno, e amo, e sofro, e vou andando
Tudo conforme a minha natureza.⁶⁸

“As palavras escolhidas”:

⁶⁶ GRAFF, Marc-Ange, *Poesia da Ciência-Ciência da Poesia*, Universidade dos Açores, 19 a 21 de Março de 1990, pp.29 -30.

⁶⁷ “Qualquer relação entre a poesia e a ciência pressupõe um verdadeiro processo de semiose poética pelo qual certas informações científicas podem situar-se num enquadramento que é diferente do discurso científico, deslizando para outro de natureza retórica”, Cf. MONTEIRO, Ofélia, *Poesia da Ciência-Ciência da Poesia*, Edição Escher, Lisboa, 1992, p.22.

⁶⁸ GEDEÃO, António, *Poema da minha natureza in Poesia Completa*, Edições João Sá da Costa Lda, 2ª edição, 1997, p.198.

(...)

Então se entenderá que a voz do poeta,
que o metal da trompete e as tintas do antraceno,
que o silvo do motor rasgando o espaço pleno,
que o choque do neutrão da experiência secreta,
que o modo de sentir, de rir, de querer, de amar,
tudo é sinal e símbolo de um coração diferente.⁶⁹

“Poema das coisas”:

Amo o espaço e o lugar, e as coisas que não falam (...)
Abre-se a porta e o próprio ar nos fala (...)
a cadeira onde a memória está sentada,
a mesa, o copo, a chávena, o relógio (...)
Põe-se a pedra na mão e a pedra pesa (...)
Abre-se a mão, e a mesma pedra avulta (...)
Se fosse o amor dos homens
quando se abrisse a mão já lá não estava.⁷⁰

O envolvimento temático entre a ciência e a natureza patenteia-se não só na sua formação científica mas também na atividade poética, deparando-se o leitor com um dialogismo entre a natureza interior e a exterior, com um bucolismo exacerbado, com um panteísmo e misticismo bucólicos, sendo a natureza uma despertadora dos sentidos humanos.

Vitorino Nemésio foi um pensador e um escritor visto como único no seu tempo, servindo-se das ciências naturais para chegar com sucesso às ciências sociais e às humanidades.⁷¹ Em *Limite de Idade*, o poeta usa a expressividade da metáfora no domínio da biologia molecular e da genética, entre outros, com o intuito de estabelecer uma articulação ideológica e existencial entre a ciência e a literatura, identificando-se o sujeito poético com uma profusão de ideias, de imagens, deslocando-se os campos de sentidos entre vários domínios, desde o da religião até ao científico, conforme se comprova com o seguinte excerto do poema “Padre-Nosso Nuclear”:

O Senhor teve pena do seu servo (...)
Com um rosário de electrões muito bonitos nos seus círculos

⁶⁹ *Idem*, p.45.

⁷⁰ *Idem*, p.163.

⁷¹ ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *Nemésio – entre a geografia e a história*, in Vitorino Nemésio, *Vinte anos depois – Actas do Colóquio Internacional*, Ponta Delgada, Edições Cosmos, Lisboa, 1998.

Ave-Marias em eclipse (...)
Padre nosso que estais nos céus
Diz o servo de Deus molecular
Seja feita a vossa vontade
No computador e no radar
Na ribose entre as proteínas
No café sem açúcar da manhã (...) ⁷²

O interesse de Nemésio na atividade científica decorre de leituras efetuadas na área, servindo-se de conceitos relativos à ciência para valorizar certas atividades que considerava importantes no dia-a-dia. Neste contexto, procurava aliar situações do quotidiano normal e prosaico com a magia e o maravilhoso, usando uma linguagem de cariz metafórico. Devido à sua origem insular, o sujeito poético escreve os seus poemas partindo de uma simbiose entre si mesmo, a terra e o mar, demonstrando-se nostálgico em relação à sua infância, conforme se pode comprovar no seguinte excerto referente ao poema “Epígrafe”:

(...) Só peço que me levem como o tronco (...)
Metendo-se no mar, de puro espanto
Comigo em ficta lágrima num pelo
Que grávida gaivota leve às Ilhas.
Mas escondam, por tudo, peço,
Minhas penas às filhas,
Se o mereço. ⁷³

De ressaltar que estes dois autores contemporâneos da literatura portuguesa, António Gedeão, como cientista e apaixonado pela poesia, e Vitorino Nemésio, poeta/escritor apaixonado pela ciência, remetem as suas obras poéticas para o convívio do homem com estas duas verdades, a verdade da ciência e a verdade da poesia, reconhecendo e valorizando, por um lado, a objetividade dos fenómenos científicos, e, por outro, o carácter onírico do lirismo poético, por intermédio do qual “o mundo pula e avança” conforme refere o poeta António Gedeão no poema “Pedra Filosofal”.

Em suma, como refere Aristóteles, há duas causas naturais que dão origem à poesia, a imitação, natural ao homem desde a infância, e o prazer congénito de imitar ⁷⁴, contribuindo para

⁷² NEMÉSIO, Vitorino, *Limite de idade – Poemas*, Coleção Auditorium - Estúdios Cor, Lisboa, 1972, pp.67-69.

⁷³ *Idem*, pp.16-17.

a sobrevalorização do processo mimético através do uso de expressões metafóricas com o intuito de aproximar realidades, como é o caso entre a poesia e a ciência. Neste âmbito, a aproximação destas duas entidades corresponde a uma operação de natureza valorativa direta de dois domínios díspares, permitindo-se, por intermédio de um discurso imagético-simbólico, circundado por metáforas preeminentes, abordar a ciência nos termos da poesia.

²⁴ ARISTÓTELES, Horácio e Longino, *op.cit.* pp.21-22.

1.2 – AS GERAÇÕES DO PRIMEIRO E SEGUNDO MODERNISMOS E A PROCURA DA IDENTIDADE

Estando a sociedade moderna impregnada numa mundividência egocêntrica, com o centramento no “Eu” individual e subjetivo, acarretando com ela uma grande crise identitária que leva a sentimentos de “orfandade” e alienação dos sujeitos com consequências ao nível da questionação dos sistemas religiosos, constata-se o regresso ao Homem e a valores existencialistas e racionalistas, funcionando como uma das faces da “morte de Deus” sentida nos alvares do Modernismo.

Nos finais do século XIX, face à crise económica, política e social vivenciada, começaram a surgir vários movimentos literários, na partilha de ideias e opiniões, com o intuito de questionar a sociedade que se encontrava em fragmentação de ideais e valores.⁷⁵ Assim sendo, a literatura do fim do século XIX e inícios do século XX desempenhou um papel preponderante, afastando-se dos modelos realistas-naturalistas e aderindo às estéticas do Impressionismo, Decadentismo e Simbolismo, sob a progressiva influência das artes plásticas.⁷⁶

Neste âmbito, surge uma primeira afirmação de modernidade, continuando o seu desenvolvimento no período da I Grande Guerra (1914-18) e, em Portugal, vivendo-se em crise, vivia-se num tempo de encruzilhada em que “o futurismo assumia uma franca posição de vanguarda, voltado como estava para o mundo moderno, para uma atitude ou sensibilidade estética renovadoras.”⁷⁷

De maneira a reacender a identidade portuguesa surge a *Renascença Portuguesa* e a revista *A Águia*, estando Teixeira de Pascoaes e o seu saudosismo em destaque.

Em 1915, surge a primeira expressão organizada e coletiva do Modernismo como fenómeno de “enorme instabilidade semântica e pluralidade estilística”⁷⁸, a revista *Orpheu*,⁷⁹

⁷⁵ “Os finais do século XIX constituem para Portugal tempos de agitação social, de degradação do sistema constitucionalista, de frustrante alternância entre tentativas de inovação do espírito governativo (...) em contrapartida, o fim de século constitui um período em que irrompe e se desenvolve uma iniludível renovação da literatura portuguesa, mas justamente através do ascendente de correntes empenhadas numa produção descomprometida (...) Mas o que, em suma, determina a especificidade da renovação literária nos finais do século XIX é a erupção, a implantação e o predomínio daquele movimento de estética da contraposição que se define bifacetadamente pela defesa e ilustração dos princípios de mundividência e de poética e pela adopção dos caracteres temáticos e estilísticos próprios do Decadentismo e do Simbolismo.” Cf: PEREIRA, José Carlos Seabra, *A Condição do Simbolismo em Portugal e o Litígio das Modernidades*, Nova Renascença, Vol.9, 1989/1990, pp.143 e 145.

⁷⁶ *Idem*, p.147.

⁷⁷ GUIMARÃES, Fernando, *Simbolismo, Modernismo Vanguardas*, Lello & Irmão – Editores, Porto, 1992, p.137.

⁷⁸ RIBEIRO, Eunice, *Ver. Escrever: José Régio, o texto iluminado*, Centro de Estudos Humanísticos, coleção Poliedro, Universidade do Minho, Braga, 2000, p.123.

tendo como seus expoentes máximos Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Essa revista pretendia engendrar uma arte cosmopolita no tempo e no espaço, soma e síntese de todos os movimentos literários modernos.⁸⁰

Como forma de contextualizar entidades pertinentes nestas gerações do modernismo, compete-me elaborar uma pequena recensão das ideias literárias e das poéticas desses mesmos autores. Começando por Fernando Pessoa, apraz referir que se debruçou sobre as estéticas do Paulismo, Interseccionismo e do Sensacionismo,⁸¹ transmitindo uma grande obsessão pelo “sentimento e a consciência de decadência, de uma crise multiforme que atravessa toda a civilização europeia nas décadas finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.”⁸² Como reação à crise, “Pessoa rejeita o caminho da entrega total ao mundo exterior, do abandono à «vida oca e ruidosa» do mundo moderno”⁸³, sendo a literatura do Modernismo aquela que pertence a “um mundo irremediavelmente sem centro e sem horizonte, com múltiplas verdades, com deuses diversos e contraditórios, desesperadamente vazio,”⁸⁴ remetendo para um “impulso de dissolução e catástrofe”⁸⁵, voltando-se para uma “metalinguagem, para a indagação da própria arte em termos de estilo, de técnica, de forma”⁸⁶. Ao participar ativamente na revista *Orpheu* e noutras, fragmentando-se em vários Outros (heterónimos) Pessoa é autor de uma poesia que detém a marca peculiar da linguagem entre a emoção e a inteligência, a linguagem esotérica e a linguagem da heteronímia.⁸⁷

⁷⁹ “Era uma geração sensível ao escárnio humano e à incompreensão, naturalmente, mas contava com ela, e a literatura era somente para eles a maneira mesma de respirar.” Cf LOURENÇO, Eduardo, *O Desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações*, Coimbra Editora, 1955, p.14.

⁸⁰ “Criar uma arte cosmopolita no tempo e no espaço (...) acumular dentro de si todas as artes do mundo (...) A sua iniciação era a palavra. E a palavra o seu verdadeiro e único mistério.” Cf: CENTENO, Yvette K., *Fernando Pessoa: magia e fantasia*, Asa Editores S.A, 2003, pp.36 e 39.

⁸¹ “ Pessoa teorizou sobre o Paulismo, o Interseccionismo e o Sensacionismo, sobretudo entre 1914 e 1916, isto é, no período de gestação, de florescimento e de ocaso da aventura de Orpheu, o que demonstra bem que tinha o ambicioso designio de fazer irradiar a partir do seu pensamento estético e da sua obra poética, utilizando como instrumento de difusão a revista Orpheu, correntes ou movimentos estético-literários que exprimissem a modernidade e uma ressonância europeias.” Cf: SILVA, Vítor Aguiar e, *Modernidade e Vanguarda em Fernando Pessoa*, in *Diacrítica*, n° 11, 1996, p.714.

⁸² *Idem*, p.731.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ *Idem*, p.734.

⁸⁵ RIBEIRO, Eunice, *Ver. Escrever: José Régio, o texto iluminado*, Centro de Estudos Humanísticos, coleção Poliedro, Universidade do Minho, Braga, 2000, p.124.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ GUIMARÃES, Fernando, *Simbolismo, Modernismo Vanguardas*, Lello & Irmão – Editores, Porto, 1992, p.104-105.

Mário de Sá-Carneiro, pertencente à geração suicidária e ligado ao Futurismo, recebendo influências do Simbolismo, assumiu, na sua poesia, uma característica marcante na estética do Modernismo, que foi a da anulação, dissolução do sujeito, submetendo o eu e o outro à ambiguidade dum sujeito em «dispersão»⁸⁸. O sujeito poético usa os versos como indícios da sua alma realçando-se o facto de, segundo José Maria dos Reis Pereira, Sá-Carneiro se apresentar como o precursor e o mestre do Modernismo Português.⁸⁹ A relação com o Outro Eu e com os outros detém um papel preponderante na escrita do poeta, sendo que:

O outro é um *alter ego* ou uma projecção narcísica, é um ideal do Eu ou um reflexo do Eu. E esse desdobramento ou essa circularidade são vistos como fatais (...) Mas a dispersão subjectiva do Modernismo não é um sintoma de esquizofrenia ou de associabilidade, é um material de trabalho, uma forma⁹⁰.

No poema *Dispersão*, o poeta emaranha-se num eclodir de oximoros identificativos com a sua vivência interior no encontro e desencontro com um Eu dilacerado e agónico, visualizando o derradeiro momento de vida:

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim (...)

E sinto que a minha morte
Minha dispersão total
Existe lá longe, ao norte,
Numa grande capital.

Vejo o meu último dia
Pintado em rolos de fumo
E todo azul-agonia
Em sombra e além me sumo.⁹¹

A discursividade pessimista e mórbida, tendo como pano de fundo o sacrifício premeditado da vida, contribuiu para a “metamorfose da sua estética bizarra e da sua anarquia espiritual”⁹². Toda essa dispersão interior e de conflito existencial remetem para uma abordagem da arte próxima da loucura, levando o poeta a visionar aquilo que ninguém vê, daí a sua

⁸⁸ *Idem*, p.91.

⁸⁹ *Idem*, p.29.

⁹⁰ *Idem*, p.256.

⁹¹ MOURA, Vasco Graça, *Os Grandes Clássicos da Literatura Portuguesa, Mário de Sá-Carneiro – Poemas Completos*, Editora Planeta DeAgostini, S.A., Lisboa, 2003, p.21-22.

⁹² MARTINS, Fernando Cabral, *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro*, Editorial Estampa, Lisboa, 1994, p.22.

abordagem futurista. Como exemplo fidedigno deste género de discursividade detenhamo-nos na novela “Mistério”, pertencente à coletânea “Céu em Fogo”, onde o sujeito lírico, de modo a dar conta da sua turbulência existencial, recorre a leitmotives dicotómicos, como: terra-céu; abismo-ponte; mar-farol; janela fechada-janela aberta; noite-luz (dia); sonho-realidade; horizontalidade-verticalidade, etc. O artista, sentindo um enorme desconforto patenteado numa latente crise de identidade, invoca uma linguagem imagético-simbólica de maneira a partilhar a sua dor congénita:

“Que desconforto! A sua alma era uma casa enorme, no Inverno, com a mobília atravancada, forrada de serapilheiras...Turbilhões de pensamentos...Ah! se pudesse descansar enfim... E antevisionava um quarto de hospital, muito branco...”⁹³

Almada Negreiros, figura que participou ativamente na ideologia do primeiro modernismo e nomeadamente na revista *Orpheu*, foi um artista multifacetado⁹⁴ e um conivente muito importante, juntamente com Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, na “desconstrução paradoxal da sintaxe e da semântica usuais, decomposição de estruturas vigentes, visando-se uma emocionalização da ideia e a racionalização da emoção.”⁹⁵

Tendo em conta a busca incessante de uma identidade própria, o poeta/pintor autoexalta-se salientando o seu ser e o seu agir em relação a tudo.⁹⁶ Adota uma atitude de alienação em relação ao outro, satirizando-o mordazmente com a intenção de o ofuscar completamente em detrimento da sua procura de identidade ser “suportada por um eu eufórico, ávido de novidade, que se auto-experimenta, se desdobra até ao infinito para melhor se conhecer e se ultrapassar”⁹⁷. Atitude metamórfica de entrega total ao mundo que o rodeia, procurando transformá-lo, acrescentando algo de inovador. A poesia de Almada concentra-se na própria génese do ato poético, momento que precede a linguagem, onde se enquadra o pensamento

⁹³ CARNEIRO, Mário-Sá, *Céu em Fogo: novelas*, coleção poesia, Editora Ática, Lisboa, 1993, pp.108-109.

⁹⁴ “Além desenhador e caricaturista, além de pintor e autor de frescos, painéis e murais, além de projectista de cenários, figurinos de bailado ou teatro, cartazes publicitários e políticos, Almada não cessa de reatar o diálogo plástico-literário, concebendo, por exemplo, capas e ilustrações para livros, seus e alheios.” Cf: RIBEIRO, Eunice, *Ver. Escrever: José Régio, o texto iluminado*, Centro de Estudos Humanísticos, coleção Poliedro, Universidade do Minho, Braga, 2000, pp.132-133.

⁹⁵ SILVA, Celina, *Almada Negreiros, A Busca de uma Poética da Ingenuidade ou a (Re)invenção da Utopia*, Fundação Engenheiro António de Almeida, Janeiro de 1992, p.140.

⁹⁶ “Auto-divinização, auto-exaltação, mediante a qual o sujeito se caracteriza pelo ser e pelo agir contra tudo e contra todos” Cf: SILVA, Celina, *Almada Negreiros, A Busca de uma Poética da Ingenuidade ou a (Re)invenção da Utopia*, Fundação Engenheiro António de Almeida, Janeiro de 1992, p.147.

⁹⁷ *Idem*, p.150.

arcaico, invocando a humanidade na sua plenitude, no contacto com o universo, a realidade e o ser.⁹⁸

Nos anos 20, aquando do aparecimento da revista *Presença* (1927), Portugal “estava combalido por intensas lutas partidárias ou convulsões sociais”⁹⁹, estendendo-se a crise à conceção da arte e da literatura. Neste prisma, a *Presença*, face a esta conjuntura negativa, interveio no sentido de as revalorizar¹⁰⁰, com o contributo de várias individualidades literárias como: José Régio, Miguel Torga, Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro, etc. Esta geração da *Presença*, segundo Eduardo Lourenço, “foi a geração mais literariamente consciente de todas as gerações literárias portuguesas,”¹⁰¹ havendo diferenças marcantes em relação à do *Orpheu*, isto apesar de nos dois últimos números ter funcionado como um autêntico *toque a rebate* tendo em vista uma associação entre o homem e o artista.¹⁰² No entanto, a *Presença* é programática e poética em simultâneo, defendendo a literatura em si, enquanto no *Orpheu* estava-se diante de “uma geração sensível ao escárnio humano e à incompreensão, mas contava com ela, e a literatura era somente para eles a maneira mesma de respirar”¹⁰³.

Aliando a tradição à vanguarda, sob o leme de José Régio, o desempenho da revista pautava-se pela “defesa de uma arte de inspiração ou de génio, em detrimento de uma arte comprometida¹⁰⁴, fazendo-se uma referência ao Eu enquanto base de realização artística, considerando-se o Modernismo uma época artística que valoriza a sensibilidade e o pensamento. Assim sendo, o Eu detém um papel preponderante na abordagem e realização da obra de arte, sendo ela um veículo de transmissão de sentimentos, sensações e inteligência.¹⁰⁵

⁹⁸ *Idem*, pp.104-106.

⁹⁹ GUIMARÃES, Fernando, *Simbolismo, Modernismo Vanguardas*, Lello & Irmão – Editores, Porto, 1992, p.138.

¹⁰⁰ “Foi em oposição a este ambiente mais ou menos contaminado que a *Presença* procurou definir-se. Como? Intentando reatar um encontro com a arte e a literatura no plano da revelação dos próprios valores. E estes manifestavam-se através de duas linhas de desenvolvimento, talvez aparentemente antagónicas: a da tradição e a da vanguarda.” Cf. GUIMARÃES, Fernando, *Simbolismo, Modernismo Vanguardas*, Lello & Irmão – Editores, Porto, 1992, p.139.

¹⁰¹ LOURENÇO, Eduardo, *O Desespero Humanista de Miguel Torga e do das Novas Gerações*, Coimbra Editora, 1955, p.12.

¹⁰² SIMÕES, João Gaspar, *José Régio e a História do Movimento da “Presença”*, Brasília Editora, 1977, pp149-150.

¹⁰³ *Idem*, p.14.

¹⁰⁴ MAIA, Carlos Fernandes, *A Dimensão Ética e Educativa na obra de Miguel Torga – um poeta do dever*, Edição Gráfica de Coimbra Lda G.C, 1999, p.128.

¹⁰⁵ “A arte, e particularmente a literatura, é uma transposição da vida: dos sentimentos, das sensações, da inteligência que o homem tem dela quando é artista (...) O eu, que assumira em Régio uma verdadeira dimensão metafísica, representa, assim, uma dimensão essencial na realização da obra de arte.” Cf. GUIMARÃES, Fernando, *Simbolismo, Modernismo Vanguardas*, Lello & Irmão – Editores, Porto, 1992, p.154.

José Régio, o impulsionador da revista *Presença* direcionou a sua conduta no sentido de uma frenética vontade de confissão, vibrante e complicadamente genuína, exprimindo-se com uma personalidade autêntica em busca da sua identidade, questionando-se quer na sua relação com Deus quer com os homens.¹⁰⁶ Através das suas obras, Régio estabeleceu um contacto confessional permanente e penoso, com o intuito de se ver livre de um aglomerar de mal-entendidos para com os outros. Assim sendo, estamos diante de uma entidade em permanente conflito consigo, com Deus e com a realidade exterior.¹⁰⁷ Neste contexto, tendo em conta a sua conflituosidade existencial, prefere o mundo da solidão à realidade exterior, evidenciando sempre nas suas obras a valência do indivíduo no sentido da realização da pessoa humana pela relação com os outros.¹⁰⁸

Outro escritor que chegou a participar na revista *Presença* foi Vitorino Nemésio, caracterizado por ter uma inteligência transparente e um pertinaz sentido crítico¹⁰⁹, sendo considerado um artista da palavra que está constantemente em reformulações e reconstruções no sentido da procura da perfeição. Tendo presente a sua ligação sincera, genuína e afetiva à terra natal, os Açores, depreende-se uma abordagem telúrica proeminente nas suas obras. Tal como Miguel Torga relativamente à terra de São Martinho de Anta, Nemésio entrega-se com sinceridade e ingenuidade à rudimentaridade das suas origens insulares.¹¹⁰ Portanto, a sua poética está marcada por uma linguagem moderna com referências às suas raízes insulares, tratando o real factual, evocando sentimentos profundos, revelando Deus e o homem, sempre em relação ao seu passado. Todos esses factos, as vivências do passado que perduram na

¹⁰⁶ “Régio conclui a sua descida ao fundo da marginalidade: mal-entendido religioso, mal-entendido com os homens, marginalidade como estudante (...) A obra, escondendo-o embora atrás de máscaras, símbolos, metáforas e alegorias, trazia até nós o primeiro passo de uma longa e dolorosa caminhada confessional que só havia de terminar com a morte do escritor, em 1969. Tratava-se, na verdade, de algo ao mesmo tempo mais intenso e mais fruste do que uma simples confissão: o que se nos patenteava, e de modo por vezes histórico e enervante, era uma frenética vontade de confissão, nem sempre coroada de êxito, concedamo-lo, mas, em todo o caso, vibrante e complicadamente genuína.” Cf: LISBOA, Eugénio, *José Régio: A obra e o homem*, Editoria Arcádia, 1ª edição, Novembro de 1976, pp.74 e 186.

¹⁰⁷ A obra de José Régio está repleta de tensões internas entre: Deus e Diabo; busca e negação; amor e dúvida; adesão e recusa. Cf: PIVA, Luiz, *José Régio - o ser conflituoso, dualismo e estilo*, Brasília Editora, 1977, p.32.

¹⁰⁸ Adepto do seu momento de introspeção solitária devido ao facto de ter atingido o limite do cansaço existencial, vendo bastantes dificuldades na comunhão de consciências e no perfeito entendimento entre entidades. Cf: *Idem*, pp.42 e 49.

¹⁰⁹ “ (...) lúcida inteligência e o senso crítico que em tudo assinala a sua presença.” Cf: LUCAS, António C., *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1974, p.82.

¹¹⁰ “Nemésio é tanto ele, tanto mais genuíno poeta, tanto mais autêntico na sua unidade interior e na sua linguagem materna, como quando vai ao encontro das próprias virtualidades do povo; como quando se despe da erudição que, na cátedra, aprendeu, e se entrega à rudimentar sinceridade dos sentimentos primitivos, dos gestos primários, das determinantes ingénuas que só se justificam no povo, seja ele dos Açores, de qualquer cidade do interior do Brasil ou de próximo da nossa fronteira com a Espanha.” Cf: *Idem*, p.85.

memória, são sujeitos a uma reconstrução poética, através da mediação criadora do poeta.¹¹¹ Neste último aspeto de reconstrução poética, demarca-se da ideologia da *Presença*, em função das imagens pelas quais são descritos os objetos reais. Essas imagens servem para o sujeito poético se aproximar da realidade, descobrindo a sua natureza íntima graças a uma certa intencionalidade emotiva e confessional, porém o sentido narrativo/explicativo na sua obra, muitas vezes, dilui-se numa mundividência de abordagens metafóricas, indo de encontro a um mundo insondado/ingnoto.¹¹²

Nemésio, como confidente de Unamuno, com quem trocou correspondência, recebeu influências do escritor espanhol no que se refere ao seu existencialismo identitário na relação do homem com Deus, com os outros e com ele próprio. Neste sentido, a exaltação da humanidade por parte de Unamuno foi deveras levada a sério por Nemésio, tal como por Miguel Torga. Havendo a afirmação do homem concreto e real, dar-se-á indubitavelmente a afirmação da consciência, conforme o refere Unamuno.¹¹³

Voltando à estética presenciata, tema bastante rico sobre o qual não é possível dizer tudo em poucas linhas, convém salientar pelo menos os aspetos mais marcantes que influenciaram, inequivocamente, a sociedade portuguesa, contextualizada temporalmente entre duas grandes guerras mundiais. Como denominadores comuns entre os autores e intervenientes assíduos nesta revista literária (1927-1940) torna-se pertinente salientar a ambição em renovar ideologias e pensamentos sob influência do sistema vanguardista europeu, principalmente em relação às liberdades formais e humanismo literário do modernismo francês, tendo-se como objetivo propor algo de inovador na literatura e cultura em geral.¹¹⁴ Segundo João Gaspar Simões, esta revista, advinda das revistas *Bysancio e Tríptico*, resulta da relação entre Branquinho da Fonseca, José Régio e o próprio João Gaspar Simões, que resolveram associar-se a um jornal/revista em que

¹¹¹ "...o poeta, esvaziando o signo do seu sentido original, confere-lhe pela imaginação e pela captação do enigmático, um sentido outro que se constrói na relação que esse signo estabelece com os outros signos com os quais o poeta faz dialogar; dados factuais, vividos no passado e guardados na memória, são transformados pela mediação criadora do poeta, que assim os transmuta e (re)coordena." Cf: CRISTÓVÃO, Fernando, *et.al., Nemésio, Nemésios – Um saber plural*, Edições Calibri, Lisboa, 2002, p.120.

¹¹² " (...) o descritivo na poesia de Vitorino Nemésio acaba por deter-se em certos momentos privilegiados que, expressos por uma rede de transferências metafóricas, nos criam um espaço desconhecido onde os seres se vão situar com uma força, um peso ou limites novos." Cf: LUCAS, António C., *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1974, p.96.

¹¹³ "E todos os pregadores do objectivismo não se fixam, melhor dizendo, não se querem fixar no facto de um homem, ao afirmar o seu eu, a sua consciência pessoal, estar a afirmar o homem, o homem concreto e real, afirmando o verdadeiro humanismo – que não é o das coisas do homem, mas sim o do homem – e, ao afirmar o homem, afirma a consciência. Porque a única consciência, de que temos consciência, é a do homem." Cf.: UNAMUNO, Miguel de, *Do Sentimento Trágico da Vida*, Quarteto Editora, Coimbra, Março de 2001, p.15.

¹¹⁴ SENA, Jorge de Sena, *Régio, Casais, a "presença" e outros afins*, Brasília Editora, 1ª edição, Porto, Outubro de 1977, pp.59-60.

pussem “de acordo gostos, ideias, preferências e tendências acalentados nessas noites de boémia intelectual”¹¹⁵ Todas essas tertúlias literárias autenticadas nas várias revistas que iam saindo, às quais se viriam a juntar outros escritores/autores (Afonso Duarte, Miguel Torga, Casais Monteiro, António Navarro, Francisco Bugalho, Saúl Dias, Alberto de Serpa, Carlos Queiroz, Vitorino Nemésio, entre outros) serviam para combater uma grande falta de originalidade e défice de sinceridade latente na sociedade, dividindo-se entre a secção das publicações de autores futuristas e a secção da crítica, esta última mais da competência de Adolfo Casais Monteiro, José Régio e João Gaspar Simões. Foram, sem dúvida, treze anos importantes de atividade em prol da literatura portuguesa, da arte e cultura em geral, valorizando-se acima de tudo o indivíduo e a sua criação artística, resolvendo os “resistentes”, filiados à revista até então (João Gaspar Simões, José Régio e Adolfo Casais Monteiro), cessar a sua atividade, com a ideia do dever cumprido e com o propósito de, a partir de então se dedicarem com mais afinco às suas obras de cariz pessoal.¹¹⁶

Conforme já se mencionou muito brevemente, no início deste capítulo, em Portugal, desde o início do século XX, vive-se um momento de crise aguda e de dissolução de valores. Perante este cenário taciturno, os escritores portugueses desta época procuraram reagir ao ceticismo social vigente, exacerbando o Eu enquanto pólo de realização artística, usando a arte/literatura como um meio produtivo de transposição de emoções e sentimentos paradoxais inerentes à vida. Neste âmbito, deparámo-nos com uma rutura perante o modo artístico conservador, procurando-se redescobrir o mundo por intermédio da reconstrução de uma linguagem peculiar e estética, recusando-se os temas poéticos já desgastados e ultrapassados, entrando a arte numa nova dimensão.

Com esta situação de reconstrução artística, recusa-se a literatura convencional, surgindo novas linguagens literárias, indo ao encontro das características inerentes da literatura moderna, desde a multiplicidade de personalidades, passando pelo abandono às forças do subconsciente vigentes no domínio da intelectualidade da arte e confluindo na transposição paradoxal de emoções, sentimentos, sensações adquiridos na vida quotidiana, que são, através do uso da inteligência, transferidos e desconstruídos em plenas obras literárias.¹¹⁷ Todo este espírito de recusa e rutura, no sentido de redescobrir o mundo que nos circunda, por intermédio da

¹¹⁵ *Op.cit.* SIMÕES, João Gaspar, p.154.

¹¹⁶ *Idem*, p.201.

¹¹⁷ GUIMARÃES, Fernando, *Simbolismo, Modernismo, Vanguardas*, Lello & Irmão - Editores, Porto, 1992, p.153.

linguagem da estética modernista, surge associado à convergência entre a literatura e as artes plásticas, abordagem vigente nos nomes já suprarreferenciados (Fernando Pessoa, Sá Carneiro e Almada Negreiros).

Após esta reflexão urge observar que a questão identitária, na época do Modernismo nacional, onde se sintetizaram várias tendências literárias e artísticas, remete para um interesse partilhado pelos autores em combater certas formas politizadas de pensar e agir, incitando-se à plenitude individual e intuitiva na gestão de um mundo disfórico, sem qualquer centro e horizonte, repleto de múltiplas verdades, com deuses diversos e contraditórios, indo de encontro ao vazio existencial.

Assim sendo, depreende-se que nestas gerações modernistas confluem aspetos de ordem identitária e existencial, dado que os poetas/escritores, tal como outros artistas, viviam enredados em dúvidas existenciais na relação com o próprio eu, com os outros e com Deus. Como forma de partilha dos seus sentimentos/ideias inerentes às questões já referenciadas expressam-se através da arte.

CAPÍTULO II

2.1 - A RELIGIÃO E A RACIONALIDADE NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO TORGUIANO E DA SUA ESCRITA

Numa abordagem bíblica, partindo do evangelho de S. Mateus em relação ao mandamento do amor, “amarás ao Senhor, teu Deus, e amarás ao teu próximo como a ti mesmo, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente”¹¹⁸, este sentido de Deus coaduna-se com a ideologia da *totalidade torguiana* no conjunto da vida e da obra, dado que o autor em estudo faz transparecer, nas suas obras, vivências totalizantes valorizando sempre a questão da humanidade no contacto com o mundo que o circunda.¹¹⁹ Porém, o amor total, segundo Miguel Torga, direciona-se para um “Deus” chamado “Poesia”, ligado a um telurismo ancestral e objetivado, principalmente, na sua terra natal de S. Martinho de Anta.¹²⁰ Em relação ao tema do amor ao próximo, Torga apresenta como destinatários duas paixões, a saber: “a do conhecimento do homem e a do amor do país sui-generis que é Portugal”.¹²¹ Portanto, Torga, baseando-se na poesia, procura a identificação do ser humano que é, incluído num contexto territorial denominado Portugal. Para explicitar mais esta ideia, temos como exemplo a tese de Linhares Filho, o qual defende que a poesia torguiana consiste na “busca do Ser pela realização lírica, social e telúrica do homem.”¹²²

No livro do Génesis, que exerceu grande influência literária em Miguel Torga, narra-se uma rutura da humanidade face à divindade, aquando da desobediência de Adão e Eva à lei divina,

¹¹⁸ COSTA, Alcindo *et al* (org.), *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 15ª edição, Lisboa, 1991, Evangelho segundo S. Mateus, cap22, 37-40. P.1321.

¹¹⁹ “A humanidade do poeta a interferir com uma existência puramente natural. O canto evoca a eterna angústia existencial do homem e a harmonia dá lugar ao conflito.” Cf: MARINHO, Maria de Fátima (org.), *Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga*, p.205.

¹²⁰ Um bom exemplo desta visão totalitária em Miguel Torga ao seu serviço e ao serviço dos outros patenteia-se no seguinte exemplo retirado do décimo segundo volume do seu Diário: “Fui sempre todo doente, todo agónico, todo inocente, todo sensual, todo humilde, todo violento, todo sincero, todo poeta. O caixão que me levar, leva dentro uma vida humana maciça” Cf. TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.XI e XII*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, p.150.

¹²¹ BELCHIOR, Maria de Lourdes, *Uma Leitura do Diário*, Colóquio/Letras – Homenagem a Miguel Torga, Lisboa, vol.98, Julho-Agosto de 1987, Fundação Calouste Gulbenkian, p.22.

¹²² FILHO, Linhares, *O poético como humanização em Miguel Torga*, Colóquio/Letras – Homenagem a Miguel Torga, Lisboa, vol.98, Julho-Agosto de 1987, Fundação Calouste Gulbenkian, p.15. “Preso a essa humanização, o Poético nos três níveis indicados é compreendido por nós em três dimensões: 1ª) como busca humanística do Ser através do esforço de identificação ontológica e do «privilégio diasporádico de existir»...; 2ª) como expressão lírica do «conteúdo autêntico da alma humana», conforme a opinião de Hegel; 3ª) como exercício e pregação poéticos da solidariedade humana.”

deixando-se ambos ludibriar pela serpente tentadora, que passou a representar o demónio, a força do mal. A referida passagem bíblica vem reforçar a ideologia sobre a importância do respeito do ser humano pelas proibições, se se quiser ascender ao divino.¹²³ Estas “ditas” proibições são-nos apresentadas de uma forma bastante assertiva e, essencialmente, ancestral, pois, como nos é referido por Marc Augé, “certos cultos são essencialmente consagrados aos mortos e aos antepassados: a religião reenvia assim incessantemente a sociedade para o seu passado presença/ausência que pesa sobre o destino dos vivos.”¹²⁴

Na obra torguiana, particularmente n' *O Outro Livro de Job*, o autor textual renuncia a esta ideologia, na medida em que entra em conflito com Deus, ao referir que as proibições negam a liberdade do ser humano, dado que, segundo a sua ideologia, só através da liberdade é que o homem se salva, chegando o autor Miguel Torga a afirmar que Deus é a negação do homem.¹²⁵ Porém, apesar deste espírito de descrença perante os processos religiosos, Torga nutre, por outro lado, uma grande admiração pela poesia, como se de uma religião se tratasse.

João Bigotte Chorão, personalidade que estabeleceu contacto com Torga, afirma que ele era “uma espécie de confessor laico, disposto a atender e a entender a queixa do homem ferido e solitário”¹²⁶. Era, inclusive, um fervoroso amante de tudo o que era “simples, espontâneo, natural, como que brotado da terra.”¹²⁷ Esta capacidade psicológica no autor de ser uma espécie de *confessor laico*, um ouvinte das angústias e problemas de outrem manifesta-se na sua vivência no consultório médico, onde teve de ser, muitas vezes e ao mesmo tempo, curador de feridas físicas e de ferimentos da alma.

No seu consultório, Torga usava recorrentemente uma ambivalência entre o médico e o escritor. Como médico, desenganava os seus doentes, quando tinha de diagnosticar uma doença grave. Todavia, ao mesmo tempo, servindo-se da sua alma de artista, que defende a simplicidade e a bondade do homem, utilizava um discurso de esperança e de fé, tentando dar algum alento ao dito doente, fazendo-o acreditar que valia a pena aproveitar o que restava da

¹²³AUGÉ, Marc, “A possessão, o divino, o indivíduo” in *Religião/Rito*, Enciclopédia Einaudi, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XXX, 1987, 170-176.

¹²⁴ *Idem*, 177-243.

¹²⁵ Cf. ARNAUT, António, *Estudos Torguianos*, Coimbra Editora, 2ª edição aumentada, Coimbra, 1997, p.118.

¹²⁶CHORÃO, João Bigotte, *Como é Torga*, Colóquio/Letras – Homenagem a Miguel Torga, Julho-Agosto de 1987, Lisboa, vol.98, Fundação Calouste Gulbenkian, p.19.

¹²⁷ *Idem*, p.20.

vida.¹²⁸ Este sentido moralista em Miguel Torga conecta-o claramente a princípios religiosos, mais concretamente cristãos, de ajuda aos enfermos, nossos irmãos. Porém, por outro lado, a faceta fria e calculista do médico, influencia o escritor a criar racionalmente. Possivelmente, como ensina a ideologia freudiana, esses anseios religiosos podem ser resíduos subconscientes e que resultam da sua passagem pelo Seminário e, também, da educação religiosa que recebera dos seus pais.¹²⁹

Segundo nos diz Teresa Rita Lopes, em Torga, existem três rituais equivalentes: “o de lavrar a terra, o de copular e o da criação artística. O homem é, neste caso, o deus – o divino animal – que penetra e fecunda a terra, a mulher ou a folha de papel”¹³⁰. Esta imagem cósmica utilizada pela autora para definir o papel da criação literária em Torga revela-nos, metaforicamente, a intensidade da sua escrita em consonância com tudo o que o rodeia, desde a terra onde habita, passando pela mulher, até à folha de papel. Portanto, estamos na mundividência do poeta, o qual, por intermédio da escrita, procura dominar o mundo, de modo a sentir-se um ser superior. Mas, outras vezes, o criador artístico é fêmea: “é ele que se abre à «beleza viril de uma paisagem», onde lhe apetece, confessadamente, «parir»”¹³¹:

“Fascinação de artista rendido à beleza viril de uma paisagem onde sempre me apetece parir ou morrer, e gratidão somática por ter nascido nela.”¹³²

Grande parte da veemência da sua escrita encontra-se ao longo dos inúmeros versos, remetendo para uma espécie de espaço sublime, para onde é elevado o coração, como podemos constatar no seguinte excerto:

É um rouxinol que canta.
Molha o bico em amor e solidão,
E levanta
O mais alto que pode o coração¹³³

¹²⁸ MOREIRO, José Maria, *Eu Miguel Torga*, Difel S.A, 2001, pp.107-109.

¹²⁹ SOUSA, Carlos Mendes de (org.), *Dar Mundo ao Coração, Estudos sobre Miguel Torga*, Texto Editores Lda, Lisboa, Outubro de 2009, p.13. Segundo Eduardo Lourenço, “Torga não era um teólogo, nem um filósofo, mas a sua educação cristã deixará nele uma marca indelével (...) A «inscrição religiosa» bebia-se no ar, nas vozes, na topografia do mundo, rústico por fora, religioso por dentro (...) Desta religiosidade, de aldeia portuguesa, de enraizamento pagão ainda tão visível, resistindo a sublimações teológicas incompreensíveis, herdou Torga a religiosidade «telúrica, visceral, orgânica» que no nome de Deus tomaria primeiro a forma de um enigma, com algo paternal...”

¹³⁰ LOPES, Teresa Rita, *Miguel Torga, Ofícios a “um Deus de Terra”*, Edições Asa, 1993, p.54.

¹³¹ *Ibidem*.

¹³² TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. VII e VIII*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.118.

¹³³ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. I e II*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.235.

Estamos diante de uma metáfora elucidativa da riqueza de um poema que, segundo o poeta, é como se se tratasse de um rouxinol, encantando e elevando o nosso espírito a um estado de pureza tal que a moral e a linguagem se encontram, revelando uma certa cumplicidade entre elas: “A moral e a linguagem. Como se vertem uma na outra, ora sujando-se, ora limpando-se mutuamente!”¹³⁴.

Não podia deixar de enaltecer a importância dos seus contos, textos imaginativos e caracterizados por uma “escrita exacta, depurada e linear, como a arquitectura grega”¹³⁵, que agitam o *ego* de qualquer leitor, isto porque, ao longo das suas histórias, encontramos bastantes experiências de “vidas reais”, episódios idênticos aos que já sucederam connosco ou que ainda poderão acontecer um dia. Neste prisma, posso dizer que a sua obra é marcada por uma forte verosimilhança. Estes contos, que remontam a um passado recente, continuam bastante atuais; embora se passem em meios rurais, de acordo com a génese telúrica do autor, os valores transmitidos são universais. Isto constata-se no conto do leproso dos *Novos Contos da Montanha*, em que Julião, o rapaz que ficou leproso, passou a ser marginalizado pelas pessoas da aldeia só pelo facto de o reconhecerem como leproso. Isto vem comprovar a atenção do contista a tudo o que o circunda, tentando, de alguma forma, contribuir para melhorar o mundo, apelando à consciência de cada um, fazendo-o refletir nas verdadeiras valências da vida.

Segundo António Arnaut, compartilhando eu a sua opinião, “é na poesia e no conto que o génio atinge a síntese paradigmática e ergue a mensagem literária à altura encantatória da criação suprema.”¹³⁶. Eu acrescentaria que a escrita torguiana, salientando a poesia e os contos, é utilizada pelo autor como um meio catártico para tentar desvanecer os seus conflitos interiores, libertando-os no papel, eternizando a expressão:

“Gravar, riscar, esculpir, cavar uma pedra, num papiro, num papel, mas, em última análise, escrever – por ser a única maneira de eternizar a expressão.”¹³⁷

Estamos, portanto, diante de uma escrita da terra, natural, direta e perene que prima, essencialmente, pelo seu carácter impulsivo e emocional sobre o racional, estando, também, marcada por uma nota de ancestralidade:

Soube a definição na minha infância.

¹³⁴ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. XV e XVI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, p.235.

¹³⁵ Cf. ARNAUT, António, *Estudos Torguianos*, Coimbra Editora, 2ª edição aumentada, Coimbra, 1997, p.38.

¹³⁶ *Ibidem*.

¹³⁷ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. I e II*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.20.

Mas o tempo apagou
As linhas que no mapa da memória
A mestra palmatória
Desenhou.
Hoje
Sei apenas gostar
Duma nesga de terra
Debruada de mar.¹³⁸

Desta terra sou feito.
Fragas são os meus ossos,
Húmus a minha carne.
Tenho rugas na alma
E correm-me nas veias
Rios impetuosos.
Dou poemas agrestes,
E fico também longe
No mapa da nação.
Longe e fora de mão...¹³⁹

Porém, em nota do Diário, Miguel Torga afirma que, depois de concluir os textos, os deixa numa espécie de *banho-maria*, com o intuito de mais tarde e numa atitude de distanciamento perante o que escreveu, poder encontrar e corrigir os defeitos:

Horas a fio a escrever. Ou melhor: a remendar textos velhos. Sou assim: tenho de deixar a prosa e os versos em repouso durante algum tempo para que assentem e possa então ver-lhes claramente os aleijões.¹⁴⁰

Apesar de todo este cuidado e controlo na escrita, Torga sempre se sentiu insatisfeito, como um bom artesão, podendo considerar-se um escritor-artesão, almejando sempre mais, o que comprova o seu espírito de guerreiro e de inconformado com aquilo que faz, procurando sempre atingir o pleno, o ideal, como nos confirma o mesmo em nota de diário:

O que digo ou escrevo nunca me satisfaz, mesmo quando os outros se dão por esclarecidos.¹⁴¹

Miguel Torga não só é um marco importante na nossa literatura como também o é no estrangeiro. Como nos descreve José Maria Moreiro, o escritor é “um homem feito de integridade, tão português em cada detalhe e em cada instante que em sua literatura respira o

¹³⁸ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Portugal*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.11.

¹³⁹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.XV e XVI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.44.

¹⁴⁰ *Idem*, p.84.

¹⁴¹TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.XIII e XIV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.210.

país inteiro e reafirma a aventura lusitana pelo mundo afora.”¹⁴² Este facto constata-se num grande número de traduções das suas obras para diversas línguas.

Efetivamente foi uma figura muito viajada, refletindo nas suas obras todos os locais por onde passou. Contudo e apesar de ter ficado, de certo modo, deslumbrado com os ambientes citadinos por onde passou, o autor manteve sempre a sua enorme paixão pelo mundo rural, chegando a referir que o essencial na vida era o pão e água e sete palmos de terra.¹⁴³

É de salientar, igualmente, a orientação filosófico-existencialista do autor, o qual afirmara no *Diário VII* valorar o individualismo em detrimento das instituições:

(...) sobreponho o egoísmo da personalidade à exigência das instituições, vibro como um diapasão acordado diante da perspectiva de qualquer anarquia. Sou a imagem viva de um inferno de contradições. Por isso, em vez de me escudar na ilusão de uma serenidade que não tenho, abro-me inteiro à evidência da lição que me espera.¹⁴⁴

O homem Adolfo Correia da Rocha, nome próprio do escritor Miguel Torga, que nasceu no dia doze de Agosto de 1907, em São Martinho de Anta, viera ao mundo num contexto de uma aldeia centrada numa agricultura de subsistência. Contudo, essa aldeia, mais tarde, viria a ser o centro do mundo do escritor Miguel Torga, espaço onde iria renovar as forças, tanto as artísticas como as profissionais, de médico. Voltando ao início da vida do escritor, na sua infância, Adolfo frequentava a escola e a catequese, tendo sido por intermédio desta última que apareceu o culto da letra, ao ser-lhe inculcido pela sua mãe a leitura de um resumo ilustrado da Bíblia. Depois de Adolfo frequentar a quarta classe, como os pais tinham fracas condições económicas, foi matriculado num seminário de Lamego, onde chegou a usar batina, porém, numa determinada altura, chega à conclusão que já não queria ser padre, para grande desgosto dos seus pais. Este foi um importante marco na sua vida, tendo em conta que fora um primeiro momento de repúdio perante Deus, deixando transparecer uma perda de fé. Pela primeira vez, conscientemente e com bastante personalidade, revelou a sua força inata que se direciona para a aclamação do homem em si em detrimento de Deus, apelando para a importância da liberdade:

Liberdade!
Liberdade do homem sobre a terra,
Ou debaixo da terra.
Liberdade!

¹⁴² MOREIRO, José Maria, *Eu, Miguel Torga*, Difel, Lisboa, 2001, p.12.

¹⁴³ LOURENÇO, Eduardo, *O Portugal de Torga. In Colóquio/Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p.10.

¹⁴⁴ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. VII e VIII*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.31.

O não inconformado que se diz
A Deus, à tirania, à eternidade.¹⁴⁵

Ultrapassado este episódio, vai trabalhar para o Brasil, onde estava o seu tio. Ali sente-se, de certo modo, descontextualizado face ao novo ambiente que o circunda, continuando a remeter imaginativamente para “as azuis montanhas paradas do Marão que a memória dos seus olhos sobrepõe à nova paisagem.”¹⁴⁶ Encontrava-se no Brasil “porque querendo estudar, não queria ser padre, e, querendo trabalhar, não queria ser escravo de ninguém”¹⁴⁷. Tendo em conta que o interesse pelos estudos estava a fervilhar na cabeça de Adolfo, o tio, apercebendo-se desse facto, propôs-se pagar-lhe os estudos. Neste contexto, volta para Portugal, no ano de 1925, com o intuito de estudar. Em 1928, matricula-se em Coimbra no curso de Medicina, escolhe essa que se prendeu, simplesmente, com uma opção deliberada, à parte a sua vocação para a escrita¹⁴⁸. Neste prisma, estamos diante de uma personalidade marcada por duas vertentes: por um lado, a sua profissão de médico e, pelo outro, a escrita que sempre esteve enraizada na sua alma, tendo-se libertado com o livro *Ansiedade*. A partir desta primeira publicação, o autor começa a fomentar uma nova voz no mundo que o rodeia, exigindo um espaço próprio que o fizesse sentir-se útil na meditação da escrita, por intermédio da qual tudo se renova e revigora:

Outra vida começa, e outra imagem
O poeta descobre no seu rosto.
A cada novo olhar, nova paisagem,
A cada novo fruto, novo gosto.¹⁴⁹

Estabelecendo contactos com José Régio, João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro, Branquinho da Fonseca e Vitorino Nemésio, filiou-se na Revista *Presença*, sobressaindo desta adesão ao grupo “uma conflitualidade em que assume a sua profunda humanidade, procurando apaziguar dentro de si forças opostas sem o conseguir e optando por uma via satânica cara aos presencialistas e particularmente a Régio.”¹⁵⁰ Contudo, no ano de 1930, termina com a sua

¹⁴⁵ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol III*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.32.

¹⁴⁶ GONÇALVES, Fernão de Magalhães, *Se e Ler Miguel Torga*, Tartaruga, Chaves, 1998, p.61.

¹⁴⁷ *Idem*, p.73.

¹⁴⁸ Para deter uma leitura mais aprofundada e atual acerca da biografia de Miguel Torga torna-se pertinente consultar o seguinte estudo: SOUSA, Carlos Mendes de, *Miguel Torga, 1907-1995, Comemorações do Centenário do Nascimento*, Teatro Vila Real, Maio de 2007, pp 60-162.

¹⁴⁹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.162.

¹⁵⁰ LOPES, Maria do Carmo Azevedo, *Miguel Torga - Uma poética de autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2005, p.20.

participação nessa revista de inspiração modernista, da qual faziam parte integrante, entre outros, os escritores já supracitados. Os argumentos usados pelo autor para tal rescisão com a revista *Presença* prenderam-se com o facto da existência de uma “demasiada doutrinação literária e excessivo individualismo humanista”¹⁵¹, o que eram grandes entraves para transmitir a sua poesia.

Seguidamente, com Branquinho da Fonseca, funda a revista *Sinal* como forma de reagir contra esse monolitismo da *Presença*, que tanto o consumia.

Em 1936, Adolfo Rocha inaugura uma nova aventura literária coletiva com a revista *Manifesto*, que viu a luz do dia durante seis anos. Nela participaram, para além de Miguel Torga, Albano Nogueira, Fernando Lopes Graça, Branquinho da Fonseca, Paulo Quintela e um desconhecido «A.N». Nestas publicações da revista *Manifesto*, Torga demonstrou, de uma maneira mais contundente, o seu repúdio pelo protagonismo egocêntrico presencista, defendendo, acima de tudo, uma literatura voltada para a participação ativa do homem comum e não uma literatura fechada em si mesma. Estávamos em pleno regime Salazarista, em que a revista, antes de ser publicada, teve de passar pelos trâmites da censura prévia, facto que nunca fora bem aceite por Torga, isto porque o autor sempre pugnara pela liberdade de expressão.¹⁵² Perante todas estas opressões do regime e chegando à conclusão de que, depois de todas as tentativas de expressar a arte poética e literária de uma forma coletiva, “a autenticidade poética exige o máximo de pureza e de fidelidade pessoal impossível de conseguir em grupo”¹⁵³, o autor deu por terminadas as suas incursões coletivas na poesia.¹⁵⁴

¹⁵¹ MOREIRA, José Maria, *Eu, Miguel Torga*, Difel, S.A, 2001, p.81.

¹⁵² Miguel Torga, Branquinho da Fonseca e Edmundo Bettencourt “escrevem uma carta, com Torga à cabeça, na qual a acusam de incorrer no arcaísmo estático das escolas, de excessivamente doutrinária, de falta de liberdade e de coutada.” Cf: MOREIRA, José Maria, *Eu, Miguel Torga*, Difel, S.A, 2001, p.84; “Defendia um «humanismo literário» de «base real e a retórica» no que se afastava do esteticismo e individualismo presencista. No entanto, esta revista terá também uma vida efémera...Deixa de se publicar devido a problemas com a Censura.” Cf: LOPES, Maria do Carmo Azevedo, *Miguel Torga - Uma poética de autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2005, p.26.

¹⁵³ MOREIRA, José Maria, *Eu, Miguel Torga*, Difel, S.A, 2001, p.85.

¹⁵⁴ As colaborações de Torga não se ficaram por estas revistas (*Presença*, *Sinal* e *Manifesto*), tendo participado noutras publicações. Nos anos trinta colaborou em *Cancioneiro e Momento*, muito ligadas aos presencistas. Intervém também em *O Diabo e Seara Nova* que já apregoavam uma arte empenhada bem antes do movimento neorrealista. Os seus textos são igualmente publicados em *Revista de Portugal*, dirigida por Vitorino Nemésio. Nos anos quarenta colabora em *Litoral*, dirigida por Carlos Queiroz: é uma revista com interesses diversificados mas posicionando-se contra uma literatura de militância sociopolítica polarizada em torno do movimento neorrealista. Surgem ainda textos seus incluídos em *Confronto*, dois volumes antológicos dirigidos por Manuel Breda Simões. A revista *Itinerário*, publicada em Lourenço Marques, empenha-se na divulgação do neorrealismo português e da literatura nova em geral, pelo que também publica poesia de Torga. Já nos anos cinquenta colabora em *Notícias do Bloqueio*, um conjunto de fascículos editados entre 1957 e 1961 no Porto, em que se lança a denominada segunda vaga neorrealista e em que se salienta a importância da solidariedade humana, dando-se continuidade a uma tendência de «poesia-

Foi, igualmente, no ano de 1936 que apareceu a obra de Miguel Torga, *O Outro Livro de Job*, sobre a qual me irei debruçar, minuciosamente, mais adiante. É um livro de vinte e cinco poemas, caracterizado pelos sentimentos de revolta e angústia que o vão atordoando ao longo da vida, levando-o a uma constante questionação sobre tudo o que tenha a ver com a nossa existência. Sente-se constrangido pelo facto de Deus o ter feito à «sua imagem e semelhança», excetuando nos defeitos/pecados humanos, circunstância essa que o fez revoltar-se perante essa subestimação do homem em relação ao Criador Divino. Assim sendo, o escritor Miguel Torga, perante este menosprezo do homem pela parte de Deus, serviu-se de uma passagem bíblica, através da qual reconstrói a relação Homem/Deus, enfatizando a importância do Homem/Lázaro em detrimento de Deus. Apesar de reconhecer a onipotência de Deus, há como que uma tentativa desenfreada do autor em elevar a razão humana ao divino.

No fundo, o que Miguel Torga vai procurando ao longo das suas obras é a sua verdadeira identidade como homem, enaltecendo, para tal, o papel do escritor, que funciona como antídoto contra as «tormentas» e as «chagas da vida», através dos seus versos:

Que humanidade tens, irmão?
De onde te vem a força, a decisão,
E esse gosto de nunca desertar?
És o Cristo, talvez...
Um Cristo sem altar
Que ficasse a lutar
Junto de nós,
Tão presente, real e natural,
Que podemos ouvir-lhe a própria voz.¹⁵⁵

Como escritor, Torga considera-se «um Cristo sem altar» que pugna junto do homem, procurando ir ao encontro imediato dos seus anseios e problemas existenciais.

Miguel Torga, acima de tudo, nutre um enorme sentimento de carinho e de respeito pelo seu Portugal, principalmente pela sua terra natal, S. Martinho de Anta. Há uma total

grito» e de «poesia-panfleto». Há ainda a referir a revista *Colóquio*, saída em 1959 e que a partir de 1971 se divide em *Colóquio/Artes e Colóquio/Letras*. Não sendo uma publicação de tendência estética ou ideológica, esta última mantém-se até à atualidade e tem dado voz a sucessivas gerações de criadores, selecionados por critérios de qualidade. Ai são publicados também textos de Torga, assim como páginas de ensaio ou homenagens dedicadas à sua obra. Em 1975, num período de efervescência ideológica e política, encontramos textos de Torga na revista *Crítério*, empenhada na defesa de socialismo e portugalidade, insurgindo-se contra as formas de totalitarismo, de dogmatismo e de repressão da liberdade. Colaborou nos *Cadernos de Literatura*, revista do *Centro de Literatura Portuguesa* da Universidade de Coimbra, editada a partir de 1978 sob a direção de Andréa Rocha. Cf. ROCHA, Clara, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985, 635-675.

¹⁵⁵ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia Vol.III*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.29.

consonância do escritor com a sua pátria, reconhecendo-se avidamente nas suas paisagens. Estamos, portanto, perante uma exequível simbiose entre o poeta e a natureza das terras de Portugal:

Avivo no teu rosto o rosto que me deste,
E torno mais real o rosto que te dou
Mostro aos olhos que não te desfigura
Quem te desfigurou.
Criatura da tua criatura,
Serás sempre o que sou.¹⁵⁶

Este excerto remete-nos para a ideologia telúrica que habita as suas obras. Pois, antes de ser qualquer coisa, na sua existência, já vivia em comunhão com as suas raízes telúricas, podendo-se afirmar, como a Santíssima Trindade, contextualizado numa mundividência, ao mesmo tempo, tripartida e una: numa só identidade, deparamo-nos com um médico, um escritor e uma «Criatura da tua criatura», ou seja, um ser ligado ao telurismo. Porém, penso que esta comparação se torna um tanto ou quanto forçada, na medida em que a suposta Trindade no autor é caracterizada por constantes conflitos existenciais. Contudo, apesar destes conflitos, que emanam devido à constante busca da verdade, esta identidade complementa-se com a inclusão dessas três componentes.

No apego à terra, Torga enaltece, acima de todas, a sua terra natal de S. Martinho de Anta, remetendo para o «chão natural de Trás-os-Montes» como sendo algo de divino:

De todos os mitos de que tenho notícia, é o de Anteu que mais admiro e mais vezes ponho à prova, sem me esquecer, evidentemente, de reduzir o tamanho do gigante à escala humana, e o corpo divino da Terra olímpica ao chão natural de Trás-os-Montes.¹⁵⁷

Essa divinização da terra, em especial a sua terra natal de Trás-os-Montes, reflete-se na sua constante aclamação de um Deus “de terra”, que se encontra, essencialmente, nas terras viris e austeras, como é o seu reino maravilhoso:

Vê-se primeiro um mar de pedras. Vagas e vagas sideradas, hirtas e hostis, contidas na sua força desmedida pela mão inexorável dum Deus criador e dominador.¹⁵⁸

Esse Deus criador e dominador é um *Deus da terra* e não um Deus transcendente, inacessível ao homem comum. É, necessariamente, um Deus ligado à palavra “rija” que,

¹⁵⁶ *Idem*, p.210.

¹⁵⁷ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.XI e XII*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p19.

¹⁵⁸ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Portugal*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.29.

normalmente, provém do povo humilde, que se faz representar por intermédio da beleza da Natureza, através da qual o homem se deleita na sua contemplação, como sendo um espaço de refúgio à corrupção da sociedade. Rousseau, também tratou deste tema referindo-se ao homem como uma identidade pura em plena simbiose com a genuína Natureza. Porém, é depois no contacto com a sociedade que o homem se corrompe, segundo o mesmo filósofo.¹⁵⁹ Não se consegue confirmar se Torga se inspirou nesta teoria de Rousseau no conto do “Caçador”, todavia, os trâmites narrativos são similares, na medida em que, naquela aldeia, somente o Caçador é que estava refugiado na pureza da natureza, não chegando a ser deformado pela sociedade que o rodeava, representada, neste conto, na “raiva” e na “ganância” dos habitantes da aldeia:

A aldeia formigava de questões e de raivas, e ele coava-lhe apenas a agitação de longe, vendo-a fumegar na distância, ao anoitecer, e acariciando-a então num cansaço doce e contemplativo.¹⁶⁰

(...) Atravessara os anos como um duende, puro, alheio à raiva e à ganância, inocente, pronto a comover-se diante da primeira flor.¹⁶¹

Segundo Luís Miranda Rocha, Miguel Torga foi um ser “marcado desde muito cedo por um conflito religioso e existencial, nunca conseguindo libertar-se de uma visão lírica e telúrica da região natal”¹⁶², facto que marcou indelevelmente toda a sua extensa obra e que catapultou a sua escrita para uma fiel e próspera amizade filial com a terra-mãe, imitando na escrita a própria ética da paisagem:

(...) gostaria de conseguir na prosa a dignidade e a força descarnada destas fragas, e nos versos a pureza e a largueza dos horizontes que dela se descortinam.¹⁶³

À semelhança de Unamuno, pode-se afirmar que, na poesia torguiana, se nota uma grande força interior revigorada, a qual se baseia numa atitude de enorme concentração, por parte do sujeito lírico, em relação ao que o rodeia. Numa primeira fase, perscrutando o mundo

¹⁵⁹ SOUZA, M.G. de, *Ilustração e História: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*, São Paulo: discurso editorial, 2001, pp.75 e 76. A autora afirma que “ a concepção da História em Rousseau é marcada pela ideia de uma trajetória linear de decadência e corrupção progressiva”, mas que, a diferença do Cristianismo, este “percurso não é o da salvação, e sim o da perdição”. Assim, o “progresso não é um avanço em direção ao melhor, mas uma mudança para o declínio”. Trata-se de um ponto que afasta Rousseau dos Iluministas do seu tempo.

¹⁶⁰ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Novos Contos da Montanha*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.42.

¹⁶¹ *Idem*, p.44.

¹⁶² ROCHA, Luis de Miranda, in *Suplemento Literário do Jornal de Notícias*, Porto, 24-10-1968.

¹⁶³ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.VII e VIII*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.179.

com o objetivo de o interiorizar da forma mais íntima possível. Numa fase posterior, o poeta, face a esta introspeção do mundo exterior, natural e social, emerge, num impulso descontrolado de discórdia em relação a todos os problemas que lhe consomem a alma. Daí Torga ser conhecido por ter sido um lutador incansável e inconformado, sempre à procura da salvação da humanidade. Essa demanda do poeta na constante busca do ser, entrelaçado no sentido crítico e racional, é germinada por uma “semente”, a qual ele procura fazer brotar por intermédio dos poemas. Contudo, as palavras estão constantemente a recusar-lhe esse intento:

Poema que as palavras me recusam,
O que eu sinto e sonho, flor ausente
Do meu jardim!
Quase te sei, e não te sei cantar!
É como se tivesse uma semente
Dentro de mim,
E o corpo a não deixasse germinar.¹⁶⁴

Estamos diante de uma metadiscursividade do poema, em que a postura moderna da crítica das linguagens se encontra vertida em imagens simultaneamente religiosas e agrárias de génese e sementeira. Esta metáfora da semente dentro do seu corpo é um tema de raiz bíblico reportando-nos para a parábola do sementeiro, visto que quem semeia é Deus, entendido como aquele que difunde a sua palavra por todo o mundo, mesmo se os recetores encontram vários obstáculos que podem prejudicar a assimilação e a posterior vivência dessa mesma “palavra de vida eterna”, como é conhecida nos Evangelhos. Analogicamente à passagem bíblica¹⁶⁵, a palavra, na poesia torguiana, também detém uma importância extrema e, como se dá a entender no excerto transcrito acima, o sujeito lírico sente a necessidade de proclamar a sua palavra.

Esta passagem revela-nos a conivência temática que existe entre a religião e a poesia e, apesar do assumido agnóstico que é Torga, os seus poemas surgem ao leitor sempre como algo de místico/religioso, temática abordada, igualmente, na lírica camoniana. O poeta em estudo aproxima-se de Camões no que toca à presença das musas e à exaltação do herói coletivo objetivado no Povo Português. Como se sabe, na poesia camoniana também vigora o aspeto mítico/divino, quando, por exemplo, na obra épica *Os Lusíadas*, nos deparamos com as intervenções de deuses adjuvantes e oponentes, em relação à demanda dos Portugueses nos

¹⁶⁴ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol.III*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.21.

¹⁶⁵ Cf. COSTA, Alcindo *et al* (org.), *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 15ª edição, Lisboa, 1991, Novo Testamento, segundo São Marcos (cap.4, 1-9), p.1337.

Descobrimos, a caminho da misteriosa Índia. Portanto, estamos perante mais um bom exemplo de um poeta que, de certa forma, viria a influenciar o nosso poeta das fragas de Trás-os-Montes.

No atinente à semelhança entre a escrita torguiana e a bíblica, relativamente à componente retórica, na Bíblia, a palavra de Deus, incarnada em palavras humanas, é-nos fornecida na forma de vocábulos cobertos de uma carga persuasiva tal capaz de atingir o leitor. Este esforço em “infetar” a plateia, os leitores/ouvintes, quer nos discursos orais e nos sermões, quer nos textos escritos, com sentimentos de terror e de piedade, já estava presente nos ensinamentos de Aristóteles. Este filósofo foi quem reabilitou a retórica como “um saber de natureza eminentemente pragmática que ensina a encontrar e a utilizar eficazmente argumentos e que ensina a dizer bem, de modo a conseguir a adesão dos interlocutores à opinião advogada”¹⁶⁶ Neste sentido, Torga, através das suas obras, procura, igualmente, cativar o leitor, contribuindo para que o destinatário de todos os seus enredos literatos tenha uma atitude reflexiva, de introspeção existencial face às questões levantadas pelo mesmo. Como exemplo detenhamo-nos no poema *Perenidade* em que o sujeito poético tece uma meditação sobre o passar do tempo e os momentos irrepetíveis e únicos que se vão vivenciando:

Nada no mundo se repete.
Nenhuma hora é igual à que passou (...)
Homem novo que vens, olha a beleza!
Olha a graça que o teu instinto pede.
Tira da natureza
O luxo eterno que ela te concede.¹⁶⁷

Outro ponto bastante pertinente, no que se refere ao mesmo Aristóteles e à sua importância para este tema da poesia na sua relação com o discurso religioso, prende-se com o facto de considerar a poesia como uma arte de natureza imitativa, valorizando-a em detrimento da história, salientando que, enquanto a história representa um acontecimento concreto e factual, a poesia parte desse acontecimento concreto para a plenitude universal.¹⁶⁸ Esta ideia remete-nos para o que Miguel Torga dissera relativamente à identidade poética, referindo que “a autenticidade poética é um exercício tão sublime que só pode ser encarado com pureza,

¹⁶⁶ SILVA, Victor Aguiar e, *Teoria e Metodologia Literárias*, Lisboa, Universidade Aberta, 1990, p.22.

¹⁶⁷ TORGA, Miguel, Biblioteca Miguel Torga, *Poesia Vol. I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.175.

¹⁶⁸ ARISTÓTELES, Horácio, Longino, *A Poética Clássica*, Editora Cultrix, São Paulo, 2002, p.28 e p.58.

fidelidade pessoal e distanciamento,”¹⁶⁹ abordagem sempre presente no poeta perante um poema.

¹⁶⁹ MOREIRO, José Maria, *Eu, Miguel Torga*, Difel, Lisboa, 2001, p.81.

2.2 – O BINÓMIO SAGRADO/PROFANO, O PODER DA RELIGIÃO E O ESOTERISMO

Em todas as épocas da história sempre existiram os domínios do sagrado e do profano¹⁷⁰: esse dualismo vigora ainda nos dias de hoje, sendo algo, de certa forma, intemporal. Contudo, nos tempos atuais, a abordagem a esses dois domínios é relativamente diferente, pois, na cultura ocidental, o sagrado tem vindo a perder terreno para o profano. Este facto explica-se pela gradual perda de rotinas religiosas por parte da sociedade, principalmente das novas gerações. Perante esta tendência da sublimação do profano na sociedade, houve várias teses que procuraram dar resposta à dialética entre estes dois mundos, evidenciando uma valorização do sagrado.

Segundo a escola sociológica francesa, tendo como impulsionadores Hubert e Mauss, o indivíduo, para se exprimir afirmando a sua existência, necessita de se integrar num sistema social como uma forma que o transcende, isto é, carece de fazer parte de uma força social como uma realidade superior, com a qual se identifique de forma a sentir-se realizado em comunhão com os outros¹⁷¹. Esta ideologia valorativa do sagrado comunitário a nível humano e social revela-se também nos textos bíblicos, dando ênfase à sociedade como uma família que todos temos que respeitar como instituição sagrada.¹⁷² Porém, este sagrado social, para ser consumado e, essencialmente, vivido com afínco por parte das pessoas, supõe uma enorme

¹⁷⁰ «No princípio do século XX, o estudioso da religião e arcebispo sueco Nathan Soderblom forneceu uma definição baseada nos sentimentos humanos: «Religioso, ou devoto, é todo aquele para quem alguma coisa é sagrada.» O termo sagrado tornou-se uma palavra-chave para os investigadores da religião do século XX que pretenderam descrever a natureza da mesma e a sua índole especial (...) O sagrado é aquilo que é totalmente diferente de tudo o mais, não podendo, por conseguinte, ser descrito em termos vulgares (...) Mircea Eliade começa com uma definição muito simples do sagrado: ele é o oposto do profano. Atenta depois no significado original das palavras. Sagrado designa algo distante e consagrado, profano significa o que está em frente, ou fora, do templo. Eliade acredita que o homem adquire o seu conhecimento do sagrado por este se manifestar como uma coisa totalmente diferente do profano. Ele chama a isto *hierofani*, palavra grega que, literalmente, significa «algo de sagrado revela-se-nos». E sendo o caso, não importa se o sagrado se manifesta numa pedra, numa árvore ou em Jesus Cristo. Quem quer que venere uma pedra não é à pedra em si que presta homenagem. Adora-a por ser um *hierofani*, por mostrar o caminho para algo que é mais que uma simples pedra: o sagrado.» Cf GAARDER, Justin, *O Livro das Religiões*, Editorial Presença, 2ª edição, Lisboa, Junho de 2003, p.20.

¹⁷¹ HUBERT, H., e MAUSS, M., *Introduction à l'analyse de quelques phénomènes religieux*, in «Revue de l'histoire des religions», LVIII, pp. 163-203 *apud* A.D.N., «Sagrado/Profano» in Enciclopédia Einaudi, *Mitos/Logos/Sagrado - Profano*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XII, pp. 105-160.

¹⁷² Cf. São Mateus (cap.12, 46-50) in *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica Missionários Capuchinhos, Lisboa, 1991. Nesta pequena passagem do Novo Testamento, deparamo-nos com as afirmações de Jesus Cristo aos apóstolos dizendo que “todo aquele que fizer a vontade de Meu Pai que está nos céus, esse é Meu irmão, Minha irmã e Minha mãe.” Estamos diante de uma valorização da sociedade como algo sagrado, apelando-se à união entre os homens; contudo, para isso ter-se-á que seguir uma determinada conduta, que consiste em obedecer à vontade divina.

carga sacrificial, dado que funciona como uma forma de purificação no caminho para a aventura da libertação, tão promovida por Miguel Torga:

Ver astros, nuvens, tempestades, mitos,
Onde há luas, quimeras, ambições, desejos;
Onde há gritos
E beijos¹⁷³

Neste excerto transcrito acima, constata-se a predileção do poeta por toda a cosmogonia existencial, na qual tudo vive e se transforma. Remete para uma visão do mundo em que tanto “há gritos” baseados na vida de sacrifício, como “beijos”. Neste contexto, estamos perante a visão tradicional de que, na vida, temos altos e baixos, momentos bons e maus, em que se procura, refletindo nos maus, atingir os bons, pois como nos diz a velha máxima, *a seguir à tempestade vem a bonança*.

Retrocedendo à cultura clássica constata-se, desde sempre, uma mundividência salutar entre o humanismo, a religião, a política e a cultura científica. As relações entre estes termos não nos aparecem por acaso, existindo explicações de fundo para este facto. O termo cultura abarca consigo a necessidade de atingir uma justa liberdade e legítima autonomia, tendo em conta a maneira de ser, pensar, agir e viver, por parte de cada ser humano. Entende-se a cultura como sendo uma ação solitária que o homem, numa primeira instância, realiza sobre si mesmo e, numa segunda instância, sobre o mundo que o circunda, procurando uma transformação para melhor. Esta valorização da liberdade faz-nos chegar até ao humanismo clássico que “se define como movimento de libertação do homem pela redescoberta dos valores morais e intelectuais incluídos na literatura greco-latina.”¹⁷⁴ Continuando esta ideia, pode-se afirmar que os filósofos e oradores da antiguidade greco-latina, como Hesíodo, Sócrates, Platão, Aristóteles e Cícero, funcionaram como pontes importantes entre o paganismo e o cristianismo, servindo-se de um excelente poder de argumentação, patenteado, essencialmente, numa abordagem filosófica.

Miguel Torga, poeta que se revela como um lutador nato, apesar do seu agnosticismo, vê Deus como o seu progenitor/protetor, Deus esse que se revela, intemporalmente, o seu confidente nas venturas e desventuras. É nessa conflituosidade com Ele que o poeta consegue desbravar veredas em direção ao mítico mundo da sua existência:

(...) Deus lá sabe

¹⁷³ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol.I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., 2000, p.178.

¹⁷⁴ FREIRE, António, *Humanismo Clássico*, Edições Appacdm Distrital de Braga, 2ª edição, Braga, 1996, p.17.

as linhas com que me cose...¹⁷⁵

Essa caminhada do poeta encontra-se, sem sombra de dúvida, cimentada na relação dialética entre sacro e profano, na medida em que sempre deu importância ao seu “paraíso” transmontano de São Martinho de Anta e às relações humanas da gente simples do campo. Esta ligação do poeta em relação a essas vivências simples do dia-a-dia, em que o homem procura arduamente o seu “ganha-pão”, está de mãos dadas com o profano, na medida em que se coaduna com o que é útil e económico. Por outro lado, também encontramos nessas vivências o mundo do sagrado, isto porque, ao mesmo tempo que o homem procura a sua sobrevivência, está, igualmente, a zelar pelos seus entes queridos, demonstrando a sua veia moral em servir os irmãos.¹⁷⁶ Era o que Torga fazia com a sua escrita, procurando fazer transparecer para o leitor a ideia de que os seus textos eram para ser interpretados de uma forma empenhada, podendo-se acrescentar que o autor alimentava a ideia de preencher as almas dos seus leitores através das questões existenciais levantadas nas suas obras, valorizando uma literatura interessada em detrimento de uma literatura estéril, caracterizada por um esteticismo vazio.¹⁷⁷

Esta ligação torguiana às classes rurais deve-se certamente à sua origem humilde, mas também ao facto dessas mesmas classes realizarem, na sua ação quotidiana, “um estatuto de permanente e contínuo parentesco com o mundo sagrado”¹⁷⁸, havendo, como já referi, uma interligação salutar entre o profano e o sagrado.

Dammann, autor que estudou as culturas e ideologias africanas, diz-nos onde se manifesta a potência do sagrado, essa força sacra que “seria pressentida como energia que supera a natureza, (...) pode apresentar-se na esfera material, mas manifesta-se sobretudo nas formas orgânicas.”¹⁷⁹ Quer isto dizer que, apesar do teor sobrenatural dessa potência, ela é-nos transmitida, para dela desfrutarmos, por intermédio das plantas, árvores, animais e, sobretudo pelo homem.

¹⁷⁵ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.38.

¹⁷⁶ Daí a sua escrita se basear na problemática humana em que “um olhar profundo dessa problemática vai necessariamente conduzir a um desespero na medida em que a solução para o questionado sentido das vidas se impõe necessariamente mas as respostas dadas não satisfazem e as que se procuram não aparecem, ou, se aparecem, são movediças.” Cf MAIA, Carlos Fernandes, *A Dimensão Ética e Educativa na obra de Miguel Torga – um poeta do dever*, Edição Gráfica de Coimbra Lda G.C., p.100.

¹⁷⁷ *Idem*, p.99.

¹⁷⁸ A.D.N, “O sagrado nas culturas populares” in *Enciclopédia Einaudi, Mithos/Logos; Sagrado/Profano, Sagrado/Profano*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XII, pp.127-130.

¹⁷⁹ *Idem*, p.117.

Torga, ao considerar-se um grande aliado da sua terra-mãe, não se contenta com o facto de viver no seu canto de Trás os Montes, antes pelo contrário, a sua condição humana impôs-lhe uma vivência simultaneamente intra-histórica e trans-histórica no mundo e com janela em permanência aberta sobre o transcendente. E tudo isto por exigência intrínseca à própria realidade que é:

E a todo o comprimento
Sou sete palmos de lama:
Sete palmos de excremento
Da terra-mãe que me chama.

Senhor, ergo-me do fim
Desta minha condição...¹⁸⁰

Este poema reflexivo que acabei de transcrever remete para a visão que o sujeito lírico tem da sua condição existencial na terra, considerando-se, como já referi acima, rasteiro ao chão da terra, mas, num ápice, sentindo-se frustrado com essa fraca condição, sente a necessidade de ir mais além dessa mesma situação, procurando-se projetar num horizonte mais amplo.

A força interior que ilumina o poeta na sua investida, procurando o sublime no respeito pelos outros e na adoração da terra, é artística, porém, poder-se-ia considerar uma força místico-religiosa. Por esta ordem de ideias estamos perante uma autêntica religião, dado que, “a verdadeira religião não consiste no respeito transcendente, mas no respeito pelos outros, quer creiam ou não nesse transcendente.”¹⁸¹

Na Antiguidade, as divindades eram vistas e abordadas com a sua majestade infinita, mas eram distantes, não estavam ao alcance do homem comum. Perante isto, houve a necessidade de as aproximar, e é neste contexto que aparece o Cristianismo como uma nova forma de religião, em que os ditos Cristãos se afirmavam como homens renovados pela fé¹⁸². Nos tempos mais longínquos do império romano, cada família, cada tribo, cada vila tinha a sua religião e as suas crenças; nos tempos de hoje, o mundo encontra-se igualmente dividido entre várias religiões. Claro está que isto depende da perspectiva de cada crente, por exemplo, é lógico que um protestante veja na sua doutrina religiosa a autêntica e verídica religião, desvalorizando todas

¹⁸⁰ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.80.

¹⁸¹ CALOGERO, G, *Quaderno laico*, Laterza, Bari, 1967, *apud* Enciclopédia Einaudi, *Mithos/Logos; Sagrado/Profano: A laicidade como hipotético momento do sagrado*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XII, p.131.

¹⁸² DESPLAND, Michel, *La Religion en Occident, Evolucion des idées et du vécu*, preface de Claude Geffré, Cogitatio Fidei, Les Editions du Cerf, Les Editions Fidés, Janeiro de 1980, p.42 «(...) les chrétiens se disent membres de l'Église et confessent avoir reçu la foi ou être des hommes renouvelés par la foi, pistis, fides. »

as outras como sendo falsas religiões. Estas crenças dependem em muito do contexto social em que cada um está inserido. Perante este facto da existência de várias crenças religiosas, Constantino e Licínio, os dois proclamadores do Édito de Milão, aprovam a ideia da liberdade de escolha por parte dos cidadãos¹⁸³, como sendo um direito essencial a todo e qualquer homem. Segundo Miguel Torga, essa liberdade de escolha remete-nos para um:

(...) não inconformado que se diz
A Deus, à tirania, à eternidade.¹⁸⁴

O poeta, não afirmando alguma afinidade com qualquer religião concreta, demonstra-nos, por intermédio dos seus escritos e das suas vivências, ser portador de uma personalidade muito forte, a qual não se verga perante elementos já estandardizados pela sociedade civil, como Deus, a eternidade, o autoritarismo, etc.. Essa sua força de espírito interior em permanente contacto com o telurismo sociocultural que o rodeia, pode considerar-se, no fundo, a sua grande religião, o que vai ao encontro do seu já conhecido agnosticismo.

Pegando na definição do homem religioso em que há uma valorização do homem em consonância com o universo, podemos constatar que este facto está patente, de uma forma bastante persuasiva, no livro bíblico do Génesis, no qual se verifica que Deus primeiro criou o céu e a terra e depois colocou o homem no mundo, considerando-o a obra-prima da criação. A meu ver, esta simples passagem bíblica já explica o facto da sobrevalorização do homem no contexto do cosmos universal. É neste espírito valorativo da humanidade que muitas religiões se formaram, dado que as pessoas, perante este facto, sentiram necessidade em arranjar confidentes de confiança, a quem pudessem contar os seus problemas e anseios, com quem procurassem ganhar forças para ir ultrapassando a sua mundana pequenez.

Os confidentes transcendentais, ouvintes de clamores, contribuíram, em certa medida, para o aparecimento do esoterismo cristão¹⁸⁵, o qual “refulge nos Evangelhos, sob a luz das tradições essenianas e gnósticas, emanando da palavra de Cristo, das suas parábolas.

¹⁸³ Conf. LACTANCIO, *De mortibus persecutorum* 48, 2-12. «il s'agit de laisser à tous les citoyens la liberté de conserver la foi de leur secte et de pratiquer les observances qu'ils ont choisiegns *liberae mentis*. »

¹⁸⁴ TORGA, Miguel, Biblioteca Miguel Torga, *Poesia Vol.III*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.32.

¹⁸⁵ Esoterismo entende-se algo envolto em mistério, secreto ou estranho. Como qualquer outra religião, o cristianismo tem uma história exterior e uma história interior. “Por história exterior, entendo os dogmas e os mitos ensinados publicamente, nos templos e nas escolas, reconhecidos no culto e nas superstições populares. Por história interior, entendo a ciência profunda, a doutrina secreta, a acção oculta dos grandes iniciados, profetas, reformadores, que criaram, sustentaram, propagaram essas mesmas religiões (...)” Cf. SHOURÉ, Edouard, *Os Grandes Iniciados, Esboço da História Secreta das Religiões*, Vega, Limitada, Lisboa, 1998, pp.14 e 18. Segundo Edouard Shouré, os princípios essenciais da doutrina esotérica são: “O espírito é a única realidade. A matéria nada mais é do que a sua expressão inferior, mutável, efémera,

Miguel Torga, personalidade com uma grande agitação interior, apresenta-se sensível e de espírito aberto em relação à realidade do mundo imaterial e à grande significação das coisas criadas. Procura os nexos entre o visível e o invisível, o sensorial e o ultrassensorial, em função do seu poder meditativo e reflexivo, na constante demanda da suprema vivência existencial. Para realçar estas últimas considerações sobre o poeta, podemos nos basear nos princípios essenciais da doutrina esotérica. Os mais importantes são os seguintes:

O espírito é a única realidade. A matéria nada mais é do que a sua expressão inferior, mutável, efêmera (...) A criação é eterna e contínua na vida. O homem é a imagem e o espelho do universo (...) A alma humana, a individualidade, é imortal por essência...¹⁸⁶

Assim sendo, pode afirmar-se que Torga deixou transparecer, através da sua vida, uma religiosidade vivenciada no quotidiano, em práticas simples, no contacto harmonioso com a natureza, contrastando, porventura, com o seu elevado grau de desenvolvimento cultural e intelectual como escritor e médico, grau esse que o remete mais para abordagens racionais. Neste contexto, depreende-se uma confluência entre a valorização esotérica do espírito e a natureza existencial, visto que o poeta se questionava constantemente acerca das vivências práticas diárias, incluindo tudo o que observava e sentia em seu redor, procurando deixar uma marca pessoal, por intermédio da sua escrita, ao mesmo tempo contemplativa e despertadora de consciências.

O autor sempre se encontrou dividido entre a racionalidade e a religiosidade, havendo uma disputa interior entre “homo religiosus”, similar a Antero de Quental e Dostoievski e “homo theoreticus”, análogo a Fernando Pessoa e Fernão Lopes.¹⁸⁷ O “homo theoreticus” é aquele para quem os interesses da especulação e do raciocínio estão acima de todos os demais interesses, tanto da ordem prática como afetiva, dando ao homem um olhar interrogativo e a vontade insaciável do conhecimento. Neste prisma, o homem jamais se realiza plenamente, estando constantemente a lutar pelas suas teorias, as quais jamais se fecham em si mesmas, mas, pelo

do seu dinamismo no tempo e no espaço. A criação é eterna e contínua como a vida. O microcosmo-homem é ternário pela sua constituição (espírito, alma, corpo), a imagem e o espelho do macrocosmo-universo (mundo divino, humano, natural), que é por sua vez o órgão do Deus inefável, do Espírito absoluto, o qual é pela sua natureza Pai, Mãe e Filho (essência, substância e vida). Eis porque o homem, imagem de Deus, pode tornar-se o seu verbo vivo. A gnose ou a mística racional de todos os tempos é a arte de encontrar Deus em si, descobrindo as profundezas ocultas, as faculdades latentes da consciência. A alma humana, a individualidade, é imortal por essência... A reencarnação é a lei da sua evolução. Alcançando a perfeição, ela liberta-se dessa lei, voltando ao Espírito puro, a Deus, na plenitude da sua consciência.” *Ibidem*.

¹⁸⁶ *Idem*, p.18.

¹⁸⁷ Esta tipologia psicológica é aplicada por Eduardo Spranger aos escritores portugueses: “homo theoreticus, homo aestheticus e homo religiosus”; cf. PIRES, J. Alves, *João Guimarães Rosa. Uma literatura almada*. Braga-Lisboa: A.I.-Brotéria, 1993, p.50.

contrário, estão sempre a ser reformuladas, de modo a acompanhar a evolução dos tempos. Falando agora do “homo religiosus”, pode dizer-se que a sua estrutura mental ou preocupação fundamental se orienta, ao contrário do “theoreticus”, permanentemente para a produção da suprema vivência do valor moral.

Essa permanente dicotomia interior no poeta vai ao encontro da sua problemática existencial, servindo-se das teorias de vida no apego à natureza e às ações médicas.

Todas as religiões existentes são envolvidas pelo espírito místico e esotérico¹⁸⁸ que as caracteriza, espírito que reencontramos várias vezes em Torga.

Remontando à época do Novo Testamento, aquando da vida pública de Jesus Cristo, em termos religiosos, existiam muitas religiões e cultos pagãos que gozavam de relativa liberdade de culto e de proselitismo. Segundo o Cristianismo, Jesus veio desempenhar o papel de salvador, como entidade que apareceu com o objetivo de *dar a vida pelo homem* como forma de o libertar do pecado, tendo em conta a sua morte e ressurreição. De notar que, nesta vinda, o homem que se quisesse salvar teria que seguir os desígnios sagrados, os denominados mandamentos da lei de Deus. Esta ideologia não é bem aceite por certas personalidades, como é exemplo o escritor em estudo. Em pleno século XX, Miguel Torga, em relação ao dia da segunda vinda do Messias, não se apresenta preocupado em estar vigilante para quando chegasse esse mesmo dia, dado que, ele próprio roga ao Senhor para que ponha fim à sua missão de vida *antes do dia marcado*. Este pedido do poeta a Deus é uma forma de antecipação humana aos desígnios supostamente merecidos do seu destino, visto que Miguel Torga não se coíbe de, por intermédio dos seus poemas, tecer críticas irónicas e sarcásticas a Deus, sobrevalorizando sempre a sua condição humana em relação ao divino. Como bom exemplo destas considerações temos o seguinte excerto do poema “Prece”:

Senhor, acaba comigo
Antes do dia marcado;
Um golpe bem acertado,
O tiro dum inimigo (...)
Qualquer pretexto tirado
Dos sarcasmos que te digo.¹⁸⁹

¹⁸⁸ Místico, como já fora referido na nota de rodapé (7), é algo superior a nós que nos faz sentir impregnados/tocados, causando sentimentos fortes e contraditórios; esotérico, nota de rodapé (102), supõe a valorização da doutrina secreta e misteriosa, enaltecendo-se o espírito em desprimor da matéria.

¹⁸⁹TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol.I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.81.

Pode dizer-se que o poeta Miguel Torga também se sente dividido entre o bem e o mal, por outras palavras, entre as *virtudes teologais* e os *pecados mortais*:

Me confesso
posseço
de virtudes teologais,
que são três,
e dos pecados mortais,
que são sete,...¹⁹⁰

Neste excerto do poema “Livro de Horas”, pertencente à coletânea *d’O Outro Livro de Job*, o poeta compenetra-se no seu interior espiritual e, estabelecendo Deus como o seu recetor/ouvinte, procura desafogar todos os seus problemas de consciência.

Miguel Torga caracteriza-se pela sua marca de “Orfeu Rebelde”, cantando sempre, sem qualquer força imperiosa a fazê-lo calar, até porque cantar era acreditar na vida e vencer a morte. Este canto, que se encontra patenteado nos textos poéticos, é, portanto, uma forma de manifestação de vida, de ação, de criação, que se baseia na força da metamorfose das palavras poéticas e da desconstrução poética torguiana. Serviu-se do factual *Livro de Job* bíblico para lhe promulgar uma reconstrução ideológica que fosse ao encontro das irrequietudes interiores, as quais são explanadas n’*O Outro Livro de Job* sob a forma do sarcasmo e da sátira, o que vai ao encontro da sua forte ligação à terra, em detrimento dos valores do céu, como nos refere o autor a partir do seguinte excerto retirado do seu *Diário*:

Eu que não acreditei no paraíso do céu, onde viveria ressuscitado, tenho de acreditar no paraíso da terra, onde serei adubo.¹⁹¹

A religião Católica Apostólica Romana que deriva do Cristianismo e que sofreu importantes influências das religiões Judaica, Helénica e Romana, caracteriza-se essencialmente pelo grande poder da fé. Apesar de a Igreja Cristã se apresentar cada vez mais repleta de incoerências e de contradições, a religião continua a estar entre as escolhas e as necessidades do ser humano. Normalmente, a resposta humana à divindade celeste está ligada ao agradecimento das emoções sentidas, e, principalmente, à petição de desejos, geralmente ligados à saúde, ao plano económico-profissional e ao plano afetivo de cada um.

¹⁹⁰ *Idem*, p.71.

¹⁹¹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.V e VI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.155.

Contudo, esta crença, em vez de proliferar entre a sociedade de um modo aberto vai-se revelando, somente, no íntimo de cada ser humano, sendo, apenas, extrapolada em momentos de angústia e de opressão emocional.

Por que motivo é que, apesar de tudo, alguns homens continuam ligados à força religiosa cristã? Para tentar responder a esta questão, torna-se pertinente recordar o facto de a fé cristã ter nascido, como nos diz Miguel de Unamuno, “da crença que Jesus não continuou morto, mas sim que Deus o ressuscitou e que esta ressurreição foi um facto.”¹⁹²

Para quem crê nesta doutrina esta explicação basta. Contudo, e aqueles que se caracterizam pelo ceticismo em relação a qualquer religião?

Esses, como foi o caso de Miguel Torga, procuraram arranjar alternativas: na filosofia, na política, na poesia, na ciência, etc. O poeta em estudo foi um grande conhecedor da Bíblia e teve, como já referi, uma educação de cariz católica graças, essencialmente, à sua mãe; porém, foi uma individualidade de costas voltadas para qualquer crença religiosa em concreto, não se deixando imbuir pela crença no catolicismo por parte da sua família.

O que Torga faz nas suas obras, ao referir-se a passagens bíblicas, como é o caso da obra *O Outro Livro de Job*, e ao demonstrar para o leitor um enorme conhecimento teológico, é procurar arranjar o maior número de argumentos para justificar a sublimação do homem de carne e de osso, em simbiose com a mãe natureza, em relação ao divino:

(...) Mas à solta por estas brenhas, em perfeito equilíbrio de alma e corpo, sinto-me na plenitude do ser normal, casado e harmonizado com o meio.¹⁹³

Neste contexto, Torga está constantemente a sentir-se injustiçado por Deus:

Injustamente, Senhor, injustamente
a fúria do teu açoite
me corte pela raiz...¹⁹⁴

No que se refere à profissão do homem Adolfo Correia da Rocha, constata-se o espírito de dádiva, servindo os interesses dos outros, como se de um governante se tratasse.¹⁹⁵ A sua

¹⁹² UNAMUNO, Miguel de, *Do Sentimento Trágico da Vida*, tradução de Maria do Carmo Silva Quarteto Editora, Coimbra, Março de 2001, p.50.

¹⁹³ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.V e VI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.38.

¹⁹⁴ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia Vol.I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.44.

¹⁹⁵ SNODGRASS, Mary Ellen, *Clássicos Gregos*, tradução de Saul Barata, Publicações Europa-América, Lda, 1988, p.352. “(...) a função de um governante é servir os interesses do povo e não os próprios. Usa o médico como exemplo, dizendo que ele cura para beneficiar o paciente (...)”

profissão de médico funciona como uma espécie de contraponto aos problemas existenciais do pseudónimo do escritor, na medida em que se sente na obrigação de cumprir uma tarefa de serviço ao próximo. Esse préstimo ao próximo revela um grande teor ético intrínseco da personalidade de Torga, o que vai ao encontro de um renascimento da ética ou da moral que, de um modo indutivo, partindo de cada caso unívoco, implicando o Homem, a sua identidade, a sua noção e o seu sentido, se crê que desempenharia um importante papel na tentativa de construção de um mundo melhor e mais justo.

Este desejo poético de dar outro dinamismo ao mundo que nos rodeia, procurando, acima de tudo, uma afirmação do homem livre, autónomo, sociável e empenhado em produzir riqueza moral, baseia-se na riqueza telúrica das fragas e das montanhas transmontanas e no máximo respeito e admiração pela sua ancestralidade. Se, porventura, houvesse alguém que lhe tentasse incutir algo que fosse contra estes ideais defender-se-ia com a superioridade da sua condição pessoal, como nos refere o seguinte excerto do poema da “Terceira Lamentação”, em que o sujeito lírico se insurge contra o facto de a criação divina ter sujeitado o homem ao pecado:

O que sou é o que serei
contra ti ou qualquer lei
que não queira (...) ¹⁹⁶

¹⁹⁶ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia Vol.I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.46.

2.3 - A DEMANDA DA AUTENTICIDADE E AS MARCAS DE UMA FORMAÇÃO CIENTÍFICA

Nas suas obras, segundo refere Maria Lopes, o autor Miguel Torga transmite-nos o tema da autenticidade¹⁹⁷, o que remete, igualmente, para uma preocupação que sempre existiu no seio da filosofia cristã, dado que uma fé cristã *autêntica* não pode separar-se da autenticidade e da justiça, tendo mesmo que desembocar na sua prática, expressão de uma verdadeira caridade.

Segundo Martin Luther, a religião em si não nos assegura a salvação, podendo contribuir até para nos afastar mais de Deus.¹⁹⁸ Em contrapartida, salienta e elogia, com toda a convicção, a fé, como sendo a sabedoria das sabedorias e a religião das religiões. Segundo ele, é a fé, e somente ela que exprime a relação entre o homem e Deus, pois essa relação baseia-se, essencialmente, na crença e confiança sem limites entre estas duas entidades, principalmente do homem em relação à divindade celestial.¹⁹⁹

Porém, Torga não vivia, propriamente, num espírito de entendimento com Deus²⁰⁰ mas, apesar desse facto, sempre se esforçou por lutar pelos ideais dos mais fracos, dos mais desprotegidos.²⁰¹ Proveniente de um meio humilde onde se exerce, maioritariamente, a agricultura, verdadeiro filho da terra, Torga defende os seus conterrâneos.

O autor, na sua individualidade e interioridade, faz transparecer certas qualidades humanas que vão ao encontro das implementadas pela doutrina da Igreja. Portanto, Torga não reza:

¹⁹⁷ "...há um caminho de evolução e de amadurecimento assinalável e surpreendente pela sua riqueza e rebeldia, mas sobretudo pela sua profunda autenticidade." Cf: LOPES, Maria do Carmo Azevedo, *MIGUEL TORGA - Uma poética de autenticidade*, Edições Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2005, p.221.

¹⁹⁸ "En 1517, un moine saxon entre en scène. Luther, on s'en rend compte tout de suite, est homme de foi, non de religion. Sa pensée marquée de grandes oppositions entre foi et oeuvres, foi et raison, liberté et servitude, grâce et péché, qui toutes s'expriment sans avoir recours à aucune idée de religion (...) La religion pour lui c'est tout ce que l'homme s'imagine pouvoir faire pour se justifier devant Dieu; il la trouve chez tous les hommes mais n'y voit rien de sain: la religion est une oeuvre et en tant que telle tend à nous éloigner de Dieu." Cf DESPLAND, Michel, *La Religion en Occident, Evolution des idées et du vécu*, préface de Claude Geffré, Cogitatio Fidei, Les Editions du Cerf, Les Editions Fidés, Janeiro de 1980, pp.190-192.

¹⁹⁹ "La foi devient une heureuse confiance; située dans le coeur, elle reçoit la Parole, y cède, s'y soumet avec humilité . » Cf *Idem*, p.193.

²⁰⁰ " (...) Torga procura uma relação pessoal com o divino fora das religiões e dos dogmas impostos; procura um Deus à sua imagem de poeta (...) A rebeldia de Torga contra Deus parte de um cepticismo teocêntrico, centrífugo e reivindicativo..." Cf: LOPES, Maria do Carmo Azevedo, *MIGUEL TORGA - Uma poética de autenticidade*, Edições Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2005, pp.136 e 138.

²⁰¹ "Ao contrário do «umbiguismo» que costuma apontar-se à geração da presença, Torga encarna o papel do artista interventivo, com a missão de denunciar as injustiças e desequilíbrios sociais, bem como com o dever de chamar o povo à realidade nacional." Cf: GIL, Ana Cristina Correia, "Torga e os labirintos da identidade nacional", in Maria de Fátima Marinho (org.), *Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Martin Meidenbauer, 2008, pp.15-30.

(...) mas, se rezasse, a minha prece seria esta: Dai-me forças, Senhor, para continuar a ter a coragem da franqueza absoluta. Que não fique dentro de mim nenhuma palavra oculta por cobardia. Que a minha pena seja o meu coração a deixar no papel o gráfico de todas as pulsações. E que os meus livros me testemunhem como retratos sem nenhum retoque, fiéis e terríveis como a própria verdade.²⁰²

Este último excerto extraído do *Diário* torguiano remete-nos, sem sombra de dúvida, para o seu fascínio pela verdade e pela sinceridade, sentindo, em contrapartida, relutância em relação aos cinismos e cobardias que vão contra a verdade. Como tal, as suas obras revertem, como não podia deixar de ser, para uma vida autêntica, enaltecendo os valores da lealdade, fraternidade, franqueza e verdade.

Sócrates, n' *A República* de Platão, sobre a pertinência das quatro virtudes cardeais num Estado ideal, identifica as seguintes qualidades: o dom da sabedoria, com a classe governante, visto que é ela que decide o que é o bem e o mal no seio de uma comunidade; a coragem, pertencente à classe dos soldados, na medida em que, nos seus combates eles têm que renunciar à proximidade da família, entregando-se de corpo e alma às setas/balas mortíferas, tudo isto para procurar manter o Estado que defendem na máxima segurança, zelando pelos seus habitantes; a disciplina ou temperança em que as classes mais baixas autorizam a classe mais sábia a governar; a justiça, que é a base, o fundamento de todos estes dons, em que cada pessoa, de uma forma leal e sincera, deverá assumir aquele desempenho para o qual se sente preparada.²⁰³

As quatro virtudes cardeais apresentadas, embora venham de tempos longínquos da Grécia Antiga, continuam presentes na memória e na doutrina cristã.

Neste contexto, parece depreender-se que Miguel Torga procurava todas estas virtudes no seio da Natureza e na poesia²⁰⁴, facto vigente na confluência identitária entre o seu retrato, a terra e a própria escrita. Percorrer as montanhas e os socacos de Trás-os-Montes seria um meio de libertação de problemas interiores; por outro lado, o telurismo campestre talvez lhe doasse o dom da temperança, como forma de equilíbrio face à tempestuosidade de muitos dos seus

²⁰² TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. V e VI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.42.

²⁰³ SNODGRASS, Mary Ellen, *Clássicos Gregos*, Tradução de Saul Barata Publicações Europa-América, Lda, 1988, p.359.

²⁰⁴ "Proliferação de zonas temáticas convergindo em três eixos aglutinadores: retrato, terra e a escrita em que o rosto de Torga confunde-se com o da terra, estando o conhecimento da terra associado ao conhecimento de si mesmo." Cf SOUSA, Carlos Mendes de, *Miguel Torga (org.), 1907-1995 Comemorações do Centenário do Nascimento*, Atelier Pagella, Porto, Abril de 2007, pp.24 e 28.

versos poéticos.²⁰⁵ Sentindo-se injustiçado perante Deus, Torga não aceita a sabedoria divina de ânimo leve e combate-a servindo-se da sua justiça poética, elevando a condição humana acima de Deus, através das “vozes que não desistem de anunciar os tesoiros que se escondem no barro da nossa condição”²⁰⁶.

Torga dividiu-se, durante grande parte da sua vida, entre o seu mundo literário, como poeta, prosador, diarista, e o seu mundo científico, como otorrinolaringologista, num consultório em Coimbra, mais propriamente no Largo da Portagem. Este facto não deixa de ser preponderante para a análise das suas obras, dado que o autor transpunha para a folha de papel as emoções sentidas depois de um dia desgastante no consultório. Consta-se permanentemente uma relação entre a natureza da escrita e a da profissão de médico:

A casa, o consultório, a vida habitual. O nómada desperto de ontem a dormir no sedentário de hoje. Sou uma encruzilhada de duas naturezas. Uma que se confina e macera no dia-a-dia, e outra que se desmede e exalta nos intervalos. Uma que se desventura, outra que se aventura.²⁰⁷

Poder-se-á encarar a escrita como o refúgio que o médico, vestindo a roupa de escritor, encontra para libertar do seu âmago as angústias vividas, durante o dia, no contacto com os doentes. Portanto, a sua vida literária é uma aventura que o leva em exílio para longe das energias acumuladas no consultório.

Neste contexto poder-se-á supor que o objetivo com que consultava os pacientes era o mesmo com que preenchia as suas linhas na escrita, isto porque ele foi um homem constantemente acompanhado pela necessidade de ser útil aos outros, tentando-o por intermédio da escrita e da sua profissão:

O homem necessita de saber que faz coisas, ver que o seu exemplo dá fruto, ter a segurança de que não passou a vida a semear boas intenções no deserto.²⁰⁸

Essa sua firmeza de médico e de escritor remetem-no mais para o mundo das *ideias* do que dos *pensamentos*, visto que, segundo José Maria Moreira, “as ideias são algo de sólido, fixo,

²⁰⁵ Miguel Torga nutria um grande amor à terra, à pátria, abarcando as virtudes e os defeitos. Amava, em Portugal, a sua rudeza, apegando-se espontaneamente às tradições ancestrais e telúricas. Cf. GIL, Ana Cristina Correia, “Torga e os labirintos da identidade nacional”, in Maria de Fátima Marinho (org.), *Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Martin Meidenbauer, 2008, 15-30.

²⁰⁶TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. V e VI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.119.

²⁰⁷TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. XV e XVI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p34.

²⁰⁸ MOREIRA, José Maria, *Eu, Miguel Torga*. Miraflores: Difel, S.A, 2001, p.129.

enquanto nos pensamentos a fluidez, a liberdade torna-os cambiantes (...)”²⁰⁹. Torga, como médico, teve que se concentrar ao máximo e agir consoante essas ideias sólidas e consistentes de modo a conservar a vida dos seus pacientes. Como escritor, a história difere, funcionando a sua escrita como um antídoto contra o seu próprio fim existencial, teimando em preservar essa sua vida na terra:

(...) tenho de conservar a única coisa que possuo, a minha pobre vida terrena, pois não estou disposto a deitá-la fora, nem me obriguem; porque não tenho, nunca tive, nada de místico e, pelo contrário, de existencialista tenho tudo, sofro tudo e assumo tudo.²¹⁰

Torga considera-se, principalmente, um existencialista, na medida em que se cinge à sua condição na vida terrena, pois, sendo médico e artista ao mesmo tempo, procura incessantemente o *bem supremo* da vida:

Por isso as minhas beatitudes são terrenas. Acredito piamente que é neste pobre planeta que tudo se processa e vale ou não vale a pena. Que é aqui que nos cumprimos ou negamos, que nos transcendemos ou não, dando à vida a dignidade que ela merece, por ser o supremo bem.²¹¹

Contudo, para transmitir a esperança na vida, o médico Adolfo Rocha tinha que omitir a verdade, quando esta fosse o oposto da esperança, nomeadamente no caso das doenças crónicas e incuráveis ou cancerígenas. Pois, segundo ele, fez “da esperança a grande arma do seu arsenal terapêutico”²¹², procurando transmitir algum alento àqueles pacientes mais desesperados, como se de um confessor se tratasse. Nas obras escritas, o escritor Miguel Torga não atuava da mesma forma, antes pelo contrário, escrevia tudo o que estivesse a ocupar a sua mente, fossem aspetos positivos ou negativos, como forma de evasão a todos os problemas existenciais vindos do consultório, da política e da sociedade.

Não é por acaso que Miguel Torga enfatiza nos seus escritos o tema da vida, tendo a morte sempre como pano de fundo. Esta ideologia existencial do autor é decerto fruto da sua experiência profissional, influenciando-o no seu modo de ver e de estar na vida.

Tanto na medicina como na escrita, o autor, em determinados momentos da sua vida, parece ter-se sentido um tanto ou quanto desiludido com a inutilidade do seu saber fazer, como se pode comprovar no seguinte excerto diarístico:

²⁰⁹ *Idem*, p.150.

²¹⁰ *Idem*, pp.150-151.

²¹¹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.XV e XVI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.40.

²¹² *Idem*, p.69.

Cá ando mais uma vez a tentar levemente iludir-me com os anestésicos de uma ciência bem falante. A desgraça é que a outra também não me serve de nada.²¹³

Perante essa situação de desolação vivida por Torga, pode insinuar-se uma possível situação de desamparo perante tudo e todos. Neste contexto, chega a tecer duras críticas ao racionalismo:

O mal que o racionalismo fez à humanidade! Desde que sou médico que o verifico e me não canso de o lembrar.²¹⁴

Segundo ele, o racionalismo exagerado mortifica qualquer ser, como refere no mesmo diário, dando um exemplo de uma doente que mais parecia uma “costela de Descartes”²¹⁵, apenas conduzida pela razão. Através deste exemplo, o autor parece querer advertir-nos contra um racionalismo demasiadamente fundamentalista, que coloca de lado o enigmático, o misterioso e os sentimentos. Tudo o que esteja para além da razão seria algo que nos dá outro fervor e motivação para a longa caminhada neste mundo:

(...) neste mundo normalizado e pragmático em que vivemos, só o que em nós é imprevisível e misterioso vale a pena, e a graça dos afectos impulsivos e gratuitos nos pode salvar.²¹⁶

Apesar da relevância dada ao misterioso, Torga não descarta a razão. O que procura, ao exercer medicina, é conseguir o equilíbrio entre essas duas forças (a razão e o mistério), de modo a desenganar os seus doentes, transmitindo-lhes, ao mesmo tempo, alguma esperança para enfrentarem essas suas vicissitudes. Essa tentativa em buscar o equilíbrio pode reportar-se, igualmente, à sua escrita, onde procura, incessantemente, sobreviver às astúcias da razão, refugiando-se nas suas “meditações intuitivas”.

²¹³ *Idem*, p.133.

²¹⁴ *Idem*, p.151.

²¹⁵ *Ibidem*.

²¹⁶ *Ibidem*.

2.4 – A ESCRITA TORGUIANA: A CEGUEIRA COMO CONFIDENTE DA ESCRITA INTUITIVA E SENTIMENTAL

A escrita torguiana é humana e terrena, procurando ir ao encontro dos problemas existenciais, tentando compreendê-los e resolvê-los. Sendo ainda um poeta debutante, já nos deparávamos com um “Miguel Torga tímido, só, resoluto, namoradeiro, apaixonado pela natureza e poeta predestinado”²¹⁷. Estamos, sem dúvida, diante de uma figura com uma personalidade muito forte e vincada, bem refletida na sua escrita.

Torga é, sem dúvida, uma personalidade simples, com origens rurais, daí a sua timidez e solidão, pois habituou-se a ter uma certa cumplicidade com a mãe Natureza, dialogando interiormente com a mesma. Contudo, e apesar dessa sua pacatez no contacto com a natureza, é considerado um homem audacioso, sendo principalmente movido por uma vontade nua e crua, interrogando sem descanso a realidade, de modo a tentar as respostas para o que o rodeasse, incumbência que não se estendia à política, isto porque Torga a considerava ambiciosa e demasiado incerta para ser valorizada:

É uma tristeza verificar que a política se faz na praça pública com demagogia e nos bastidores com maquinações...A ambição do poder não olha a meios, pois todos lhe parecem legítimos, se eficazes.²¹⁸

Esta descrença na política e o repúdio pelo poder demagógico acompanharam o poeta durante toda a sua vida social e literária, demonstrando uma atitude de luta pela liberdade racional e sentimental de cada pessoa, isto na medida em que o poeta se considerava um representante de muitas vozes ocultas. De facto, em muitos casos, estamos diante de uma escrita de testemunho, como podemos constatar em “Um poema”:

Não tenhas medo, ouve:
É um poema
Um misto de oração e de feitiço...
Sem qualquer compromisso,
Ouve-o atentamente,
De coração lavado.
Poderás decorá-lo
E rezá-lo
Ao deitar,
Ao levantar,
Ou nas restantes horas de tristeza.
Na segura certeza
De que mal não te faz.

²¹⁷ MOREIRA, José Maria, *op.cit.*, p.63.

²¹⁸ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.XIII e XIV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.17.

E pode acontecer que te dê paz (...) ²¹⁹

Este poema é um apelo do poeta para que as pessoas interiorizem os seus ou quaisquer poemas, pois, segundo ele diz, a ouvi-los está a rezar-se, indo ao encontro da paz. Este testemunho poético do autor remete-nos para a vontade assumida do mesmo em tocar a “alma” de todos os leitores.

O fascínio pelo indizível está sempre patente na sua poesia, baseada “num misto de oração e de feitiço” que tenta ir ao encontro da “altura encantatória da criação suprema” ²²⁰, tendo como suporte para tal as “íntimas vivências do quotidiano, das profundezas do húmus pátrio e dos arcanos do seu povo.” ²²¹ Através das suas obras literárias, Torga pretende marcar o seu cunho pessoal, “com a necessidade de rectificar o real, de lhe devolver a pureza e a profundidade, de o descoisificar aos olhos dos homens”, procurando “refigurar o mundo exterior em função da subjectividade do poeta.” ²²² O que Torga conseguiu com as suas obras foi transmitir a ideia de que a vida se insere numa permanente luta pelos ideais em que acreditamos, chegando a afirmar que o mais importante é essa vida de luta pela verdade, ignorando o papel da morte:

A onda do nihilismo avança inexoravelmente. Cheio do seu gelo e do seu terror, olho-a do areal com imperturbável coragem (...) Nem fraga para lhe resistir com a dureza da pedra, nem duna para me amoldar à sua vontade, sou no entanto um homem disposto a lutar. Morrer não tem qualquer importância, desde que seja a esbracejar. ²²³

Portanto, pode concluir-se que Miguel Torga é um escritor que luta constantemente por aquilo em que acredita, nunca deixando de lado o real. Esta forma de estar na vida, por parte do autor, coaduna-se com o facto de a escrita ser “nele tão natural e necessária como o acto de respirar.” ²²⁴ Característico do autor é o facto de aliar a sua escrita à sua personalidade, marcada pela simbiose razão/sentimento.

Logo nos inícios da sua vida de escritor, o autor associa o dom de escrever a uma cegueira que lhe dá confiança nos momentos solitários de escrita:

²¹⁹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia Vol.IV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.92.

²²⁰ Cf. ARNAUT, António, *Estudos Torguianos*, Coimbra Editora, 2ª edição aumentada, Coimbra, 1997, p.38.

²²¹ *Idem*, p.47.

²²² *Idem*, p.81.

²²³ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols V e VI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.101.

²²⁴ Cf. ARNAUT, António, *Estudos Torguianos*, Coimbra Editora, 2ª edição aumentada, Coimbra, 1997, p.111.

E, contudo, olho esta realidade de que eu tirei do nada, que bem ou mal arranquei de mim (...). Não obstante a lei natural que aconselha a que não haja homem sem homem, é preciso que a santa cegueira do artista lhe dê a força bastante para, em última análise, ficar só e confiante. Ora eu tenho, como artista, essa cegueira. O meu desalento vem duma voz negativa que me acompanha desde o berço e que nas piores horas diz isto: Nada, em absoluto, vale nada.²²⁵

Essa cegueira é a do artista que, através da escrita, reconstrói o mundo à sua maneira, vendando os olhos ao que não lhe interessa, projetando todas as suas visões e forças artísticas para o seu interior, na medida em que, como refere, as suas obras têm origem na introspeção pessoal do escritor.

Segundo Fernão de Magalhães Gonçalves, “a tenacidade, o individualismo, a rebeldia, a persistência, a fidelidade são nomes de valores e de situações que nos devem acompanhar ao âmago da obra literária de Miguel Torga.”²²⁶ Estes conceitos retratam, de uma forma credível, o sentimento do autor na sua escrita, que deixa no leitor uma impressão de fascínio irredutível a todo um conjunto de contradições. Contradições essas que estão, principalmente, relacionadas com a abordagem que o autor faz ao mundo que o rodeia, compenetrado numa grande imprevisibilidade emotiva e ao mesmo tempo revolucionária. A sua maneira de escrever é violenta, brutal mas, ao mesmo tempo, muito cuidada e exigente nos campos estilístico, semântico e ideológico, como comprovam os seguintes exemplos:

O verme também vivia...
O Sol, de todos, como diz a Lei,
aquecia-lhe o corpo musculado;
mas a roda parou...era de ferro...
O caminho bastava..., aproveitado...
Mas Deus, que guiava a roda,
vinha bêbado e malvado.²²⁷

Mas o anonimato meteu-me sempre confusão. Sou um homem directo, de jogo franco, descoberto, amigo de pegar o toiro pelos cornos.²²⁸

Indo beber considerandos ao romance de José Saramago *Ensaio sobre a Cegueira*, este escritor descreve um enredo ao mesmo tempo surreal soturno e real oportuno, retratando metaforicamente e mordazmente os vários géneros de cegueiras que podem envolver uma sociedade. Essa cegueira pode advir da máxima de “viver num mundo onde se tenha acabado a

²²⁵ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. I e II*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.24.

²²⁶ In JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias, n.º75. Lisboa, 13 de Dezembro de 1983.

²²⁷ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.63.

²²⁸ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. V e VI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.26.

esperança”²²⁹ de sobreviver com dignidade, podendo ser igualmente uma forma de luta²³⁰. Em sentido idêntico, Miguel Torga considera a sua poesia um meio eficaz na resolução da problemática humana, onde se baseia a sua escrita, sendo uma espécie de luz que ilumina a *cegueira* autenticada no desespero humanista.²³¹ A escrita como despertadora de consciências, inserida na dinâmica do artista que “é uma espécie de animal obstinado, com antolhos, que anda a gemer a vida inteira à roda de um poço, sem ver mais nada, sem acreditar em mais nada, sem lhe doer mais nada”²³², remete para uma pertinaz analogia com a arma de combate, pois “se a poesia foi a arma de combate por esses ideais humanitários e políticos, foi-o também de luta contra a estagnação, a cobardia e a abdicação perante a dificuldade.”²³³

Em Miguel Torga, a inteligência é muito viva, a razão está sempre alerta, no entanto, quem comanda é a intuição e o sentimento ladeados pela inspiração e entusiasmo, na medida em que é um artista emotivo e entusiasmado, que ama a poesia e que, através dela, procura alcançar o sentido da vida.²³⁴ Vai procurando, sobretudo através do trabalho literário, transformar o mundo. Sob a influência do movimento da Presença, apesar do curto espaço de tempo em que nela esteve inserido (de 1927 a 1930), reafirmou os valores do inconformismo e da Arte.

Nos primeiros quatro livros em verso de Torga, ainda sob o nome de Adolfo Rocha, *Ansiedade* (1928), *Rampa* (1930), *Tributo* (1931), *Abismo* (1932), encontramos uma abordagem do sujeito lírico voltado para “uma revolta da imanência humana, animal e terrena, contra a divindade transcendente”²³⁵, em que a vida consiste numa luta amoral anárquica, de

²²⁹ SARAMAGO, José, *Ensaio sobre a Cegueira*, Editorial Caminho, 9ª edição, Lisboa, Março de 2004, p.204.

²³⁰ “Lutar foi sempre, mais ou menos, uma forma de cegueira...” Cf: *Idem*, p.135.

²³¹ “Para Torga, esse desespero, apesar de não resolvido por natureza, não se fecha a uma reflexão: e por isso, e porque se mantém aberto ao contributo da ânsia individual de salvação, é humanista (...) A fonte de desespero e a solução possível é a mesma, isto é, a experiência individual da procura, a insatisfação assumida por todos os homens e a ânsia de realização para todos, representada a partir da emoção particular do homem poeta e expressa segundo o génio metaforizador do artista poeta.” Cf: MAIA, Carlos Fernandes, *A Dimensão Ética e Educativa na obra de Miguel Torga: um poeta do dever*, Edição Gráfica de Coimbra, 2000, p.100.

²³² TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. I e II*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.69.

²³³ MAIA, Carlos Fernandes, *A Dimensão Ética e Educativa na obra de Miguel Torga: um poeta do dever*, Edição Gráfica de Coimbra, 2000, p.187.

²³⁴ “ (...) encontramos na poesia de Torga, em unidade conflitual, os dois modelos de criação poética que têm marcado a cultura ocidental: o que a relaciona com a inspiração e o entusiasmo e o que a relaciona com a produtividade e o trabalho da palavra.” Cf: LOPES, Maria do Carmo Azevedo, *Miguel Torga – Uma poética de autenticidade*, Edição Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.60

²³⁵ LOPES, Óscar, *Entre Fialho e Nemésio, estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea II*, temas portugueses, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987, p.720.

acordo com um imanentismo radical que tem como máxima a sobrevalorização do instinto sobre todo e qualquer preceito moral.²³⁶

Segundo Carlos Fernandes Maia, a intuição torguiana é descrita:

(...) como uma maneira de se educar ou ser educado: no ar de lícito, estranho ou simplesmente diferente, estará o início de uma significação que o sentimento ajuda a encontrar e a razão ajuda a valorizar; no encobrir ou simplesmente no pudor com que alguns assuntos são abordados ou com que alguns rituais são realizados está a atracção dos mais novos pelo mundo dos mais velhos.²³⁷

A valorização da intuição está ligada à complexidade da vontade adulta que se apresenta como o motor de uma vida, superando mesmo a própria razão e o instinto.²³⁸

Miguel Torga chegou a afirmar que a língua portuguesa era uma *língua de cavadores, rude, de casca grosseira e gretada*²³⁹, como se tratasse de uma cõe de pão mas que, ao mesmo tempo, se baseava no cumprimento dos impulsos do sagrado corpo, a sua verdadeira e essencial função, segundo o autor:

Língua de cavadores, esta nossa, quanto mais se leva à bigorna, menos presta. Rude, nas mãos de meu pai, a dar o sensorial e o visual, é que ela está bem (...) O que vale é que Deus dá o frio conforme a roupa. Para pedir pão, serve às mil maravilhas. E nós de pouco mais precisamos.²⁴⁰

²³⁶ “Torturado e revoltado, desde os seus primeiros livros de poesia encontramos um tom de violência imprecatória em que o sujeito poético, num desafio constante a Deus, chega a afirmar-se do lado oposto, o de Satanás.” Cf: LOPES, Maria do Carmo Azevedo, *Miguel Torga – Uma poética de autenticidade*, Edição Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.138.

²³⁷ “Expectativas despertadas ou incompletamente satisfeitas deixarão a cada um dos novos uma sugestão para se identificar e uma imaginação para se aventurar.” Cf: MAIA, Carlos Fernandes, *A Dimensão Ética e Educativa na obra de Miguel Torga: um poeta do dever*, Edição Gráfica de Coimbra, 2000, p.227.

²³⁸ *Idem*, pp.230-232: “A vontade a que Torga tantas vezes recorre ou de que simplesmente faz apologia é normalmente a vontade adulta ou a complexa capacidade humana de conjugar uma finalidade, que pode ser dolorosa ou até auto-destrutiva, um conjunto de outras capacidades e funções: a energia física, o controlo do medo psíquico, a perspicácia da inteligência, a tonacidade da emoção e a maleabilidade ou cegueira da consciência moral (...) A vontade! O mais apaixonante enigma da nossa natureza! Força obscura que supera a razão e o próprio instinto, o homem deve-lhe todas as transgressões inovadoras que comete.”

²³⁹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. VI e VII*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, pp.167,168.

²⁴⁰ *Ibidem*.

CAPÍTULO III

3.1. *O LIVRO DE JOB BÍBLICO VERSUS O OUTRO LIVRO DE JOB TORGUIANO: FORMA E CONTEÚDO.*

Conforme se constata na obra torguiana *O Outro Livro de Job*, o autor baseou-se inequivocamente n' *O Livro de Job* bíblico, Livro pertencente ao Antigo Testamento que tem por título o nome do seu herói principal, sendo considerado uma obra-prima da literatura universal, devido à beleza do estilo, variedade das formas literárias, riqueza das imagens, verdade das descrições psicológicas e ao interesse apaixonante do tema.²⁴¹

Em termos estruturais, o Livro divide-se em cinco partes. Um prólogo em prosa, apresentando-nos um homem justo, tentado por Satã com a conivência de Deus, tendo sido esmagado por sucessivas calamidades, pondo à prova a sua piedade e paciência (caps.1 e 2):

Era uma vez na terra de Hus, um homem chamado Job: um homem íntegro e recto, que temia a Deus e fugia do mal (...) E o Senhor disse a Satanás: - Reparaste no Meu Servo Job? Não há outro como ele na terra: é um homem íntegro e recto, que teme a Deus e foge do mal. Mas Satanás ripostou: - Será por desinteresse que Job teme a Deus? (...) Abençoaste o trabalho das suas mãos, e os seus rebanhos espalham-se por toda a região. Mas estende a mão e toca-lhe nos bens; garante-Te que Te amaldiçoará em Teu próprio rosto! (...)²⁴²

A segunda parte, redigida em verso, transmite uma discussão que começa por um monólogo de Job²⁴³ que se lamenta, amaldiçoa o dia do seu nascimento e a noite da sua concepção, prosseguindo com um diálogo aceso em que os seus amigos Elifaz, Bildad e Sofar questionam o exercício da justiça divina (caps. 4 a 30). Estes discursos ocorrem em três partes, contando cada uma com a resposta de Job: “Depois de tudo isto, Job abriu a boca para amaldiçoar o dia do seu nascimento (...)”²⁴⁴

²⁴¹ OLIVEIRA, Cónego Dr. José Galamba de Oliveira (org.), *BÍBLIA SAGRADA*, Editorial Universus, 2005, p.593.

²⁴² *Idem*, p.597.

²⁴³ “Segundo o profeta Ezequiel, Job foi um dos três mortais mais justos que jamais viveram – sendo os outros Noé e Daniel. Tal como Noé tinha escapado de se afogar no dilúvio, e Daniel saíra ileso da cova dos leões, assim Job sobrevivera a uma destruição catastrófica e imerecida da sua família, da sua saúde e da sua fortuna – ao mesmo tempo que manifestava a sua inocência de forma eloquente, no meio de uma agonia quase indescritível. A Bíblia fornece muito poucas informações acerca da identidade, pátria e época de Job, ao qual apenas se refere como «um homem da terra de uce» (Jb 1,1).” Cf: FREEDMAN, David Noel e Thomas L. Robinson, *Grandes Personagens da Bíblia – Dicionário Biográfico Ilustrado*, Selecções do Reader's Digest S.A, 1ª edição, Novembro de 1997, Madrid, p.237.

²⁴⁴ BÍBLIA SAGRADA, *Livro dos Salmos*, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 15ª edição, Lisboa, 1991, Livro de Job 3-1, p.660.

Na terceira secção, deparámo-nos com um monólogo poético, em que, após um breve exórdio em prosa, Eliu, personagem inesperada e jovem, em quatro discursos, critica Job nas suas queixas contra Deus e propõe uma nova situação para a solução do problema do sofrimento que era o valor medicinal e purificador (caps.32-37):

Aqueles três homens deixaram de replicar a Job, porque se tinha por justo. Então inflamou-se a cólera de Eliú, filho de Baraquel, de Buz, da família de Ram; irritou-se contra Job porque pretendia ter razão diante de Deus (...)²⁴⁵

Na quarta parte, dá-se a intervenção de Deus, em verso, insurgindo-se contra a audácia de quem colocou em causa os caminhos de Deus e a que Job responde com humildade e retidão (caps. 38,1 – 42,7):

O Senhor responde a Job do seio da tempestade, dizendo: - Quem é esse que obscurece o meu conselho com palavras desprovidas de sentido? (...) E Job respondeu ao Senhor, dizendo: - Sei que tudo podes, e nenhum desígnio é para Ti irrealizável (...) Os meus ouvidos tinham ouvido falar de Ti, mas agora são os meus olhos que Te vêem! Por isso retiro as minhas palavras e arrependo-me, no pó e na cinza.²⁴⁶

Por fim, o epílogo em prosa que parece ignorar a resposta de Job (cap 42, 1-6), mas talvez queira apenas acentuar a mudança de interlocutor, Elifaz. Javé (Deus) critica os amigos de Job (Elifaz, Bildad e Sofar) pela sua visão muito estreita e unilateral da justiça e da sabedoria de Deus, que não tem em conta os dados da experiência. Job é louvado porque chegou a uma percepção mais verdadeira e credível de Deus misterioso, através da tragédia da vida que se tinha assolado sobre ele e os seus:

Depois de assim ter falado a Job, o Senhor disse a Elifaz de Temã: - A Minha ira inflamou-se contra ti e contra os teus dois amigos, porque não dissestes a verdade a Meu respeito, como o Meu servo Job. E agora tomais sete touros e sete carneiros, ide ter com o Meu servo Job e ofereci um holocausto por vós... E o Senhor abençoou os últimos anos de Job, ainda mais do que os primeiros; possuiu catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas (...) Depois disto, Job viveu ainda cento e quarenta anos e viu os seus filhos e os filhos dos seus filhos até à quarta geração. Finalmente Job morreu, velho e cheio de anos.²⁴⁷

Está-se diante de um escrito sapiencial, sendo caracterizado, na sua estrutura literária, por conter géneros diversos, causa de várias divergências, visto que o texto pode ser visto como um diálogo filosófico, um drama ou um poema lírico. Este poema/texto distingue-se por duas características centrais: desenvolvimento de um só tema e utilização da forma de diálogo. Devido

²⁴⁵ *Idem*, p.684.

²⁴⁶ *Idem*, p.689.

²⁴⁷ *Idem*, p.693.

à intervenção de várias personagens e a uma ação bem movimentada, leva-se o leitor/crítico a pensar no género do drama, havendo mesmo quem profira a hipótese de designar a obra como uma composição teatral.²⁴⁸

“A evocação do maravilhoso, a expressão dos sentimentos, a profusão de imagens revelam-nos ora a veia épica, ora o lirismo do autor.”²⁴⁹ Neste prisma, o provável autor entre Jó, Eliú, Moisés e Salomão, detém um conhecimento aprofundado do coração humano, recorrendo aos monólogos melancólicos, depressivos, com gritos de revolta e com alguma ironia também. Trata os temas humanos da vida, do sofrimento, do mal e de Deus com eloquência, recorrendo amiúde a processos imagéticos, munindo-se de um estilo variado, vivo e brilhante.

Em relação à forma da obra, está-se diante de um texto dividido entre a prosa e a poesia em que na narratividade da prosa sobressai uma discursividade espontânea, simples e idealista e, na parte poética, se refletem sentimentos de dor e angústia sobre a condição humana. No prólogo e no epílogo, a atitude de Job é a de um homem perfeitamente resignado e submisso, mas, no poema, deparamo-nos com uma alma atormentada, dominada pela angústia e pela revolta.

O Outro Livro de Job, obra de 1936, que potencia “o verdadeiro nascimento poético de Miguel Torga”²⁵⁰, tem uma estrutura composta de vinte e cinco poemas em que o poeta se identifica com o sofrimento e a revolta de Job: “tal como o patriarca bíblico, o poeta protesta, lamenta-se, lança sobre Deus as suas acusações. Mas contrariamente ao seu irmão na dor e no desafio, ele é um ser torturado pela dúvida e pela descrença.”²⁵¹ Porém, o diálogo intertextual que o poeta estabelece com a Bíblia, tendo em conta referências e alusões, não se limita ao *Livro de Job*, alargando-se a outros textos do Antigo Testamento, como o *Génesis*, o *Êxodo*, os *Salmos*, e ao *Novo Testamento*, com as seguintes referências: o santo sudário tirado por Verónica; a tripla negação do apóstolo Pedro; o velho Lázaro; os Apóstolos e a traição de Judas na última ceia:

Para que possa a Verónica
Com a toalha de linho

²⁴⁸ FREEDMAN, David Noel e Thomas L. Robinson, *op.cit.*, p.594.

²⁴⁹ *Ibidem*.

²⁵⁰ FAGUNDES, Francisco Cota, “*Sou um Homem de Granito*”: Miguel Torga e seu compromisso, Edições Salamandra, Outubro de 1992, p.38.

²⁵¹ *Idem*, p.41.

Tirar-lhe o santo sudário (...) ²⁵²

Está-se diante de um texto poético, de versificação livre que, ao contrário d' *O Livro de Job* bíblico, trata de vários temas, como se comprova com as diferentes alusões e referências a passagens bíblicas. A discursividade é toda ela feita num tom confessional, na primeira pessoa, contudo, o sujeito poético identifica-se com várias personagens, em cenários de ações díspares.

No que concerne aos aspetos formais da obra, o texto está somente escrito em verso, identificando-se completamente com a parte poética d' *O Livro de Job* bíblico, no que se refere aos sentimentos de dor e angústia da condição humana em que o sujeito lírico se irmana a Job no sofrimento e na revolta interior, indo mais além na sua reivindicação, dado que, ao contrário da personagem do Antigo Testamento, não se ficou pela resignação final, insurgindo-se com uma rebelião insaciável, considerando-se preparado para “as Sibérias da Vida”. ²⁵³

Aproximando-me de uma análise poético-estilística, n' *O Outro Livro de Job*, Miguel Torga alia a simplicidade do discurso à utilização de variadas estruturas estróficas, remetendo para a consequente estruturação das ideias poéticas. Juntamente com a irregularidade da métrica, o sujeito lírico usa diversos recursos de estilo. Serve-se da Aliteração e dos jogos vocabulares:

Mas agora é deixar-me e respeitar-me
Como se faz às pedras das montanhas (...)
(...) quem era na minha vida
o Guarda que me guardava (...) ²⁵⁴

As comparações e as metáforas de identificação do poeta são utilizadas pelo sujeito lírico com o intuito de valorizar a condição humana:

Ora isto vem de tão longe,
é já tão velho e revelho
adormecer como um justo
e acordar roubado e morto. ²⁵⁵

O Lázaro sou eu, não foi o Outro,
o das migalhas e das chagas podres (...)
Sou eu, o Alfa e o Ómega
e os sentidos singulares (...) ²⁵⁶

²⁵² TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.33.

²⁵³ *Idem*, p.75.

²⁵⁴ *Idem*, p.39.

²⁵⁵ *Idem*, p.38.

²⁵⁶ *Idem*, pp.49 e 50.

Em termos imagéticos, deparámo-nos com imagens que, neste exemplo, remetem para uma descrição crua e objetiva de um *locus horrendus*:

De tantos que vi partir,
apenas sei que foram e ficaram
na cova
de mãos cruzadas a ver
como a carne apodrecia!²⁵⁷

A sua escrita encontra-se igualmente impregnada por personificações e adjetivações, não esquecendo a componente formal/estrutural das anáforas e paralelismos anafóricos.

Personificação:

Mas os lobos e as sereias
dormiram sempre
e ficaram (...) ²⁵⁸

Adjetivações:

(...) Como se fosse um feito **glorioso**
parir assim alguém, tão **nu**, tão **desgraçado!**²⁵⁹

Anáforas e paralelismos anafóricos, aquando das *Lamentações*:

Tudo
por causa da minha Fé (...)
Tudo
por eu ser um pobre vivo (...)
Tudo
por ser neste Paraíso (...)
Por tão pouco (...)
Por tão pouco (...) ²⁶⁰

No que toca às antíteses, paradoxos e oximoros, o poeta aborda a instabilidade do seu estado de espírito, refletindo a sua luta pela plenitude da palavra:

Sou eu, que não sou feliz no Céu nem no Inferno,
porque no Céu há paz, e no Inferno há guerra (...) ²⁶¹

²⁵⁷ *Idem*, p.57.

²⁵⁸ *Idem*, p.61.

²⁵⁹ *Idem*, p.34.

²⁶⁰ *Idem*, pp.40-43.

²⁶¹ *Idem*, p.49.

Não se podia findar esta análise sem salientar a utilização de palavras de inspiração genesiaca, apelando às origens e à ideia de renascimento e recriação, conforme comprova o seguinte excerto:

Foi tudo colhido em mim,
porque eu sou um pobre Adão
a começar (...) ²⁶²

Todos estes recursos referenciados acima são elementos fulcrais na pintura da escrita torguiana, enriquecendo e destacando, de sobremaneira, as suas diferentes temáticas e ideologias poéticas, apoiando artisticamente o leitor a visualizar e a refletir sobre os *quadros escritos* do poeta.

²⁶² *Idem*, p.36.

3.2. *O OUTRO LIVRO DE JOB*: CONFIDÊNCIAS ENTRE O RACIONALISMO E O MUNDO RELIGIOSO. UMA RELEITURA.

A abordagem do mundo religioso está patente na obra *O Outro Livro de Job*, dado que o sujeito lírico está, constantemente, a referir-se a passagens bíblicas para justificar as suas revoltas interiores. Na altura, o poeta já desempenhava uma carreira profissional na medicina, mais propriamente na área da otorrinolaringologia.

Contudo, na recriação/releitura d'*O Livro de Job* bíblico, o autor não aborda, explicitamente, nada relacionado com o seu mundo científico de médico, porém, dá-nos a entender que "a sua obra é fecundada por três grandes forças: a natureza, a razão e os sentimentos"²⁶³, como nos refere António Arnaut. Pela natureza, o autor poético sente respeito e coragem, pois ela era exemplo de autenticidade e de justiça:

Mas agora é deixar-me e respeitar-me
como se faz às pedras das montanhas.²⁶⁴

O autor revela-se numa constante rebeldia, não pactuando, desde a nascença, com o mundo corrupto, caracterizado pelo drama existencial e que o acompanhará durante toda a sua vida:

(...) parir assim alguém, tão nu, tão desgraçado!
Por mim,
ainda disse que não!²⁶⁵

No que toca aos sentimentos, Torga apresenta-se com grande humanismo, defendendo acerrimamente a humanidade, a condição do homem refletida em Job. Torga, identificando-se com o drama de Job, dirige-se ao Criador com um discurso severo e hostil e, de certo modo, sarcástico, na tentativa de sobrepor a condição humana a qualquer outra coisa, até mesmo à Divindade, apelando à liberdade, como nos refere o próprio autor do *Diário VII*: "E mais ainda do que ele, vale a liberdade. O gosto de ser livre diante do próprio Deus."²⁶⁶

²⁶³ Cf. ARNAUT, António, *Estudos Torguianos*, Coimbra Editora, 2ª edição aumentada, Coimbra, 1997, p.109.

²⁶⁴ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.33.

²⁶⁵ *Idem*, p.34.

²⁶⁶ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.VI e VII*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.38.

Sendo a natureza vista por Torga como a impulsionadora da justiça e da autoridade, onde tudo é perfeito e saudável em relação ao corpo e à alma, tal facto faz com que o próprio autor poético autoenuncie maior credibilidade na natureza do que propriamente na ciência:

Sou médico, mas acredito mais na natureza do que na ciência. E tenho inscrições votivas em todas as fontes de Portugal²⁶⁷

Como médico e escritor, tem a consciência de que viveu duas vidas:

(...) vivi duas vidas. Uma, desalentado, a ver-me morrer; outra, a lutar inconformado contra todas as mortes.²⁶⁸

Através deste último excerto do *Diário*, Torga diz-nos que se sente em permanente decadência, causada pelo facto de se sentir insuficiente na constante demanda da justiça e da verdade no mundo. Perante esta incoerência palpável dos seus versos, o poeta vai recorrendo à sua interioridade, questionando-se constantemente, chegando à deterioração. Já que na escrita se sente longe da realização moral, tenta colmatar essa falha com a luta diária no seu consultório, procurando preencher esse vazio interior a sentir-se útil aos pacientes, ajudando-os na luta contra a morte. Todavia, como médico, também há más fases, em que é necessário ocultar certas verdades, ou seja, é preciso “ter capacidade de mentir persuasivamente quando a verdade é o oposto da esperança”²⁶⁹. Assim sendo, pode afirmar-se que existe uma convivência interior entre a razão e a religião do escritor, que, servindo-se de textos bíblicos, como *O Livro de Job*, nos transmite o seu grande conflito interior no que toca a esta matéria. Conflito esse que se caracteriza, essencialmente, pela revolta contra Deus e contra si próprio, por não se sentir totalmente realizado na expressão do seu mundo. Essa revolta interior pode muito bem levar ao desespero de alguém que se sente sozinho com a sua poesia. Os apelos à ajuda exterior e divina foram todos em vão:

(...) e diante de ti as chagas supuraram, e as moscas me devoraram, e os meus gritos te chamaram em vão! (...)²⁷⁰

Tendo em conta que os “versos exprimem confiança e a expressão de uma certeza mais filha do desejo que do entendimento”²⁷¹, pode enunciar-se uma certa esperança que move esses

²⁶⁷ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. XV e XVI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.42.

²⁶⁸ *Idem*, p.96.

²⁶⁹ *Idem*, p.58.

²⁷⁰ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol. I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.43.

desejos torquianos. Esperança essa que, tanto na sua vida profissional como no constante conflito entre o divino e o terreno, patente na sua poesia, funciona como motor de combustão na sua ânsia pela eternidade, como documenta o seguinte excerto do *Diário*:

(...) acredito na eternidade do espírito e na divindade das coisas. Creio que cada realidade perecível tem a sua projecção divina imperecível...²⁷²

Este excerto transcrito acima vai ao encontro da luta do poeta pela sacralização do homem pela liberdade conquistada e assumida, pois na sua poesia o homem sempre foi “o centro do infinito”.²⁷³

N’ *O Outro Livro de Job*, o poeta lamenta efusivamente o facto de o Criador Divino não ter tido outra abordagem no seu processo criador. Ataca profundamente a presunção divina, na maneira como, tendo poder sobrenatural para modelar os súbditos, criados ao seu belo gosto e prazer, não mudou o curso ao rio interior do sujeito lírico face à situação de Deus. Sendo um ser soberano e onipotente, sujeitou aqueles, que Ele diz à sua imagem e semelhança, a um destino de vida de sacrifícios e de pecado, como se o homem se tratasse de um rio que segue o seu destino impávido e sereno e, acima de tudo, resignado com a situação. Mas, o poeta, lutando contra esta ideologia, considera-se o único rio que não se resigna e que vive em constante desafio perante a eternidade celestial, apresentando o aspeto sombrio de quem vive conturbado, repleto de convulsões de quem assume a sua condição humana acima de tudo e de todos:

Era simples e bonito (...)
que vim a ter (...)
O que sou é o que serei, contra ti ou qualquer lei, que não queira (...)²⁷⁴

Perante estes aspetos conturbados de uma entidade revoltada perante Deus, ao contrário do humilde Job que, implicitamente, é criticado pela sua apatia e cedência desmesurada, Torga viveu em paralelo uma vida dedicada à medicina. Essa escolha não fora por acaso, apesar do

²⁷¹ LOURENÇO, Eduardo, *O Desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações*, Coimbra Editora, 1955, p.20.

²⁷² TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.III e IV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.116.

²⁷³ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol III*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, poema *Condição in Câmara Ardente*, p.90.

²⁷⁴ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol III*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, poema *Terceira Lamentação*, in *O Outro Livro de Job*, pp.44 e 46.

que já referi sobre este facto, a medicina foi um modo de reforçar a ideia da espiritualização do homem, lutando contra qualquer forma de aniquilamento.

Torga acreditava veementemente na divisão entre o corpo e a alma: já que alimentava a alma na poesia, precisou de arranjar uma ocupação para tratar do corpo dos homens. Essa ocupação médica baseava-se sobretudo num “sentido pedagógico de educação para os valores do civismo e honestidade.”²⁷⁵

Em paralelo ao seu desempenho profissional de médico otorrinolaringologista, Torga ia tendo ligações com o pensar religioso, dado que a sua cultura religiosa advém “da catequese, das vivências familiares, do tempo do seminário e até da mitologia greco-romana que ele dominava profundamente”²⁷⁶. Não obstante, esse pensar religioso não é o de um cristão normativo e conformado com a Lei Divina, mas antes o de um revolucionário, que, embora não esquecendo Deus, foi adotando uma atitude de confronto com esse mesmo Deus, procurando, de uma forma bastante ambígua modelar esse Deus, essa religião, à condição humana e não o contrário. Nesta conjuntura, os mandamentos da lei de Deus são reformulados por Torga, chegando ao ponto de elaborar a sua própria Lei Divina, tendo como base, acima de tudo, a sobrevalorização do homem e o decréscimo do poder de Deus. Como exemplo temos o poema “Lei”, pertencente ao livro *Libertação*:

Dar a alma a um deus dos nossos
Por uma religião
Com bases na condição
E na dureza dos ossos.
E não rezar padre-nossos
Qualquer que seja a razão.²⁷⁷

Como se sabe, a Bíblia é, de há muito tempo, uma presença constante na literatura ocidental. Neste prisma, a literatura portuguesa, que tem, como as restantes literaturas ocidentais, uma das suas fontes na cultura judaico-cristã, não constitui, a esse respeito, exceção. Contudo, e segundo a opinião de um estudioso que dedicou particular atenção à influência da Bíblia na literatura portuguesa e, mais concretamente, à influência que ela teve na literatura medieval, Mário Martins, nós sentimos a Bíblia “nas entranhas” do “grande rio da nossa

²⁷⁵ MAIA, Carlos Fernandes, *A Dimensão Ética e Educativa na obra de Miguel Torga – um poeta do dever*, Edição Gráfica de Coimbra, Lda G. C.p.137.

²⁷⁶ *Ibidem*.

²⁷⁷ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.177.

literatura (...) mesmo quando não a enxergamos à tona de água.”²⁷⁸ Este diálogo com a Bíblia, por parte dos escritores, foi-se mantendo durante os tempos, sobrevivendo ao processo de secularização por que passaram as sociedades ocidentais, a partir do Iluminismo. Como exemplo de contacto com a Bíblia, Mário Martins refere o caso de Miguel Torga com *O Outro Livro de Job*²⁷⁹, baseando-se no famoso *Livro de Job* do Antigo Testamento.

Mas, antes de entrar na coletânea propriamente dita d’ *O Outro Livro de Job*, não posso deixar passar em claro o poema “Prece”, anterior a esta coletânea (1934), que se identifica bastante com o espírito dela. Neste poema, o sujeito poético encontra-se “coberto de sofrimento” interior, identificando-se com a lama e o excremento da “terra-mãe”. No entanto e na segunda estrofe, ele rejuvenesce-se dessa fraca condição, persistindo, com toda a sua força interior, na sua luta diária, repleta de contradições. Perante este cenário, o poeta roga a morte a Deus, na medida em que se sente desgastado com toda esta situação:

Senhor deito-me na cama
Coberto de sofrimento;
E a todo o comprimento
Sou sete palmos de lama:
Sete palmos de excremento
Da terra-mãe que me chama (...)²⁸⁰

O *Livro de Job* do Antigo Testamento reflete o sofrimento e a heróica paciência do justo Job, que viveu em Hus e que era um verdadeiro servo de Deus. Este livro foi relido por Torga em *O Outro Livro de Job*, o qual reflete, por sua vez, a identificação do poeta com o sofrimento e a revolta de Job. Este livro de Torga não foi uma simples glosa do livro do Velho Testamento, sendo “outro livro” e, conseqüentemente, teve como anti-herói “outro Job”. Tal como o patriarca bíblico, o poeta, sentindo-se tocado pela desgraça, protesta, lamenta-se, gritando a sua dor a falar com Deus. Contudo, e contrariamente ao seu irmão na dor e no sofrimento, ele, o poeta, é um ser torturado pela descrença e pela dúvida, demonstrando-se insubmisso.

Neste ponto, irei fazer uma análise ideológica e imagética dos poemas mais pertinentes desta coletânea. No primeiro poema, “O Vos Omnes”, deparamo-nos com um sentimento poético de discriminação, em que o poeta se sente a mais e pede que o respeitem como

²⁷⁸ MARTINS, Mário, *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1979, p.7.

²⁷⁹ *Ibidem*.

²⁸⁰ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.19.

respeitam as “pedras das montanhas”. Ele sabe que a sua presença no mundo é incómoda, daí apelar para a paciência dos outros para que o deixem viver à sua maneira. Como tal, argumenta com uma passagem do Novo Testamento, aquando da caminhada de Jesus Cristo para o Calvário, para enfatizar a ideia da sua missão persistente e vigorosa no mundo. O poeta deseja levar avante a sua missão dolorosa, sendo sempre fiel aos seus princípios:

Ainda que eu cantasse como os outros
uma nota saía discordante!
E não é do arranjo da garganta:
mas por outros motivos tão ocultos
que mesmo minha Mãe os desconhece.
Por isso não digam mal...
Foi, realmente, incómodo que eu viesse;
mas, agora, é deixar-me e respeitar-me,
como se faz às pedras das montanhas
Que o penitente conserve
O seu rosto verdadeiro
No doloroso caminho
Do Calvário
Para que possa a Verónica
Com a toalha de linho
Tirar-lhe o santo sudário...²⁸¹

O sujeito lírico apresenta-se com a sua voz discordante e revolucionária de poeta, considerando-se um “penitente” no difícil trilho da vida, com o intuito de conservar a sua autenticidade, frontalidade e verdade, mesmo que seja muito doloroso.

Existe uma demarcação em relação aos outros, afastamento esse vincadamente assumido, sendo uma espécie de ser de exceção que se mantém marginal em relação ao rebanho. Apesar de enveredar por um caminho longe de qualquer movimento ou grupo literário, neste caso o grupo da Presença, Torga centra-se no humano, identificando-se principalmente com o povo, sendo um incansável lutador pela liberdade do homem.²⁸² De ressaltar que encontramos semelhanças deste pensamento torguiano no poema “Cântico Negro” de José Régio, em que o sujeito lírico se reconhece como um ser de caráter desviante, adotando uma atitude de desprendimento face aos caminhos normativos, considerando-se um ser com princípios e personalidade vincada, não se deixando levar por qualquer que seja a corrente, sendo somente submisso de Deus e do Diabo, os únicos que o guiam:

«VEM por aqui» - dizem-me alguns com olhos doces,
Estendendo-me os braços, e seguros

²⁸¹ *Idem*, p.33.

²⁸² LOPES, Maria do Carmo Azevedo, Miguel Torga: *Uma Poética de Autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.164.

De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: «vem por aqui»!
Eu olho-os com olhos lassos,
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...
(...) Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...
(...) Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém (...) ²⁸³

Voltando ao poema “O Vos omnes”, mais concretamente nos versos “Ainda que eu cantasse como os outros/uma nota saía discordante!”, o enunciador lírico refere-se ao tema identitário em que a sua escrita representa uma busca incessante da identidade sempre em confronto com os outros.²⁸⁴ Tendo como ponto de partida a demanda existencialista em prol de respostas concretas, relativamente ao constante questionamento da presença do ente poético no mundo, não sabendo propriamente qual o seu objetivo junto dos outros, surge-nos como mote atinente a típica questão da “orfandade” moderna. A este propósito, Almada Negreiros tomara também uma posição trágica, referindo que estamos predestinados, desde a nascença, à desgraça do isolamento/solidão²⁸⁵, contribuindo para a submissão a máxima da ambiguidade dum sujeito em dispersão/dissolução, característica marcante da estética do Modernismo.²⁸⁶

No segundo poema, “Romance”, o sujeito poético lamenta o dia em que nasceu, visto que aí perdeu a inocência e a partir desse momento tudo foi descalabro. A partir do momento que se separou do corpo da mãe, nunca mais encontrou a felicidade plena:

(...) E ficou resolvido que no dia doze
minha Mãe parisse
e pariu!
Pariu e ninguém se opôs! Ninguém!
Como se fosse um feito glorioso
parir assim alguém, tão nu, tão desgraçado! Por mim,
ainda disse que não! (...) ²⁸⁷

²⁸³ RÉGIO, José, *Poemas de Deus e do Diabo*, Brasília Editora, 10ª edição, Lisboa, 1984, pp.65-67.

²⁸⁴ SOUSA, Carlos Mendes de (org.), *Dar Mundo ao Coração, Estudos sobre Miguel Torga*, Texto Editores Lda, Lisboa, 2009: “...”uma forma de procurar a sua própria identidade e de o fazer, preferencialmente, não só em relação a si mesmo mas sempre em confronto com os outros (...) No primeiro volume do Diário, a imagem que Torga nos oferece de si mesmo é uma imagem conflituosa, a imagem de um “eu” revoltado e igualmente determinado a se impor apesar dos outros, ou mesmo contra os outros.” pp.141 e 142.

²⁸⁵ NEGREIROS, José de Almada, *Obras Completas de Almada Negreiros, Autores Portugueses*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993: “É a eterna tragédia dos filhos de Adão e Eva. Desde o princípio do mundo que estamos todos condenados à maior das desgraças: o nosso próprio isolamento, a nossa própria solidão (...) E quanto mais a Terra se vai enchendo de gente, quanto mais a Humanidade se multiplica, maior se vai tornando ainda a solidão de cada um dos seus indivíduos. pp.44 e 45.

²⁸⁶ GUIMARÃES, Fernando, *Simbolismo, Modernismo Vanguardas*, Lello & Irmão – Editores, Porto, 1992, p.91.

²⁸⁷ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, pp.34 e 35.

Predestinado para o drama existencial, saindo da paz, inerente à placenta, para ingressar no seu drama, na sua guerra da vida, que perspectiva e atesta questões existenciais relacionadas com a sua génese no mundo, salientando a fragilidade de um recém-nascido, através da metáfora do cordão umbilical²⁸⁸. Assim sendo, a vida mundana/terrestre é vista pelo sujeito lírico como habitáculo natural do mal que “existe no mundo e a humanidade o tem dentro de si.”²⁸⁹

Neste prisma, deparámo-nos neste poema com o tema quinhentista da sobrevalorização do homem e da razão, ao encontro de um explícito “orgulho do humanista e em geral a visão do humanista, com o antropocentrismo renascentista, com a educação, com a escola literária do Classicismo e suas características.”²⁹⁰ Assim sendo, a referência ao instinto humano e à nossa condição animal realça a influência que o sujeito lírico nutre pelos ideais do classicismo, humanismo e renascimento.

Seguidamente, temos a “Serenata em Dó Maior”, em que o poeta, identificando-se com o Adão do livro dos Génesis, se dirige a uma *Senhora/Eva*, suplicando o seu amor por ela, contudo, ela responde sem qualquer objetividade, defraudando as suas expectativas e levando-o a uma profunda lamentação:

A minha vida é uma cena triste,
dessas que se fazem numa praça
por causa duma mulher...
Todos passam, todos olham
e sorriem da paixão...
Mas o namorado insiste:
- Minha Senhora, responda:
Sim, ou não!
Sim, ou não!

Ah! mas a Senhora não responde!
Porque não é resposta aquela esperança
dada num vago talvez...
E o pobre pobre-diabo
leva a mão no coração
e diz:
- Minha Senhora,
mate-me duma vez...²⁹¹

²⁸⁸ LOPES, Maria do Carmo Azevedo, Miguel Torga: *Uma Poética de Autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.119: “Em *Romance, d’O Outro Livro de Job*, o sujeito poético apresenta o seu nascimento como uma violência que teve de sofrer, apesar de não querer abandonar a segurança, o silêncio e a paz da vida intra-uterina, anterior à nascença, viu-se lançado num mundo de sofrimento (...)”

²⁸⁹ GAARDER, Jostein, Viktor Hellern e Henry Notaker *O Livro das Religiões*, Editorial Presença, 2ª edição, Lisboa, Junho, 2003, p.152.

²⁹⁰ CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 7ª edição, Junho de 2002, Introdução por Silvério Augusto Benedito, p.14.

²⁹¹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.36.

Através da linguagem popular e do recurso à repetição, o poeta procura realçar o estado de espírito de tristeza, angústia e desespero perante a frieza e neutralidade da sua senhora.

De seguida, o poema “Naufrágio” aparece-nos a retratar um encontro amoroso do poeta. Começa com uma reminiscência de uma *Senhora* que, outrora, lhe dera muitas felicidades aparentes, mas, entretanto, num determinado momento, aparece-lhe, um dia, *uma donzela verdadeira* que lhe *tocava por Lei*. Ouviu-se a gritar que fora por essa virgem/donzela que ele tinha vindo à terra, porém, depressa sentiu a desilusão, como se esse barco conjugal tivesse naufragado:

Era Virgem!
A Virgem que te peço desde o dia
que te encontrei!...
Mas tu és tão estranha e metafísica,
que vejo que me enganei...²⁹²

Está-se diante de um poema que retrata o binómio entre duas mulheres/amadas: a Outra das felicidades aparentes, prazer desmedido, baseado na hipocrisia, no cinismo e dissimulação; a donzela, a verdadeira e autêntica que lhe tocasse por lei. Parece haver, por parte do sujeito poético, uma crítica ao “excesso” de misticismo patenteado na mulher “estranha e metafísica”, não perfazendo o tipo de mulher desejada pelo poeta, dando consigo a chamar por “uma donzela verdadeira” que lhe “tocava por Lei”, gritando que esta última era a razão pela qual tinha vindo ao mundo.

Depois, aparece-nos um “Diário”, no qual o sujeito poético dá a conhecer um sonho com um dia *grande como o Dia de Juízo*, sonho esse que levantou o seu ânimo, durante uma semana. Todavia, chegava a noite e a alegria desvanecia-se:

Ah! mas isso é que não! Ninguém se iluda!
Ninguém pense que vou desanimar!
Não, senhor:
a Sagrada Teologia
previu isto e muito mais...
Deus lá sabe
as linhas com que me cose:
Deus lá sabe
se para o meu sumo bem
terá de aumentar a dose...²⁹³

²⁹² *Idem*, p.37.

²⁹³ *Idem*, p.38.

Como não podia deixar de ser, neste “Diário” deparámo-nos com um conflito íntimo entre a esperança e desesperança que se vai desenvolvendo no interior do poeta, o qual demonstra uma antítese bastante marcada entre a melancolia e o facto de ser um lutador nato, ansiando pelo Dia do Juízo Final. Por um lado, depreende-se uma atitude de resignação emocional e vivencial perante Deus, como a do Job bíblico, aceitando Deus como progenitor e protetor, por outro, nota-se uma demarcação dessa figura bíblica submissa, enaltecendo um espírito empreendedor de luta e vontade própria e insubmissa.

No poema “Noite”, o poeta divaga, durante a noite, pelas ruas e adormece, entretanto passa o guarda noturno e, por intermédio de uma *Lua*, fica a par de todos os passos do poeta deambulante. Estamos diante de mais uma metáfora, na medida em que o Guarda seria Deus que, segundo o sujeito poético, o deixou andar à deriva como um abandonado. Apesar de ser proibido andar à lua, ela própria fez questão de dar a volta à lei pelo beijo recebido do poeta:

(...) quem era na minha vida
o Guarda que me guardava...

Andar à lua é proibido...²⁹⁴

Posteriormente, aparecem-nos três “Lamentações”, em que o poeta, como o fez Job, sentindo-se discriminado e abandonado, fala a Deus. Contudo, a situação é diferente: enquanto Job, apesar das adversidades, sempre O respeitara com submissão, o poeta, o outro Job, viveu sempre *carregado de* pecados, impregnado no *Homem de sempre, com raízes*, ou seja, o homem na sua autenticidade desenfreada, daí a sua rebeldia para com Deus:

O Homem de carne e osso
que tu não mudas e eu não mudo!...Eu sou tudo.
Menos rebelde à minha condição...
Tudo
por ser neste Paraíso
o mesmo Adão!²⁹⁵

Deparámo-nos com uma vincada revolta da inocência humana contra a divindade transcendente, com a negação de Deus, como o fizera o apóstolo Pedro, havendo uma máxima realização humana do divino e necessidade de o homem procurar a sua verdade na terra. A problemática religiosa é quase constante nestes poemas. Embora não adotando uma atitude de ateu, Torga, ao negar Deus, não nega a sua existência, pelo contrário, ele sente a sua existência;

²⁹⁴*Idem*, p.39.

²⁹⁵*Idem*, pp.40-41.

nega, sim, a representação que os homens fazem deste. O que perturba Torga é o facto de não existir um Deus humano e iminente que se possa sentir e ter. Resta-lhe, no entanto, o contentamento perante a sua condição humana, transmitindo considerandos realistas, “autênticos” e “verdadeiros” sobre a sua forma de agir:

Tudo
Por causa do meu sonho verdadeiro
De ser mais feliz assim:
Carregado de pecados
E de mim...²⁹⁶

Nesta “Primeira Lamentação”, o autor tece um argumento existencialista perante a condição humana, exemplificando com três argumentos bíblicos e desconstruindo-os através da sátira. A saber: alusões ao livro dos Génesis (“Tudo por ser neste Paraíso/o mesmo Adão!”); a passagem do filho pródigo (“Tudo porque disse que fui eu a ovelha que se perdeu e só então se encontrou!”) e as três negações de Pedro (“Tudo por ser a parte do Pedro que no transe da tua divindade te negou!...”). Está-se perante um discurso de revolta contra Deus, questionando a razão do castigo divino, argumentando, vangloriando-se com a sua condição humana. Neste contexto e, em termos formais, é de realçar uma discursividade anafórica, imbuída num paralelismo com o pronome indefinido “tudo” a determinar a discursividade ressentida face à suposta “injustiça” de Deus perante o Homem.

Na “Segunda Lamentação”, continua a sua revolta para com Deus, argumentando contra a negligência e inércia perante as vicissitudes da vida, sentindo-se abandonado por Ele, na medida em que foram retirados, quase sem qualquer motivo, a família, a saúde e os bens materiais, tal como sucedeu com o Job bíblico:

E por tão pouco me mandaste embora!
Por tão pouco a tua mão
me apontou a Vida, fora
do teu coração
de pai!²⁹⁷

Esta rebeldia do poeta contra Deus parte de um ceticismo teocêntrico, centrífugo e reivindicativo, “torturado e revoltado, desde os seus primeiros livros de poesia encontramos um tom de violência imprecatório em que o sujeito poético, num desafio constante a Deus, chega a

²⁹⁶ *Ibidem*.

²⁹⁷ *Idem*, pp.42-43.

afirmar-se do lado oposto, o de Satanás”²⁹⁸, podendo encontrar-se marcas de satanismo na “Primeira Lamentação” supramencionada e na “Balada da Morgue”.

Em termos formais, o paralelismo anafórico com a locução preposicional “Por tão pouco (...)” salienta e referencia o abandono engendrado por Deus em relação ao Homem, em que se demite da proteção divina ao ser humano. O sujeito poético considera Deus como uma entidade divina que lhe está constantemente a dificultar a vida.

O discurso poético parte de alusões simbólicas a passagens bíblicas do Antigo e Novo Testamentos (o milagre das bodas de Canã, o fratricídio levado a cabo por Caím sobre Abel, a subida de Moisés ao monte Sinai e a chegada à terra de Hus) para expressar mais calorosamente e mais autenticamente a revolta contra Deus, através da indignação, sentindo-se o poeta abandonado, como o fora o Job bíblico, perdendo os bens materiais e emocionais.

Todos estes desabafos poéticos decorrem de o poeta não se conformar com a sua condição mortal, lamentando o nosso destino irreversível e inevitável a aguardar o retorno ao pó, o dia do juízo final.

Na Terceira Lamentação, revolta-se com o facto de Deus o estar a ferir injustamente porque, segundo o poeta, ao fim de contas, fora Deus que o criou assim como ele é, daí ele se sentir sem qualquer culpa por agir da forma como age. Deste modo surge a alusão ao Livro dos Génesis com o objetivo de condenar/criticar a doutrina agressiva e repressiva de Deus perante Adão e Eva com a abolição do homem livre e pensante, autónomo nas suas decisões. Conforme refere Maria do Carmo Azevedo Lopes, “este anjo caído, este novo Adão, banido do Paraíso anterior à nascença, reage assumindo-se como é, fiel à sua condição de Homem. Na sua noção de pecado, Torga entende que a culpa é de Deus e não sua: Deus é que criou o Homem pecador e mortal e para cúmulo ainda lhe pede contas.”²⁹⁹

E não te peço perdão de ser assim.
Sou tal e qual como vim
do teu celeste jardim
para as selvas brutais da Natureza...³⁰⁰

Neste poema, o sujeito lírico começa por amaldiçoar o dia do seu nascimento, mas, ao invés do Job bíblico, sente-se injustiçado por Deus, responsabilizando-o por tê-lo gerado daquela forma. Antes de ser Homem, sem possibilidade de escolha, critica mordazmente os sonhos e

²⁹⁸ LOPES, Maria do Carmo Azevedo, Miguel Torga: *Uma Poética de Autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.139.

²⁹⁹ *Idem*, p.140.

³⁰⁰ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, pp.44-46.

desejos já “impingidos” pelo Deus Eterno, entidade em contraposição com o Homem Temporal, este último referido na metáfora imagética do rio que teve o curso da vida que Deus quis dar.

A exaltação que é feita da humanidade, da condição estritamente humana, não cedendo a qualquer entidade dita superior é justificada através da valorização da vida, incidindo-se numa visão cosmológica de uma paixão verdadeira e genuína. A atitude hirta e arrogante do sujeito lírico apela a um conformismo e realização pessoal perante a sua condição humana, culpabilizando Deus pela deslocação do jardim celeste do Éden para as selvas brutais da Natureza.

Após toda a mescla de emoções partilhadas pelo sujeito poético, o poema termina explanando uma atitude estoica de aceitação plena da sua humanidade e sonhando, junto ao seu muro das lamentações imaginário, com um Deus justiceiro.

O Poema “Mensagem” apresenta-se como uma pequena composição poética indubitavelmente influenciada pelo romance de cavalaria de Miguel de Cervantes, denominado *D. Quixote De La Mancha*, com referência implícita à Dulcineia, grande amor e inspiração do cavaleiro D. Quixote.³⁰¹

Em termos formais é de salientar o paralelismo anafórico do advérbio de tempo “Agora” a autenticar a pureza do poeta, não se deixando corromper por nada, nem mesmo pela leviandade da luxúria partilhada. Apesar de vários encontros amorosos, a sua Amada continua a ser especial e adorada, visto que, apesar da distância irreversível, tal como foi de D. Quixote relativamente à sua Dulcineia, o poeta “sabe ver-Te quase perto/nas distâncias mais distantes!...”³⁰²

No poema Lázaro, o poeta, de uma forma sarcástica, serve-se da personagem de Lázaro, do Novo Testamento, para a criticar e vangloriar-se ele próprio como o verdadeiro Lázaro:

O Lázaro sou eu, não foi o Outro,
o das migalhas e das chagas podres.
O Lázaro sou eu, aqui sentado
à mesa do Vice-Rei
a mastigar com nojo estes faisões!...

Sou eu, vestido de Holanda,

³⁰¹ RIQUER, Martin de, *Para Leer a Cervantes*, Acantilado Quaderns Crema, S.A., Sociedad Unipersonal, 2003, p.248: “ (...) la amorosa paródica, como es de don Quijote a Dulcinea, en la que se imita burlescamente el estilo de las misivas que aparecen en los libros de caballerías y que incluso parece remedar conceptos que figuran con toda seriedad y elegancia en una epístola poética del trovador Arnaut de Marvell (...) ”

³⁰²TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.48.

a pregar a nudez que sempre usei
nas grandes ocasiões!...

(...) Sou eu – e mostro-me todo!
Quem puder, arranque os olhos
e venha cheio de Fé
ver o Lázaro real
que não vem nos Evangelhos
mas é!...³⁰³

Constata-se uma discursividade emotiva e subjetiva, na 1ª pessoa, havendo um distanciamento do Lázaro bíblico, afirmando-se o sujeito lírico como um homem/Lázaro cru e nu na sua própria dignidade humana.

O “eu” poético, visto e revisto como um revolucionário paradoxal e antitético, apresenta-se como um eterno insatisfeito, considerando-se igualmente autossuficiente e autónomo na sua condição humana.

Através de várias metáforas de identificação do “eu” poético, o sujeito lírico afigura-se na sua totalidade humana e real, confluindo nele o início e o fim (alfa e ómega), o “Lázaro Real, que não vem nos Evangelhos, mas é!”.

No poema “Cântico”, o poeta, depois das referências bíblicas a Job e Lázaro, figuras do Velho e Novo Testamentos, respetivamente, veste a pele de um peregrino que vem de longe, *duns vagos mundos*, e encontra-se com um grupo de Apóstolos, aos quais pede ensinamentos:

(...) Devotados Apóstolos, eu sei
que conheceis algumas teorias;
ora eu sou assim e etc.,
ensinai-me!...³⁰⁴

Em “Pesadelo”, o sujeito lírico apela à sua reminiscência, “Aquela” entidade casta e pura que encontrou lugar no Céu, valorizando a sua sinceridade pura e humana e, perante o interlocutor Satanás, vangloria-se como determinado em não saber fazer o bem e a fazer o mal que não quer, remetendo para um certo descontrolo das suas atitudes:

Às vezes, vem-me à lembrança
Aquela que foi um dia (...)
Vem-me à lembrança, e choro este meu pranto
de crocodilo sincero (...)
Eu sou determinado, e Satanás bem sabe
que não sei fazer o bem
e faço o mal que não quero...³⁰⁵

³⁰³ *Idem*, pp.49-50.

³⁰⁴ *Idem*, p.51.

“Cantar de Amigo” é um poema que se baseia, nitidamente, n’ *O Livro de Job* bíblico, em que os três amigos de Job, Elifaz de Teman, Baldad de Suas e Sofar de Naamat, ao saberem das desgraças que lhe tinham sucedido, apareceram ao seu encontro, com o objetivo de o consolar. Segundo o poeta, *O Outro Job*, que se encontrava com *o corpo podre e dorido*, depara-se com a chegada dos seus amigos de sempre que lhe dão os seus conselhos e as suas sábias reflexões, utilizando *santas palavras sem sentido*. De um modo irónico e, de certo modo, sarcástico, o autor refere-se negativamente aos ensinamentos dos amigos, chegando a duvidar da sua origem. Enquanto ele definhava, os seus amigos proferiam meras palavras casuais, apresentando-se, tal como Job, com complacência e paciência:

(...) Disseram
ser urgente e necessário
aceitar com alegria
a maldade dos Sabeus,
por ninguém saber se o açoite
me corta pela raiz
por ordem de Satanás
ou de Deus...³⁰⁶

O Poema “Ressaca do Mar Morto” faz alusões bíblicas ao Antigo e Novo Testamentos. Ao Antigo Testamento com a referência ao Mar Morto e ao Novo Testamento com o sofrimento lacrimante de Maria junto ao cadáver de Jesus.

O sujeito lírico estabelece um diálogo com uma interlocutora especial, mencionando uma atitude de desconforto/inconformismo perante a efemeridade da vida terrena que, segundo a profecia, tem um final agendado. Perante a passagem rápida da vida terrena, o sujeito poético insurge-se contra as promessas vagas do céu, como resposta aos anseios humanos. Neste prisma, através de uma metáfora, tendo em conta a intemporalidade e inevitabilidade da ferida da morte, o céu apresenta-se como um inútil remédio. Assim sendo, deparámo-nos com um “locus horrendus” visto que há uma descrição crua, realista, objetiva da morte humana e física, desconsiderando e criticando-se a postura permissiva/passiva de Deus:

(...) O céu! Um penso tão velho
Numa chaga sempre nova!
De tantos que vi partir,
Apenas sei que foram e ficaram
Na cova
De mãos cruzadas a ver

³⁰⁵ *Idem*, p.52.

³⁰⁶ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, pp.53-54.

Como a carne apodrecia! (...) ³⁰⁷

Está-se diante de uma imagem mórbida e dantesca tendo em conta a inevitabilidade da chegada da morte, como sendo um momento de pavor em que as ironias, facadas e traições se revelam. Na qualidade de Job, o poeta sente-se a perder tudo: a força, a sede, fome, desejos... Neste prisma, é de salientar o facto de a sua boca não querer proferir a palavra “parei”, encontrando-se numa luta constante e mítica entre o seu corpo real e persistente e a morte profetizada. Daí a crítica de que “em Torga, a vida e a poesia fundem-se não surpreendendo que na sua produção poética o terror da morte esteja presente desde o início” ³⁰⁸.

(...) Perder tudo! Olhar o mundo
com as pálpebras descidas
pela mão dum semelhante! ...
Perder tudo! Não ter mais
a força que ressumava
daquela promessa enorme
que fui um dia!
Não ter sede, nem fome, nem desejos
de ser Deus de outra maneira! (...) ³⁰⁹

No final da composição deste poema, o sujeito poético encontra-se numa agonia sóbria tecendo um paralelismo analógico com a figura de Jesus Cristo, que morreu para subir ao céu, querendo-se considerar, tal como Ele, uma figura perene e intemporal.

(...) Olha-me bem e vê se compreendes
a grandeza sóbria
desta agonia!... ³¹⁰

No contexto desta “vida encarada numa perspetiva trágica e agónica” ³¹¹, existe uma aproximação ao escritor e filósofo Miguel de Unamuno, que com um espírito profundamente religioso, pretendeu fazer com que os outros questionassem a existência, com uma fé insegura e

³⁰⁷ *Idem*, p.57.

³⁰⁸ LOPES, Maria do Carmo Azevedo, Miguel Torga: *Uma Poética de Autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.120: “A sua missão de médico permitiu-lhe associar-se à sua missão de poeta na luta contra a morte (...)”

³⁰⁹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.57.

³¹⁰ *Idem*, p.58.

³¹¹ LOPES, Maria do Carmo Azevedo, Miguel Torga: *Uma Poética de Autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.121.

frequentemente minada pela angústia, alertando para o perigo do ceticismo completo.³¹²

Segundo o mesmo autor:

(...) a dor é a substância da vida e a raiz da personalidade, pois só sofrendo se é pessoa (...) a angústia é algo muito mais profundo, mais íntimo e mais espiritual do que a dor (...) o homem é tanto mais homem, isto é, tanto mais divino, quanto mais capacidade tiver para o sofrimento, ou melhor dito, para a angústia.³¹³

Portanto, para Miguel de Unamuno, só têm valor as pessoas que vivem o sofrimento, a angústia, a dor e as conseguem ultrapassar com estoicismo a caminho do divino, assim como o fizera o Job bíblico.

“Canção duma Outra Vida”, em termos estruturais, insere-se numa abordagem existencialista do geral/universal para o particular/individual em que o poeta alude a alguém/entidade superior eterna, a partir do *Além*.

Ali, algures, essa entidade vai sobrevivendo de modo a dar alma à vida.

Seguidamente, é levada a cabo uma alusão bíblica, referenciando o espaço do deserto, local onde Jesus Cristo foi passar quarenta dias e quarenta noites com sofrimento e dor, num constante duelo com as tentações do demónio. O sofrimento e o choro como características da nossa humanidade (condição humana).

Através de uma comparação bélica, o poeta enaltece a humanidade telúrica e a posterior libertação da terra em direção ao além, profetizando as *horas do futuro*. Perante esta grandeza de Santo, subordinada ao encanto de viver, o poeta sente-se como sendo Outro.

No “Canto da Múmia”, o poeta considera-se um cantor incompreendido e desprezado, sendo um presságio para os que o ouviram. Enquanto ele cantava, as entidades com responsabilidade não deram ouvidos: “(...) dormiram sempre e sonharam!...”³¹⁴

A noite aparece-nos como confidente das desgraças que foram caindo sobre o novo Job, entidade que se identifica com a devastação causada por um vulcão, na cidade de Pompeia, originando muitas mortes.

Em “Lápide”, temos uma abordagem mórbida, mística e existencial da efemeridade e contingência da vida, como uma simples passagem, em que nos deparamos com o simbolismo

³¹² UNAMUNO, Miguel de, *Do Sentimento Trágico da Vida*, Quarteto Editora, Coimbra, 2001: “A certeza absoluta e a dúvida estão-nos igualmente vedadas. Flutuamos num meio vago, entre dois extremos, tal como entre o ser e o nada, porque o ceticismo completo seria a extinção da inteligência e a morte total do homem.”, p.93.

³¹³ *Idem*, p.154.

³¹⁴ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.61.

da lápide, o diálogo unidirecional entre o poeta e a lápide estabelece-se, remetendo para uma partilha de sensações e sentimentos de inconformismo perante a história de vida passageira, assombrada pela ameaça da intervenção da União Europeia.

Desgostoso com a desorientação da pátria, mas sobretudo com a descaracterização do país e com a ameaça que a União Europeia, na sua perspectiva, representa para a nossa independência e identidade, evoca Camões como a única certeza que resta da autêntica e necessária portugalidade.³¹⁵

No poema “Notícia”, o poeta, de uma forma mais direta, crua e grotesca, se assim se pode dizer, denigre a imagem de Deus. Lança uma pequena notícia de que havia um verme que gostava de sol e da vida e que foi esmagado por uma roda. O que se torna esotérico e inusitado é o facto da roda ter sido guiada por Deus:

O verme também vivia...
O Sol, de todos, como diz a Lei,
aquecia-lhe o corpo musculado;
(...) E Deus que guiava a roda
nem o viu...³¹⁶

O poeta lança uma sátira à entidade de Deus, apelidando-o de irresponsável, culpabilizando-o da morte do verme, figura representativa do novo Job.

Estamos diante de uma acusação lançada a Deus, “responsabilizando-o violentamente pelas falhas da criação, em que Deus aparece como um criador não só bêbedo como ainda *malvado* esmagando a sua criatura sem sequer ver.”³¹⁷ Assim sendo, “o sujeito poético surge como um indivíduo que sofre com o que sente ser a injustiça do desprezo de Deus em relação a si (...)”³¹⁸

De seguida, em “Tantum Ergo”, o poeta começa por fazer referência à falta que Deus faz ao homem, contudo, por ser Poeta, o seu ponto de vista apresenta-se antitético relativamente ao homem comum, enaltecendo o facto de ser Poeta como algo absoluto, havendo uma luta solitária com o Deus de si mesmo, na sua total humanidade.

Meu Deus: aqui, onde não chega o teu amor,
é tudo igual
ao teu gesto de desprezo...

³¹⁵ LOPES, Maria do Carmo Azevedo, Miguel Torga: *Uma Poética de Autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.192.

³¹⁶ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.63.

³¹⁷ LOPES, Maria do Carmo Azevedo, Miguel Torga: *Uma Poética de Autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.141.

³¹⁸ *Ibidem*.

(...) Assim,
dizem que não vale a pena...

Apenas luto eu, por ser Poeta
e ser teu inimigo desde o berço!...³¹⁹

Sendo assim, o poeta sente-se desprezado por Deus, salientando o facto de o seu amor ser inalcançável naquele lugar, junto a ele.

No ponto de vista da Maria do Carmo Azevedo Lopes:

(...) a sua identidade constrói-se na sua humanidade contra o limite que é representado pelo divino. Do seu confronto com Deus encadeiam-se os outros conflitos, já que a morte é um absurdo que tira sentido à vida. Daí a necessidade de lutar, desde logo contra Deus (...) A luta estende-se aos outros, à sociedade, ao mundo que ele não tolera no que tem de desigualdades, injustiças e intrigas.³²⁰

Neste contexto, vai havendo um crescendo na afirmação absoluta do poeta, o qual se encontra, somente, fiel a ele próprio.

Como sabemos, Miguel Torga, durante a sua vasta obra, faz constantemente referências à natureza, quer seja à terra quer ao mar. Neste poema deparamo-nos com um exemplo paradigmático da alusão ao rio e ao mar, que, segundo Maria do Carmo Lopes, “as referências ao rio e ao mar acentuam a falta de sentido da vida”³²¹ que o poeta quer combater com a sua força de vontade e astúcia lírica.

No poema “Ceia”, o sujeito poético descreve um banquete que oferecerá a quem for digno dele e que, como Moisés, apareça cheio de fé para o arrancar do sonho. Este poema é muito rico em metáforas, na medida em que o poeta, oniricamente, equipara-se a Deus e aos seus milagres, querendo personalizar-se neles. Este enredo metafórico revela-nos o prazer do poeta em sentir-se uma entidade absoluta e poderosa:

(...) Arranque do meu sonho a Força inteira,
e eu serei
a bica de água fresca no deserto,
o Mar Vermelho aberto
e a Terra de Canaan, que mostrarei perto...

Serei
o verdadeiro sabor do meu banquete
o gosto do meu sangue e do meu corpo

³¹⁹ *Idem*, p.64.

³²⁰ *Idem*, p.122.

³²¹ *Idem*, p.83.

conhecido...³²²

O sujeito poético equipara-se a Deus no domínio da consagração do sangue e corpo, mostrando-se disponível para se dar, visto que será tudo, menos ser despatriado e flamejado pelas desgraças.

No que concerne ao poema “Fábula do Servo de Deus”, o sujeito lírico tece mais uma caricatura ao *Livro de Job*, ficando quase irreconhecível. Satanás vai falar com Deus e insurge-se contra Ele, argumentando que Job ficara indignado e revoltado e que Deus nada fez com o seu amor:

(...) Abriu a boca e mordeu
o ventre donde saiu (...)

(...) E o teu nome ressoa no seu peito
desfeito
ou desfigurado...

(...) Mas o teu amor não tem
as humanas raízes naturais!...³²³

Job demonstrou-se sempre submisso a Deus e resignado perante todas as fatalidades, segundo o poeta, o outro Job nasceu para sofrer, visto que logo no ventre se notaram sinais de recusa, descrédito, desconsideração, desilusão e desânimo por ter nascido para sofrer na sua humanidade incompreendida pelos demais.

Referem-se as primeiras palavras proferidas por Job, um grito, uma oração arrepiante e indireta a Deus em que Job desejaria que o dia do seu nascimento fosse apagado do seu calendário, ou que ele tivesse perecido logo após o seu nascimento, porém, não fora ouvido na sua humanidade.

Perante todas as maleitas, o servo de Deus claudicou, dado que passou a sofrer uma doença irreversível influenciada por Deus que não pode ser sanada com restituições materiais, pois o servo já perdera o coração, o seu encanto de viver.

No fim do poema, o poeta, imbuído pela revolta de Satanás, critica e condena o facto de Deus ter feito passar Job por tantas maldições e no desfecho o chantagear com todas aquelas oferendas, que, consoante o poeta, *são enganos*.

³²² *Idem*, p.65.

³²³ *Idem*, p.67.

“De profundis”, inicia-se com a afirmação satírica da onisciência de Deus, alegando que não conhece o protesto do seu servo. Pelo advérbio de negação “nem”, fazendo referências a passagens bíblicas desde a traição de Judas, na última ceia, até à cerimónia do lava-pés, vai explicitando em que é que não consiste o seu protesto. Protesto esse que, perante Deus, leva a sua assinatura, sentindo-se enraivecido, revoltado interiormente diante das tristes memórias/reminiscências em contacto com essa divindade, usando a metáfora bíblico pastoril do pastor com a sua ovelha.

(...) Eu, esta ovelha ranhosa
que remói silenciosa
a lembrança dolorosa
do pastor que lhe bateu...³²⁴

Em “Livro de Horas”, “Torga assume o caminho de “bicho da terra” e faz uma escolha de liberdade contra o poder absoluto de Deus”³²⁵ em que essa liberdade “é responsabilizadora, e por isso, o sujeito poético, com altivez e arrogância, só responde perante si próprio.”³²⁶

Miguel Torga começa por se confessar, na primeira pessoa, como sendo um simples pecador, na sua condição humana, direcionando o seu discurso por uma abordagem existencial e antitética, tendo em conta, por um lado, o pecado, por outro, a virtude e a pureza, remetendo para uma simbiose de emoções/sentimentos e de atitudes na vida.

Confessa-se mais uma vez, totalmente ligado à terra e à sua condição humana, exaltando a sua humanidade, aceitando as suas virtudes e defeitos.

Aqui, diante de mim,
eu, pecador, me confesso (...)
posseço
de virtudes teologais (...)
e dos pecados mortais (...)
Me confesso de ser Homem (...)
Me confesso de ser eu.³²⁷

O poema “R-7” apresenta-se como uma apologia ao nascimento do sujeito lírico que se autodenomina R-7.

O poeta, entidade muito vivida e viajada, tem receio de uma possível traição do próprio país, pelo facto de se sentir incompreendido e ignorado.

³²⁴ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.70.

³²⁵ LOPES, Maria do Carmo Azevedo, Miguel Torga: *Uma Poética de Autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.142.

³²⁶ *Ibidem*.

³²⁷ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.72.

Sente indiferença total perante a sua presença no mundo, optando por intervir como um agitador de consciências, de maneira a tentar marcar alguma diferença. Apesar disto tudo, o sujeito poético sente-se preparado para as *Sibérias da vida*, já tendo definido a sua missão de guerreiro, despertador das vontades, falando na *nova Ressurreição*.

(...) Agora, venha o desterro
para as Sibérias da Vida...
já tenho a missão cumprida,
já disse para que vim!³²⁸

³²⁸ *Idem*, p.75.

3.3. O UNIVERSO MÍSTICO E RACIONAL

Torga sempre foi um poeta misterioso e, ao mesmo tempo moderno, na medida em que procurou acompanhar a evolução dos tempos, contextualizando-se no quadro da “dessacralização do pensamento e da sociedade para a construção do espírito laico moderno.”³²⁹ Este último excerto transcrito torna-se pertinente no que toca ao reforço da razão, incrementado no *modus vivendi* do autor.

Apesar disso, Torga, inconscientemente, nunca se conseguiu desligar de um determinado misticismo que o envolvia num mundo recheado de convulsões, procurando, através dos versos, desafiar o seu próprio destino de ser humano na relação com Deus. Esse desafio advém da intervenção da razão, a qual se coloca sempre perante o anseio do espírito, procurando contradizê-lo na ambígua relação entre a Humanidade e Deus:

(...) este homem de expressão voluntariosa e forte, vive crucificado numa contradição (...) Miguel Torga joga no tabuleiro de Deus e do Homem, um homem que ele não concebe a maioria das vezes senão como o opositor de Deus³³⁰

A sua personalidade foi, todavia, marcada “pela perda de uma esperança absoluta”³³¹ a partir do momento em que foi atingida a maturidade cognitiva, perda que atingira a crença em Deus inculcada pela sua tradição familiar. Foi, contudo, o exagero do dogmatismo da religião católica que gerou na sua mente de poeta o ceticismo da fé religiosa. Isso transparece de um modo irónico e mordaz na obra *O Outro Livro de Job*, em que o poeta se demonstra insatisfeito e desiludido com o estranhamento e distância espacial e humana das “coisas” religiosas, como transparece no poema “Naufrágio” ao referir-se à Virgem:

Era a Virgem!
A Virgem que te peço desde o dia
que te encontrei!...
Mas tu és tão estranha e metafísica,
que vejo que me enganei...³³²

³²⁹ GRANGER, G.G., “Ateu”, in Enciclopédia Einaudi, *Mithos/Logos: Sagrado/Profano*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1987, Vol. XII, p.352.

³³⁰ LOURENÇO, Eduardo, *O Desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações*, Coimbra Editora, 1955, p.35.

³³¹ *Idem*, p.45.

³³² TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.37.

Portanto, a intervenção da razão fez com que o poeta passasse a desconfiar cada vez mais do seu misticismo de fé “infantil”, procurando justificações nos seus livros poéticos e na simbiose com a natureza. Como refere Miguel de Unamuno, “Tácito chamou à religião cristã, à da imortalidade da alma, superstição perniciosa, afirmando que envolvia um ódio à espécie humana, *odium generis humano*”³³³. Embora não o diga diretamente, Torga, como venerador da humanidade, também partilhava dessa ideia de que a religião, cega por dogmatismos, era algo de maléfico para a mente humana, na medida em que a fazia sua escrava. Daí a desconstrução dos poemas do autor em estudo em relação ao *Livro de Job* bíblico, adulterando-o e revigorando-o com outra semântica ideológica.

No poema “O Lázaro”, o sujeito lírico, impregnado numa revolta interior contra a fé religiosa e bíblica, desconstrói a passagem bíblica do pobre Lázaro das chagas, que os cães iam lambe-lo, afirmando-se ele próprio o verdadeiro Lázaro. A partir do momento em que se apresenta como sendo o Lázaro, transmite-nos não aquele digno pobre e humilde que crê em Deus, mas um Lázaro revolucionário perante esse Deus. Estamos perante um Lázaro prepotente, perdido, não crendo em Deus, não se considerando feliz nem no céu nem no inferno. Neste contexto, o sujeito lírico destaca este Lázaro como tendo uma personalidade forte de tudo ou nada, porém, ao contrário do bíblico, sempre viveu sem Anjo da Guarda, considerando-se fora da sua área de jurisdição, ao referir que a sua paz e a sua guerra eram outras:

O Lázaro sou eu, não foi o Outro (...)
Sou eu, que não sou feliz no Céu nem no Inferno (...)
e a minha Paz é outra, e a minha Guerra é outra..³³⁴

Apesar da pertinência da razão na poesia torguiana, consegue-se perceber que o poeta se sentia bastante diminuído, somente vivendo baseado nessa razão. No seu contacto com o mundo, chegou a referir em nota de *Diário* que o mundo sem irracionalidade não tinha valor:

Muitos dos feitos gloriosos da humanidade devem-se às forças irracionais que nos habitam. Povoado de seus razoáveis, lúcidos, esquecidos instintos, o Universo ficaria reduzido a um monótono paraíso de personalidades esquemáticas (...)³³⁵

Estas considerações do sujeito lírico sobre os limites e fragilidades da razão levam a que se pense num equilíbrio entre a razão e o misticismo poético ³³⁶. Isto porque, como refere

³³³ UNAMUNO, Miguel de, *Do Sentimento Trágico da Vida*, Quarteto, 2001, p.75.

³³⁴ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol. I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.49.

³³⁵ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vols. XIII e XIV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.140.

Unamuno, “os puros racionalistas nunca saberão de ética, nem chegarão a definir a felicidade, que é uma coisa que se vive e se sente, e não uma coisa sobre a qual se discorre e se define”³³⁷. Ou seja, há que viver tendo como pilares fundamentais a razão, para nos ajudar a pensar e a refletir de um modo meramente calculista e unipessoal, e o universo místico em que todo e qualquer homem, mesmo que não seja crente, tem algo superior com que desabafar e partilhar as suas ideias e emoções. No caso de Torga, o autor deixa antever a busca de um estado especial de humanidade, tendo como base a liberdade de ação e de pensamento do homem.

Em termos bíblicos, “a história da natureza começou pelo Bem, pois ela é obra de Deus. Pelo contrário, a história da liberdade começou pelo Mal, pois ela é obra do homem.”³³⁸ Depois do ato divino criador do céu e da terra, Deus criou o homem, na figura de Adão, o qual, inicialmente, era submisso à voz de Deus. Nesta altura da criação vigorava o Bem Divino, por ter sido tudo obra de Deus. Não obstante, a partir do momento em que a razão humana começou a despertar e a querer intervir, inclusive na decisão de livre escolha de apanhar um fruto proibido, revelou-se o estado de humanidade que teria acabado com o estado de inocência, de primitivismo e de simplicidade inicial.

Esse uso que Adão fez da razão revela-se nos dias de hoje e, como não podia deixar de ser, na personalidade torguiana. Torga queixa-se várias vezes da angústia e inquietação sentidas pelo facto de ter perdido a inocência e de, pelo contrário, viver constantemente inebriado num estado tal que o levou a um desespero, baseado numa permanente dicotomia entre o poeta Miguel Torga, com o uso da liberdade e da razão como um ganho para a humanidade, e o Deus eterno e intemporal, sentindo-se sempre nostálgico em relação à sua infância:

E uma saudade funda, pura, dos meus tempos de menino, atravessou-me o coração. Desci os degraus e entrei na Igreja (...)³³⁹

Torga foi-se sentindo cada vez mais desligado da religião, o que não quer dizer que não manifestasse desejos de transcendência. Ia vivendo num total desespero procurando um “destino extra biológico”, transcendente, onde a sua vida continuasse a proliferar na eternidade:

³³⁶ Por misticismo poético, entende-se aqui a ideia de o sujeito poético ser inseparável de um Eu maior, neste caso gerado na/pela própria palavra poética.

³³⁷ UNAMUNO, Miguel de, *Do Sentimento Trágico da Vida*, Quarteto, 2001, p.79.

³³⁸ DELUMEAU, Jean, *Uma História do Paraíso, O Jardim das Delícias*, Terramar, 1992, p.275.

³³⁹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols. I e II*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.67.

O que eu dava para me levantar cedo esta manhã, ir à missa, e voltar da igreja com a cara que trazia o meu vizinho! (...) Queria era sentir-me ligado a um destino extrabiológico, a uma vida que não acabasse com a última pancada do coração.³⁴⁰

³⁴⁰ *Idem*, p.26.

3.3.1. A BIPOLARIZAÇÃO ENTRE DEUS E O POETA: O ASPETO TEOLÓGICO E O ASPETO CÓSMICO.

Torga, na sua intertextualidade com a Bíblia, como comparece n' *O Outro Livro de Job*, apropria-se dos mais diversos temas e motivos com a principal preocupação de afirmar a sua condição de Homem. Ele sente-se injustamente atingido por um Deus, contra o qual ergue o seu canto de insubmissão. Neste âmbito, Clara Crabbé Rocha assegura que o escritor, ao transpor as mitologias para a sua obra, o faz sempre através de uma “distorção do mito.”³⁴¹ N' *O Outro Livro de Job*, o poeta como que distorce ou recria o mito de Job, transformando-o no livro de Torga. Como nos deu a conhecer Aristóteles na sua *Poética*, defendendo que o cerne de uma obra de arte está no seu carácter verosímil, ou seja, está em narrar aquilo que pode acontecer, podemos afirmar que esta máxima se adapta, convenientemente, à abordagem do autor como artista. De facto, ele ultrapassa a própria história da Bíblia, dando um toque pessoal de espírito de revolta, de insubmissão e, sobretudo, de liberdade.

Segundo refere José Maria Moreira, Miguel Torga é um agnóstico, mas um agnóstico cristão e não um ateu, porque, de certo modo, a sua formação fora católica. Fernão Magalhães Gonçalves diz-nos que “a iniciação à religião foi-lhe administrada pela mãe, que lhe lia o resumo ilustrado da Bíblia, e pelo avô paterno na companhia do qual memorizou uma doutrina poética, feita de preces límpidas, ingénuas e rimadas.”³⁴² Porém, esta imagem de um Deus de amor, cheio de bondade foi substituída na fase adulta do poeta pela imagem de “um Deus justiceiro, furioso regrador do mundo.”³⁴³ De facto, foi esta a última imagem que vingou na consciência do poeta, mostrando-se com repulsa e transgressão à canónica “ideologia Divina” da bíblia.

No poema “Moisés”, do *Diário I*, estamos diante de uma demonstração do grito arrogante de um agnóstico confesso e decidido, chegando a colocar as coisas nestes termos: “*Ou Deus ou Nós*”³⁴⁴. Miguel Torga, na sua infância e adolescência, assimilou os valores do catolicismo como quase uma obrigação cultural, dado que vivia numa aldeia transmontana onde as tradições religiosas se mantiveram intactas, fazendo parte do cerne da cultura do povo. À medida que foi ganhando maturidade, apercebeu-se de que muitas coisas que aprendera não estavam de acordo com a sua personalidade artística. Perante isto e não concordando com muitas

³⁴¹ ROCHA, Clara Crabbé, *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*, Livraria Almedina, Coimbra, 1977, p.153.

³⁴² GONÇALVES, Fernão de Magalhães, *Ser e Ler Miguel Torga*, Vega e Fernão de Magalhães Gonçalves, Lisboa, p.38.

³⁴³ *Idem*, p.39.

³⁴⁴ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol. I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.45.

passagens da Bíblia, resolve, de um modo irreverente e revolucionário, fornecer a sua interpretação pessoal dessas passagens.

Na Hermenêutica Cristã os textos bíblicos tinham quatro possíveis interpretações: a interpretação baseada no sentido literal do texto, com as afirmações dogmáticas de fé e tradição eclesiástica, circunscrevendo a significação primeira das palavras; no sentido alegórico ou tipológico, caracterizando-se pelas correspondências entre os dois testamentos, considerando que as personagens e eventos do Antigo Testamento eram prefigurações do Novo Testamento, como revelações progressivas de Deus; no sentido tropológico ou moral, impondo-se a partir do momento em que a Bíblia é escolhida como livro de vida, orientado para a conversão do coração; por último, no sentido analógico ou místico, remetendo para a transcendência, para o além, inscrevendo a alma no horizonte da salvação.³⁴⁵ Destas quatro interpretações, a que se coaduna com o artista Miguel Torga parece ser, sobretudo, a interpretação fundamentada no sentido tropológico ou moral, na medida em que ele procura, por intermédio desses textos, proclamar a “moralidade” da sua natureza absoluta e consequentemente justificar as suas afirmações contra Deus.

Esta quezília com Deus estende-se, como não podia deixar de ser, à própria Igreja, referindo o artista Miguel Torga que ela está estagnada, não acompanhando a sociedade no seu desenvolvimento:

(...) acabei de ver claro o jogo da Igreja. Sem coragem para despojar-se de uma maneira total dos ornamentos da sua liturgia – nos quais deixou de acreditar - vai-os mantendo sem convicção, esperando que eles se desgastem discretamente em atenção aos fiéis mais ortodoxos. Também no mundo sagrado há rotina e cansaço. Também nele, por imperativos humanos, o divino tem que mudar de aparência, apesar da nova imagem o profanar e desfigurar.³⁴⁶

Torga, como um criador no limite do desespero humano, traça o perfil de Deus, acusando-O de ter criado o homem apenas para recreio do seu poder.³⁴⁷ Neste sentido, o poeta define o homem como um absoluto frente ao absoluto de Deus, desconstruindo a canónica ideologia cristã.

Como forma de conclusão, transcreverei excertos do poema “De Profundis”, da coletânea *d'O Outro Livro de Job*, os quais vão ao encontro da ideia do autor em “enfrentar Deus como a

³⁴⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli, *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, Petrópolis: Vozes, 1996, p.14.

³⁴⁶ MOREIRO, José Maria, *Eu, Miguel Torga*, Difel, Lisboa, 2001, p.118.

³⁴⁷ GONÇALVES, Fernão de Magalhães, *Ser e Ler Miguel Torga*, Vega e Fernão de Magalhães Gonçalves, Lisboa, p.54.

um inimigo, rebentar-lhe os ouvidos, reduzi-lo a um tamanho que não invada mais o necessário espaço do nosso arbítrio”³⁴⁸:

Senhor, que sabes quem sou,
sabe lá também o resto:
Sabe lá que o meu protesto
não é isto que tu vês...

Não é isto...
Nem a facada no teu filho Cristo...
Nem o pranto que tens visto
correr em lava a teus pés...

(...) Não é isto, nem é nada
que chegue à tua morada
sem a minha assinatura,
que sou eu...
Eu, esta ovelha ranhosa
que remói silenciosa
a lembrança dolorosa
do pastor que lhe bateu...³⁴⁹

Este desencontro com Deus, por parte do poeta, firma-se, sobretudo, na discursividade desconstrutiva e metamórfica das suas palavras, que estão carregadas de grandes doses de figuras de estilo, nomeadamente metáforas, ironias, antíteses e alegorias. São figuras que ajudam, em muito, o poeta a transmitir as suas ideologias, em relação aos temas tratados na sua poesia, que passam, principalmente, pelos aspetos teológico e cósmico.

Na sua abrangente obra, tudo é posto em causa: Deus, o homem e até a natureza. No que concerne a Deus, pode enfatizar-se o facto de o poeta se ter insurgido contra qualquer relação humano-divina, própria de uma religião institucionalizada. Neste prisma, eleva a condição da natureza humana, tentando anular toda essa irredutibilidade divina:

Antes de negar a acção do poder social sobre a sua consciência, o homem torguiano negou o poder divino sobre a sua natureza (...)³⁵⁰

A natureza, ou seja, o aspeto cósmico desempenha, em toda a sua obra, um papel, igualmente, muito importante, de maneira que o poeta o valoriza como sendo algo soberano e puro, acima de qualquer outra coisa, como se constata no seguinte exemplo:

³⁴⁸ *Ibidem*.

³⁴⁹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol. I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, pp.69-70.

³⁵⁰ GONÇALVES, Fernão de Magalhães, *Ser e Ler Miguel Torga*, Vega e Fernão de Magalhães Gonçalves, Lisboa, p.31.

A paisagem planáltica, de restolhos e carvalheiras, doirada pelo sol da tarde, abre-se majestosa em todas as direcções, soberanamente alheada do descalabro e profanação das povoações que a pontuam (...) Ela permanece. Sempre harmoniosa e sempre disponível para assimilar ou rejeitar as obras humanas que a mereçam e honrem ou não.³⁵¹

Portanto, o poeta sublima a natureza de tal forma que consegue ver nela um exemplo a seguir, no que toca à natureza humana. É no contacto com a natureza que o homem se realiza porque, segundo Torga, é ela que decide se nós merecemos ou não ser honrados.

Perante estas aceções poéticas, estamos diante de um autor que tem uma forte simbiose com a natureza, identificando-se com ela e considerando-a o seu protótipo de vida absoluta e eterna: “ (...) só há um acto que o homem pode repetir eternamente e com originalidade: olhar a Natureza.”³⁵²

Assim sendo, estamos perante uma visão poética que desconstrói certos parâmetros já instituídos. Retira poder à religião para o fornecer à natureza humana, em permanente simbiose com o universo telúrico das suas origens. Com tudo isto, dá-se a ascensão da pura liberdade em detrimento dos ensinamentos conservadores da religião, que, segundo o poeta, não têm acompanhado os tempos.

³⁵¹TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário, Vols. XV e XVI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.108.

³⁵²MOREIRO, José Maria, *Eu, Miguel Torga*, Difel, Lisboa, 2001, p.122.

3.3.2 A QUESTÃO CARICATURAL E IDENTITÁRIA N' *O OUTRO LIVRO DE JOB*

Tendo em conta a vertente semântica do termo “caricatura”, ele designa comumente uma representação burlesca/grotesca de pessoas ou acontecimentos com o objetivo de os ridicularizar. Em termos históricos e em Portugal, nos finais do século XIX, a caricatura impôs-se plasticamente com Rafael Bordalo Pinheiro, José Pacheco, Amadeo de Souza-Cardoso, Almada-Negreiros, Jorge Barradas, Carlos Botelho, Júlio Reis Pereira, entre outros. Em termos de finalidade, a caricatura desempenhava um papel de oposição política institucionalizada, com grande autonomia de linguagem plástica e uma ironia mais sarcástica, satirizando as atitudes políticas, sociais, económicas, nacionais e estrangeiras.

Segundo Eduardo Salavisa, o ato de “desenhar é um poderoso instrumento de sociabilidade e comunicação que, ao invés de ser invasivo”³⁵³, causa sentimentos e reações díspares nos consumidores visuais. Quando está em causa a arte caricatural, as emoções despertadas são antagónicas, na medida em que é revelado mais do que aquilo que foi desenhado, não se tratando da mera reprodução de uma realidade, mas sim de uma ideia, uma visão transmitida através da ironia e da sátira, quer seja de um modo implícito ou explícito, evidenciando-se valores e sentimentos que permeiam uma sociedade. Este tipo de imagem é uma forma clara de substituição das próprias palavras, dado que se basta a si própria, pois, sem mais nada, ela provoca e desperta.

O multifacetado Almada-Negreiros, a quem já nos referimos, foi um dos artistas portugueses modernos que usou a atividade da caricatura, chegando mesmo a fazer uma autocaricatura, em 1913, a realçar os seus traços físicos mais característicos, como um autêntico pintor-poeta, sendo muitos os seus trabalhos a aliar o desenho e palavra.³⁵⁴

Miguel Torga usou também poeticamente a caricatura. Poeta, romancista e diarista assaz reflexivo em relação à vida, a sua consciência natural de ser absoluto leva-o a acreditar no homem como ser com resposta para tudo, ser íntegro na sua vivência:

O individualismo (...), o homem confrontado com o absurdo, o destino, a morte, a angústia, o desespero e o cepticismo é, na sua indiluível solidão, a fonte de toda a norma e de todos os valores.³⁵⁵

³⁵³“Diários Gráficos: Cadernos contra o esquecimento”, in Notícias Magazine, 18 de Janeiro de 2009, p.48.

³⁵⁴ RIBEIRO, Eunice, *Ver. Escrever: José Régio, o texto iluminado*, Centro de Estudos Humanísticos, coleção Poliedro, Universidade do Minho, Braga, 2000, p.132.

³⁵⁵GONÇALVES, Fernão de Magalhães, *Ser e Ler Miguel Torga*, Vega e Fernão de Magalhães Gonçalves, Lisboa, pp.124,-125.

Estamos, portanto, diante de um existencialista nítido que sempre se mostrou com o espírito inconformado, chegando a confrontar a onipotência divina de modo a encontrar respostas para as questões que lhe roíam a mente. Sobretudo, questões relacionadas com a relação do ser humano com Deus, enaltecendo sempre o poder humano. Aquele enunciado disjuntivo, já transcrito em cima, retirado do poema “Moisés”, “Ou Deus ou Nós, que somos naturais”, é um flagrante exemplo do seu espírito existencialista. N’*O Outro Livro de Job*, essa posição radical do poeta acentua-se numa alusiva ridicularização da imagem de Deus, caricaturando-O pela sátira e mordacidade, como sendo uma figura infame e irresponsável:

Mas Deus, que guiava a roda,
vinha bêbado e malvado.³⁵⁶

Para além da caricatura de Deus, deparámo-nos com uma abordagem burlesca de algumas figuras proeminentes na Bíblia Sagrada:

Tinhas o homem castrado
que a tua doutrina tem...
O macho desnaturado
com a mulher a seu lado
à espera do arranco desejado
que não vem...³⁵⁷ (Adão e Eva)

O Lázaro sou eu, aqui sentado
(...) a mastigar com nojo estes faisões!...³⁵⁸ (Lázaro)

Lá vi o teu servo Job, que apodrecia
(...) O homem deu pele por pele,
E foi Ele
como eu tinha prometido!...³⁵⁹ (Job)

O autor, nesta sua aventura existencialista, foi influenciado por alguns filósofos e teóricos, desde Nietzsche a Sartre. Nietzsche, considerando-se um artista, um poeta e um profeta da vida, teceu duras críticas à história da cultura europeia, considerando-a uma história de decadência. Neste contexto, o filósofo faz uma crítica total à cultura ocidental desde a ciência até à própria religião, chegando a decretar a morte de Deus e, em contrapartida, estabelecer o homem como um super-homem. Pois, segundo o autor alemão, Deus esgota o homem e, perante este cenário,

³⁵⁶ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.63.

³⁵⁷ *Idem*, p.44.

³⁵⁸ *Idem*, p.49.

³⁵⁹ *Idem*, p.67.

o melhor é a morte de Deus e a elevação da imanência humana.³⁶⁰ Como Nietzsche, Miguel Torga apela desesperadamente a essa imanência humana, sentindo a tentação de recriar o mundo, numa constante labuta com Deus. A náusea, o risco, a ânsia de liberdade, toda a temática existencialista lhe é familiar. De Sartre, Torga interiorizou a máxima de que o homem se realiza agindo perante a mesquinhez do Deus absurdo:

(...) não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber. O homem é não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele se faz.³⁶¹

Outros autores exerceram influência na sua caminhada existencialista e identitária.³⁶² Gabriel Marcel, acentuando a sua vivência nos problemas filosóficos e dando relevo à liberdade:

(...) quem não viveu um problema filosófico, quem não foi oprimido pelo mesmo, não pode, de modo algum, compreender o que este problema significou para os que o viveram de antemão: a este respeito as posições se invertem, e a história da filosofia pressupõe a filosofia e não o inverso. De minha parte inclinar-me-ia a negar a qualidade propriamente filosófica a toda obra em que não se possa discernir o que chamarei a mordida do real. A filosofia concreta nasce não somente de uma tensão criadora, continuamente renovada, entre o eu e as profundezas do ser, da mais estrita e rigorosa reflexão, fundada na experiência vivida até o limite de sua intensidade.³⁶³

Jaspers via limites em todo o lado mas, apesar disso, não negava que o futuro passava pela identidade humana, sendo sua intenção abrir os olhos do humano em relação às suas percepções:

(...) não quero de modo algum despertar com essa exposição à ideia de que a psicologia deva transformar-se num falar sobre concepções do mundo; esta intenção é somente medir a um limite, uma parte, e de jeito nenhum a totalidade da psicologia, e precisamente uma parte da psicologia compreensiva.³⁶⁴

Unamuno intervém na consciência torguiana por intermédio do sentimento trágico da vida, sentimento esse que se coaduna com as lamentações eternas do tempo de Job e do Eclesiastes

³⁶⁰ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*, Edição Res, Porto, 1975, p.53.

³⁶¹ ABRUNHOSA, Maria Antónia, Miguel Leitão, *Um Outro Olhar sobre o Mundo – O Universo do Conhecimento*, Edições Asa, Lisboa, 1996, p.287.

³⁶² Trata-se também de definir uma identidade nacional, como a entende Maria de Fátima Marinho: “A identidade nacional constitui-se, então, como um fenómeno compósito, ou seja, uma realidade multifacetada em que avultam como elementos fundamentais o território, o Estado, a Constituição, a língua, a etnia, a história, os mitos, a religião e a arte.” Cf. MARINHO, Maria de Fátima (org.), *Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 22 e 23 de Novembro de 2007, FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia), Martin Meidenbauer, 2008, p.18.

³⁶³ GIORDANI, Mário Curtis, *Iniciação ao Existencialismo*, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1976, p.118.

³⁶⁴ JASPERS, Karl, *Psicologia de las concepciones del mundo*. Trad. Mariano Marín Casero, Madrid, Editorial Greda, 1967, p.26.

que se perpetuaram ao longo dos tempos, contribuindo para um *memento mori*.³⁶⁵ Esta consciência angustiante está patente na tristeza de Torga ao ver Portugal deteriorado pelas falsas ideologias canónicas. Daí o poeta ansiar exorcizar essa tristeza, recorrendo incisivamente à temática da liberdade, como indica o seguinte excerto, de um poema do *Diário XI*:

Até que um dia, corajosamente,
Olhei noutro sentido, e pude, deslumbrado,
Saborear, enfim,
O pão da minha fome.
- Liberdade, que estais em mim,
Santificado seja o vosso nome.³⁶⁶

Essa libertação, contudo, só é conseguida no contacto com a natureza, a qual se reflete no poeta, ajudando-o na sua caminhada humana. Assim sendo, pode afirmar-se a importância da natureza no equilíbrio existencial do poeta, na sua caminhada para um individualismo cada vez mais absoluto:

Estas paisagens já estão de tal modo explicitadas dentro de mim, que parecem escritas no meu entendimento. Quando cuido que estou a interpretá-las, estou a ler-me.³⁶⁷

Na sociedade moderna, somos confrontados com o avanço das tecnologias, eliminando-se o gosto pelas relações humanas, dando-se prioridade à individualidade em detrimento da partilha social, contribuindo tal mentalidade para que cada sujeito busque regras particulares para a sua própria sobrevivência, com isso ocasionando-se uma crise de identidade, na qual o sujeito já não entende mais o seu papel na sociedade.³⁶⁸ Esta realidade constatou-se em Miguel Torga aquando da sua retirada da revista *Presença*, visto que não compactuava com o individualismo que se estava a praticar, conforme já foi referido acima, mas sim com um desenvolvimento de uma identidade e consciência aliadas à responsabilidade de se cumprir fazendo o que pode.³⁶⁹

A busca de identidade sempre foi uma preocupação do autor ao longo da sua obra, demonstrando-se bastante perplexo e dúbio em relação àquilo que era o seu papel no mundo:

³⁶⁵ UNAMUNO, Miguel de, *Do Sentimento Trágico da Vida*, Quarteto Editora, Coimbra, 2001, p.100.

³⁶⁶ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol IV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.57.

³⁶⁷ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.IX e X*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, p.151.

³⁶⁸ GRUSZYNSKI, Ana Cláudia, *Design gráfico: do invisível ao ilegível*, Rio de Janeiro, 2AB, 2000, p.67.

³⁶⁹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vol VIII*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.172: “ (...) quem faz o que pode, faz o que deve.”

Precisava de uma frase, de uma palavra, de uma interjeição que fossem como que um abre-te-Sésamo. Que, num relâmpago, me deixassem ver claramente a razão causal da minha condição. Que me dissessem, de uma vez para sempre, o que sou, como sou e porque sou.³⁷⁰

Em Torga, identidade é autoafirmação patenteada no “respeito por si mesmo e extrema coerência consigo próprio (...) é a única afirmação válida do homem, mas é afirmação de um determinado modelo assumido.”³⁷¹ N’ *O Outro Livro de Job*, ressalta esta temática da identidade no sentido de valorizar a autoafirmação do:

(...) Homem de carne e osso
que tu não mudas e eu não mudo! (...)
E sou tudo,
menos traidor à minha condição...³⁷²

Esta autocaracterização coaduna-se com:

um processo, não um estado, e será desenvolvida pelo esforço permanente e intransigente de coerência com esse homem absoluto que obrigará à rectidão da acção, à inconformidade com a cobardia e à não abdicação perante os obstáculos à decisão pessoal.³⁷³

Os seus versos poéticos, que vão ao encontro de uma liberdade criadora, com os quais o sujeito lírico se identifica, têm como juiz preponderante o leitor, visto que “sente que deve corresponder-lhe à fidelidade e é com ele que se preocupa e a quem se dirige quando prefacia as suas obras.”³⁷⁴ De ressaltar, neste prisma, a questão do outro/outros, dado que o poeta se encontra constantemente em confronto com entidades díspares.³⁷⁵ Vejamos então as alusões à alteridade através da palavra-chave *Outro(a)*, n’ *O Outro Livro de Job*.

No poema “Naufrágio”, o pronome indefinido, no género feminino *Outra* remete para uma outra amada que se tinha como hipócrita e dissimulada:

A Outra, nem sei porquê,
encheu-me de prazer sem lho pedir...
Ah! mas a Outra, mal a desejei,

³⁷⁰ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vol XV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.44.

³⁷¹ MAIA, Carlos Fernandes, *A Dimensão Ética e Educativa na obra de Miguel Torga – um poeta do dever*, Edição Gráfica de Coimbra, Lda G.C., 1999, p.238.

³⁷² TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.40.

³⁷³ MAIA, Carlos Fernandes, *A Dimensão Ética e Educativa na obra de Miguel Torga – um poeta do dever*, Edição Gráfica de Coimbra, Lda G.C., 1999, p.241.

³⁷⁴ LOPES, Maria do Carmo Azevedo, *Miguel Torga: Uma Poética de Autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.59.

³⁷⁵ “Reflexões sobre o ser português são uma constante na obra torguiana, sejam convocadas por pequenos episódios do quotidiano, sejam a propósito do confronto com o Outro.” Cf. MARINHO, Maria de Fátima (org), *Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 22 e 23 de Novembro de 2007, FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia), Martin Meidenbauer, 2008, p.25.

fez que me desejou,
fez que me fez feliz (...) ³⁷⁶

Na “Terceira Lamentação”, o sujeito lírico refere o *outro* quando quer nomear/exemplificar alguém diferente da sua identidade:

Tinhas outro, menos eu,
que não posso andar no céu (...)
Tinhas outro, que não era
nem a mais humilde fera,
nem a mais falsa quimera
dum meu irmão... ³⁷⁷

No poema “Mensagem”, torna à *Outra* de sempre, aquela amada devassa, identificando-se nesse preciso momento com ela, dado que não consegue, como ela, dizer o que sente e fazer o que quer:

É como a Outra de sempre,
- aquela sem vocação (...) ³⁷⁸

No poema “Lázaro”, o poeta, com o intuito de se demarcar do Lázaro bíblico, refere-se a ele como o *Outro*, o estranho:

O Lázaro sou eu, não foi o Outro (...) ³⁷⁹

Em “Ressaca do Mar Morto”, os outros são as perdas e as fraquezas do sujeito poético (sonhos atraíçoados, pacto rasgado, facada brandida e ironia cusvida):

(...) Outro sonho atraíçoado!...
Outro pacto rasgado (...)
Outra facada brandida
e outra ironia cusvida
sobre a dor!... ³⁸⁰

Numa “Canção duma Outra vida” deparámo-nos com o pronome indefinido no próprio título do poema, referindo-se ao além, um local de santidade, longe da terra, não se reconhecendo o poeta nesse *Outro* de grandeza de santo:

³⁷⁶ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.37.

³⁷⁷ *Idem*, p.45.

³⁷⁸ *Idem*, p.47.

³⁷⁹ *Idem*, p.49.

³⁸⁰ *Idem*, p.57.

Outro,
nem eu me sei conhecer
nessa grandeza de Santo
onde mora o meu encanto
de viver..."³⁸¹

Estes exemplos de alteridade indefinida, através do *outro*, na obra *O Outro Livro de Job*, revelam um Torga que perde a fé e se revolta contra o poder absoluto e limitador de Deus, como se se tratasse de um anjo caído, Adão expulso do paraíso anterior ao nascimento.³⁸² Assim sendo e recorrendo a um espírito lutador, vai insistindo na sua dimensão humana de maneira a amadurecer cada vez mais a religiosidade do Homem que ele absolutiza,³⁸³ servindo-se de diferentes alusões caricaturais a "figuras da mitologia bíblica, quer do Antigo Testamento quer do Novo Testamento, embora quase sempre subvertendo-lhes a mensagem e as atitudes, numa posição de transgressão para afirmar a liberdade humana em confronto com o Criador".³⁸⁴

Portanto, em termos de identidade, a vida do sujeito lírico, "apesar de mergulhada em angústia e desespero, acaba por conduzir à esperança na medida em que é sempre uma procura de liberdade e ele nunca desiste do sonho"³⁸⁵. Neste sentido, Torga tem como grande finalidade conhecer-se a si e à realidade, tendo em conta uma participação social e pessoal, baseando-se num compromisso intuitivo e volitivo,³⁸⁶ isto tudo apesar das suas crises de identidade, principalmente na parte final da vida, quando se sente marginalizado, e não respeitado no seu sofrimento íntimo da doença:

(...) Neste mundo desapiedado e devassado não há mais lugar para o sofrimento íntimo, recolhido, que os bichos ainda podem sentir na toca. Agora, já ninguém é dono de si e do seu pudor. Somos públicos e baldios. À hora menos pensada, por artes do primeiro bisbilhoteiro profissional que nos saia ao caminho, perdemos toda a densidade humana e ficamos espectrais e sem duração na leviana fugacidade de uma notícia.³⁸⁷

³⁸¹ *Idem*, p.60.

³⁸² LOPES, Maria do Carmo Azevedo, Miguel Torga: *Uma Poética de Autenticidade*, Universidade Fernando Pessoa, 2005, p.161.

³⁸³ *Idem*, p.156.

³⁸⁴ *Idem*, p.133.

³⁸⁵ *Idem*, p.130.

³⁸⁶ MAIA, Carlos Fernandes, *A Dimensão Ética e Educativa na obra de Miguel Torga – um poeta do dever*, Edição Gráfica de Coimbra, Lda G.C., 1999, p.242.

³⁸⁷ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols XV e XVI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.124.

CONCLUSÃO

Pode dizer-se que Miguel Torga foi uma figura que se afirmou na nossa literatura de uma forma invulgar, apresentando as suas fortes convicções sem qualquer intenção de vedetismo, dado que se refugiava constantemente dos *media* e recusava todas as relações de compromisso com ideologias ou causas institucionalizadas. O que me surpreendeu na sua maneira de escrever foi, sobretudo, o seu modo cru e nu de abordar os assuntos, os quais rodam, maioritariamente, à volta da disparidade entre a natureza humana e a natureza divina.

Ao analisar algumas partes da sua extensa obra, deparei-me com a predisposição do autor para a transgressão, ou seja, para confrontar o proibido, como o demonstra o seguinte excerto:

«Deixem passar...»
Havia sentinelas a guardar
A fronteira do sonho proibido.
Mas ergui, atrevido,
A voz de sonhador,
E passei
Como um rei...³⁸⁸

Torga ultrapassou a *fronteira do sonho proibido*, assim como o Adão comeu o fruto proibido, a “famosa” maçã que, nos trâmites da Igreja Católica, o levou a desobedecer a Deus. Desobediência essa que foi punida com o pecado e a morte no mundo. Esta submissão para com um Deus que tudo domina é o ponto com que o poeta mais discorda, apelando, ao invés, a uma relação insubmissa, em que o homem tem autonomia e domínio sobre si próprio, caminhando em direção à liberdade total. Neste prisma, reconhecendo-se o homem na sua identidade e na sua independência, “tem de assumir a responsabilidade de tudo. O homem não pode esperar mais pontos de apoio situados fora da sua própria pessoa. A sua existência não depende de ninguém. Resta-lhe o imperativo da liberdade para a construir.”³⁸⁹

No seu tempo, Torga, juntamente com os seus contemporâneos, viveu uma enorme crise de identidade, baseada numa consciencialização global de que cada ser humano vivia no meio de um turbilhão de anseios, crises, dúvidas, sem haver uma resposta concreta e assertiva no sentido de resolver esses problemas. Nesta fase, a geração da Presença procurou fazer a diferença, juntando-se em prol de uma reabilitação artística face à anterior geração do Orpheu,

³⁸⁸ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol IV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.36.

³⁸⁹ GONÇALVES, Fernão de Magalhães, *Ser e Ler Miguel Torga*, Vega e Fernão de Magalhães Gonçalves, Lisboa, p.56.

consagrando a modernidade literária, o grau de exigência e o rigor no exercício da crítica literária, abrindo, igualmente, as portas ao conhecimento de importantes autores estrangeiros. Esta foi uma geração que, num contexto de uma crise existencial profunda, procurou revitalizar culturalmente a nação com uma atitude literária e artística séria, procurando justificar-se e argumentar teórica, crítica e literariamente contra dogmatismos estéticos, ideológicos ou religiosos. Em pleno século XX, estes pensadores da Presença, onde se incluiu Torga, começaram, através do seu discurso crítico-literário, a colocar em causa doutrinas que até à data tinham sido inquestionáveis, também no que concerne às questões e ao poder da religião. Nos dias de hoje, a discussão religiosa prossegue, abordando-se o fenómeno religioso com acentuado ceticismo, devido às inconsistências vigentes, na maioria das crenças religiosas, pelo défice de uma discursividade bem delineada e fundamentada:

E isto é consensual. Qualquer pessoa percebe que, pelas suas inconsistências, a maioria das crenças religiosas se exclui mutuamente. E do crente mais convicto ao ateu mais contestatário – e ao agnóstico mais indeciso – todos rejeitam a vasta maioria destas crenças por não ter fundamento.³⁹⁰

No entanto, apesar da ênfase que concedeu ao pensamento racional, Torga deparou-se com a inevitável falibilidade e finitude do ser humano, levando-o a um desespero próprio de quem queria “endeusar” a razão humana acima de qualquer outra coisa, num misto de descoberta e lamento, com refúgio na poesia, onde desafogava as suas mágoas vivenciais:

Ai, a vida!
Quanto mais me magoa, mais a canto.
Mais exalto este espanto
De viver.
Este absurdo humano,
Quotidiano,
Dum poeta cansado
De sofrer,
E a fazer versos como um namorado,
Sem namorada que lhos queira ler.³⁹¹

Segundo Eduardo Lourenço, o desespero de Miguel Torga “existe na sua obra desde começo. De livro para livro se depura e concentra na expressão e se torna mais reflexivo no conteúdo.”³⁹² Este desespero Torguiano que está, impreterivelmente, associado à sua respiração

³⁹⁰ BALSAS, Álvaro (org.), *O Avanço da Ciência e o Recuo de Deus: Fronteiras do Conhecimento*, Fronteira do Caos Editores, 1ª edição, Porto, 2013, p.132.

³⁹¹ TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.XIII e XIV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000, p.117.

³⁹² LOURENÇO, Eduardo, *O Desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações*, Coimbra Editora, 1955, p.9.

de homem, remete para “uma consciência inquieta e ambígua da sua obra em face do seu autor”³⁹³.

No que toca à visão interpretativa que o autor tem da Bíblia, nomeadamente *n'O Livro de Job*, pode afirmar-se que ele a reinterpreto, recriando certas passagens num contexto de descaracterização da figura do Deus onipotente e, em contrapartida, de elevação da natureza humana:

O paraíso na terra extrai o seu sentido da rebeldia e da libertação hipostasiadas num satanismo plenamente assumido. A presença de Deus deixa de se sentir. Pelo menos, já não atemoriza nem intimida nem esgota o homem.³⁹⁴

Toda a desconstrução poética d'*O Outro Livro de Job* resume-se a uma tentativa de engendrar uma metamorfose do texto sagrado, catapultando-o para o domínio do profano, tendo em conta a exclusiva contemplação do humano.³⁹⁵

Em jeito de conclusão, pode afirmar-se que a escrita de Miguel Torga nos faz refletir bastante na procura da nossa identidade existencial, como seres ávidos de liberdade e de afirmação pessoal que somos. Fica no ar a seguinte questão: será que o autor, na obra *O Outro Livro de Job*, ao entrar em “choque” com Deus, se conseguiu afirmar plenamente na sua liberdade de homem?

³⁹³ *Idem*, p.17.

³⁹⁴ *Idem*, p.68.

³⁹⁵ SOUSA, Carlos Mendes de (org.), *Dar Mundo ao Coração, Estudos sobre Miguel Torga*, Texto Editores Lda, Lisboa, 2009, p.12. “ (...) a óbvia leitura «naturalista» que o mais celebrado dos seus livros escritos quis configurar e que não é mais que a versão para «humano», ou para «vidente», da história divina (...) ”

BIBLIOGRAFIA

Obras de Miguel Torga

TORGA, Miguel, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.I e II*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

—————, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.III e IV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

—————, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.V e VI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

—————, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.VII e VIII*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

—————, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.IX e X*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

—————, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.XI e XII*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

—————, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.XIII e XIV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

—————, *Biblioteca Miguel Torga, Diário Vols.XV e XVI*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

—————, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol I*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

—————, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol II*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

—————, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol III*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

—————, *Biblioteca Miguel Torga, Poesia, Vol IV*, Editora Planeta de Agostini, S.A., Lisboa, 2000.

Bibliografia Geral

ABRUNHOSA, Maria Antónia, Miguel Leitão, *Um Outro Olhar sobre o Mundo – O Universo do Conhecimento*, Edições Asa, Lisboa, 1996.

ARISTÓTELES, Horácio, Longino, Prof Jaime Bruna (org.), *A Poética Clássica*, Editora Cultrix, São Paulo, 2002.

ARNAUT, António, *Estudos Torguianos*, Coimbra Editora, 2ª edição aumentada, Coimbra, 1997.

AUGUSTO, Armindo, *Miguel Torga: o drama de existir*, 2ª edição, Edições Tartaruga, Chaves, 1997.

BALSAS, Álvaro (org.), *O Avanço da Ciência e o Recuo de Deus: Fronteiras do Conhecimento*, Fronteira do Caos Editores, 1ª edição, Porto, 2013.

BELCHIOR, Maria de Lourdes, “Uma Leitura do Diário”, *Colóquio/Letras – Homenagem a Miguel Torga*, Lisboa, vol.98, Julho-Agosto de 1987, Fundação Calouste Gulbenkian, pp.22-24.

BLOCH, M, *Les rois thaumaturges: étude sur le caractère surnaturel attribué à la puissance royale, particulièrement en France et en Angleterre*, Istra, Strasbourg, 1924, *apud*

Enciclopédia Einaudi, *Religião – Rito*, in “Religião”, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XXX, 1987.

CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, (introdução por Silvério Augusto Benedito), 7ª edição, 2002.

CENTENO, Yvette K., *Fernando Pessoa: magia e fantasia*, Asa Editores S.A, 2003.

CÍCERO, Marcus Tullius, *Da Velhice*, (Introdução, comentários, notas e tradução direta do Latim por Tassilo Orpheu Spalding), Editora Cultrix, São Paulo, 1964.

CHORÃO, João Bigotte, “Como é Torga”, *Colóquio/Letras* – Homenagem a Miguel Torga, Julho-Agosto de 1987, Lisboa, vol.98, Fundação Calouste Gulbenkian, pp.19-21.

COSTA, Alcindo *et al* (org.), *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 15ª edição, Lisboa, 1991.

CRISTÓVÃO, Fernando, RODRIGUES, Maria Idalina Resina, LEPECKI, Maria Lúcia e MORNA, Fátima Freitas, *Nemésio, Nemésios – Um saber plural*, Edições Calibri, Lisboa, 2002.

CUNHA, António Manuel dos Santos, *Sophia de Mello Breyner Andresen: Mitos Gregos e Encontro com o Real*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Dezembro de 2004.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*, Edição Res, Porto, 1975.

DELUMEAU, Jean, *Uma História do Paraíso, O Jardim das Delícias*, Terramar, Lisboa, 1992.

DESPLAND, Michel, *La Religion en Occident, Évolution des idées et du vécu*, préface de Claude Geffré, Cogitatio Fidei, Les Editions du Cerf, Les Editions Fidés, 1980.

DUMÉZIL, G, “La religion romaine archaïque”, Payot Paris, 1966, *apud* Enciclopédia Einaudi, *Religião – Rito*, in “Sagrado/Profano”, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XXX, 1987.

DURKHEIM, E, *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, Alcan, Paris, 1963.

DUMÉZIL, G, *La religion romaine archaïque*, Payot Paris, 1966, *apud* Enciclopédia Einaudi, *Religião – Rito*, in “Sagrado/Profano”, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XXX, 1987.

FAGUNDES, Francisco Cota (org.), “*Sou um Homem de Granito*”: Miguel Torga e o seu compromisso, Lisboa, Edições Salamandra, s/d.

FILHO, Linhares, “O poético como humanização em Miguel Torga”, *Colóquio/Letras – Homenagem a Miguel Torga*, Lisboa, vol.98, Julho-Agosto de 1987, Fundação Calouste Gulbenkian, pp.13-18.

FREEDMAN, David Noel e ROBINSON Thomas L., *Grandes Personagens da Bíblia – Dicionário Biográfico Ilustrado*, Selecções do Reader’s Digest S.A, 1ª edição, Madrid, 1997.

FREIRE, António, *Humanismo Clássico, 2ª edição*, Edições Appacdm Distrital de Braga, Braga, 1996.

GAARDER, Jostein, Viktor Hellern e Henry Notaker, *O Livro das Religiões*, Editorial Presença, 2ª edição, Lisboa, 2003.

GAUCHET, Marcel, “La dette du sens et les racines de l’Etat”, *Libre*, I, 2, 1977, pp.5-43.

GIORDANI, Mário Curtis, *Iniciação ao Existencialismo*, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1976.

GONÇALVES, A. Avelino, *Primeiros Elementos da Doutrina Cristã*, Edição da União Gráfica, Lisboa, 1971.

GONÇALVES, Fernão de Magalhães, *Ser e Ler Miguel Torga*, Vega e Fernão de Magalhães Gonçalves, Lisboa, 1998.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia, *Design gráfico: do invisível ao ilegível*, Rio de Janeiro, 2AB, 2000.

GUERRA, Abel, *Elementos de Composição Literária*, Livraria Apostolado da Imprensa, 6ª edição, Porto, 1966.

GUIMARÃES, Fernando, *Simbolismo, Modernismo Vanguardas*, Lello & Irmão – Editores, Porto, 1992.

HUBERT, Henri, e **MAUSS**, Marcel, “Introduction à l’analyse de quelques phénomènes religieux”, *Revue de l’histoire des religions*, LVIII, 1906, pp.163-203, *apud* http://classiques.uqac.ca/classiques/mauss_marcel/melanges_hist_religions/t1_preface/Melanges_1_preface.pdf.

JASPERS, Karl, *Psicología de las concepciones del mundo*. Trad. Mariano Marín Casero, Madrid, Editorial Greda, 1967.

JESUS, Maria Saraiva de, “Responsabilidade, livre arbítrio e religiosidade humanista nos contos e na lírica de Miguel Torga”, *in Rumos da Narrativa Breve*, Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, 2003.

LISBOA, Eugénio, *José Régio - A obra e o homem*, Editora Arcádia, 1ª edição, Novembro de, Lisboa, 1976.

LOPES, Maria do Carmo Azevedo, *MIGUEL TORGA - Uma poética de autenticidade*, Edições Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2005.

LOPES, Óscar, *Entre Fialho e Nemésio - Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea* //, Temas portugueses, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

LOPES, Teresa Rita, *Miguel Torga, Ofícios a “um Deus de Terra”*, Edições Asa, Porto, 1993.

LOURENÇO, Eduardo, *Fernando Pessoa Revisitado*, Moraes Editores, 2ª edição, Póvoa de Varzim, Janeiro de 1981.

LOURENÇO, Eduardo, “O desespero humanista de Miguel Torga e o das novas gerações”, *Tempo e Poesia*, Lisboa, Relógio d'Água, 1987, pp.75-123.

LOURENÇO, Eduardo, “O Portugal de Torga”, *Colóquio/Letras*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, pp.5-12.

LUCAS, António C., *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1974.

MAIA, Carlos Fernandes, *A Dimensão Ética e Educativa na obra de Miguel Torga – um poeta do dever*, Edição Gráfica de Coimbra Lda G.C, 1999.

MARINHO, Maria de Fátima (org.), “Torga e os Labirintos da Identidade Nacional”, in *Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 22 e 23 de Novembro de 2007, FCT, Martin Meidenbauer, 2008.

MARTINS, Fernando Cabral, *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro*, Editorial Estampa, Lisboa, 1994.

MARTINS, Mário, *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*, Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1979.

MIQUEL, A, *L'Islam et la civilization, VII-XX siècle*, Colin, Paris, 1968, *apud* Enciclopédia Einaudi, *Religião – Rito*, in “Sagrado/Profano”, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XXX, 1987.

MOREIRO, José Maria, *Eu, Miguel Torga*, Difel, Lisboa, 2001.

MOURA, Vasco Graça, *Os Grandes Clássicos da Literatura Portuguesa – Bocage, Poesias*
– Editora Planeta DeAgostini, S.A, Lisboa, 2003.

NEGREIROS, José de Almada, *Obras Completas de Almada Negreiros, Autores Portugueses*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

NEVES, Joaquim Carreira das, *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1998.

OLIVEIRA, Cônego Dr. José Galamba de (org.), *BÍBLIA SAGRADA*, Editorial Universus, Janeiro de 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli, *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, Petrópolis, Vozes, 1996.

PEREIRA Maria Helena da Rocha, "Enigmas em Volta do Mito" in *Actas do Symposium Classicum I Bracarense - A Mitologia Clássica e a Sua Recepção na Literatura Portuguesa*, Braga: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia, 2000. P. 13-26.

PEREIRA, José Carlos Seabra, "A Condição do Simbolismo em Portugal e o Litígio das Modernidades", *Nova Renascença*, Vol.9, 1989/1990, pp.143-156.

PINTO, António Vaz, *Ateísmo e Fé, A situação religiosa do Ocidente*, Edições A.A. O., Braga, 1989.

PIRES, António Manuel Machado, GARCIA José Martins, GOUVEIA Margarida, MACHADO Urbano Bettencourt (org.), *Nemésio vinte anos depois*, Edições Cosmos, Seminário Internacional de Estudos Nemesianos, Lisboa-Ponta Delgada, 1998.

PIRES, José Alves, *João Guimarães Rosa – uma literatura almada*, A.I. Brotéria, Braga-Lisboa, 1993.

PIVA, Luiz, *José Régio - o ser conflituoso, dualismo e estilo*, Brasília Editora, 1977.

RÉGIO, José, *Poesia I – Obra completa*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

RIBEIRO, António, *Liturgia das Horas*, Gráfica de Coimbra, 3ª edição, 1991.

RIBEIRO, Eunice, *Ver. Escrever: José Régio, o texto iluminado*, Centro de Estudos Humanísticos, coleção Poliedro, Universidade do Minho, Braga, 2000.

RIQUER, Martin de, *Para Leer a Cervantes*, Acantilado Quaderns Crema, S.A., Sociedad Unipersonal, 2003.

ROCHA, Clara, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

ROCHA, Clara Crabbé, *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*, Livraria Almedina, Coimbra, 1977.

ROCHA, Luís de Miranda, “A Poesia Transmontana e Duriense”, *Suplemento Literário do Jornal de Notícias*, Porto, 24-10-1968, in <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/acabral.htm>.

SANTOS, José da Cruz, *Ensaio sobre Eugénio de Andrade*, Asa Editores S.A, 1ª edição, Abril de 2005, Porto.

SARAMAGO, José, *Ensaio sobre a Cegueira*, Editorial Caminho, 9ª edição, Lisboa, Março de 2004.

SHOURÉ, Edouard, *Os Grandes Iniciados. Esboço da História Secreta das Religiões*, Vega, Limitada, Lisboa, 1998.

SILVA, Celina, *Almada Negreiros. A Busca de uma Poética da Ingenuidade ou a (Re)invenção da Utopia*, Fundação Engenheiro António de Almeida, 1992.

SILVA, Vítor Aguiar e, “Modernidade e Vanguarda em Fernando Pessoa”, *Diacrítica*, nº 11, 1996, pp.705-734.

—————, *Teoria e Metodologia Literárias*, Lisboa, Universidade Aberta, 1990.

SNODGRASS, Mary Ellen, *Clássicos Gregos*, tradução de Saul Barata, Publicações Europa-América, Lda, 1988.

SOUSA, Carlos Mendes de (org.) *Dar Mundo ao Coração, Estudos sobre Miguel Torga*, Texto Editores Lda, Lisboa, 2009.

SOUZA, M.G. de, *Ilustração e História: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*, São Paulo: Discurso editorial, 2001.

UNAMUNO, Miguel de, *Do Sentimento Trágico da Vida*, tradução de Maria do Carmo Silva Quarteto Editora, Coimbra, 2001.

ZAHAN, Dominique, *Sociétés d'initiation Bambara*, Paris, Mouton, 1960, *apud* Enciclopédia Einaudi, *Religião – Rito*, in “Sagrado/Profano”, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Vol. XXX, 1987.

ZAMBRANO, Maria, *El Hombre y lo Divino*, Fondo de Cultura Económica, Madrid, 1993.